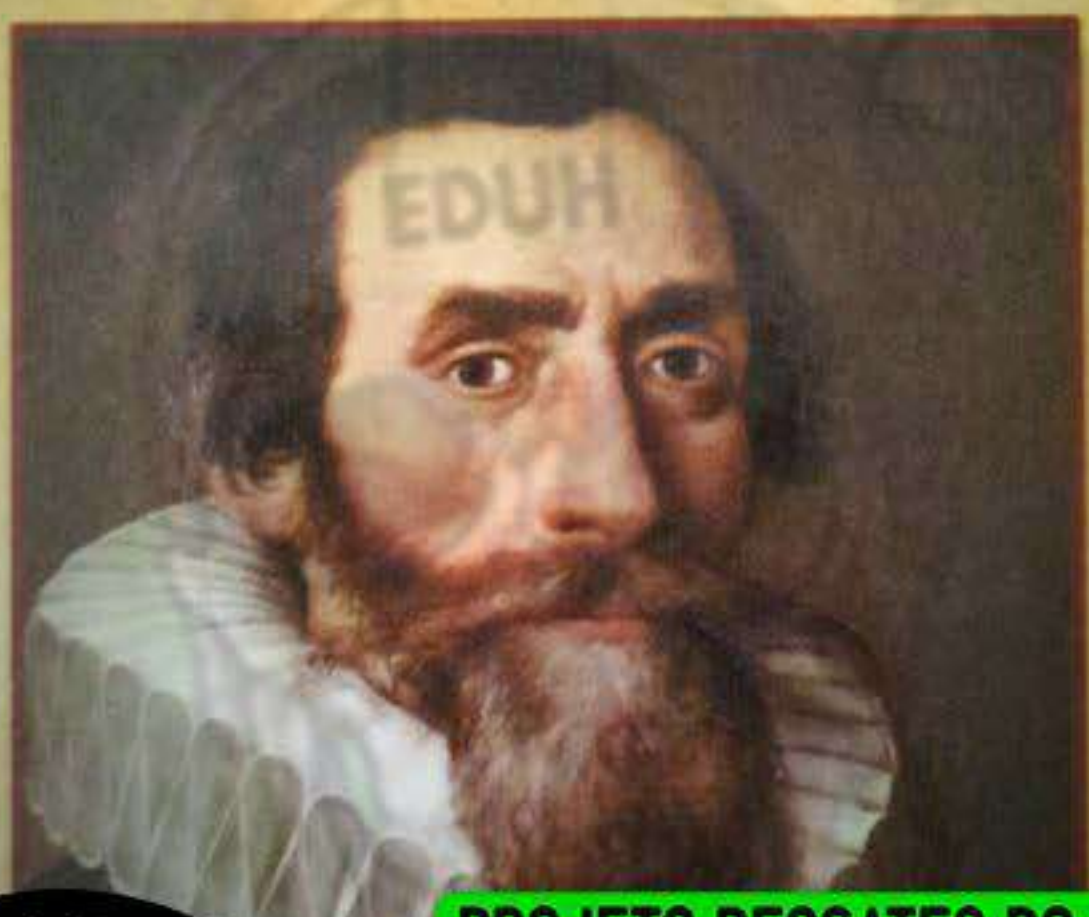
O Nascimento da Franco-Maçonaria

ISAAC NEWTON E OS NEWTONIANOS



PROJETO RESGATES DO ESBOÇO
ESTE LIVRO FOI DIGITALIZADO EXCLUSIVAMENTE POR NÓS
ESBOÇO DE SANIDADE
CONHEÇA O CANAL NO YOUTUBE
INTELLIGERE ET IMPERIUM · PSYOPS DARK ARTS ·

Alain Bauer

Alain Bauer é o Grão-Mestre do Grande Oriente da França. Ele é autor de várias obras relacionadas à Maçonaria, entre elas: *Le Grand O* (Denoël, 2001); e *Le Grand Orient de France* (PUF, 2002).

Em *O Nascimento da Franco-Maçonaria*, Alain Bauer discorre sobre a possibilidade de que a Franco-Maçonaria Especulativa tenha sido uma "invenção" dos amigos de Isaac Newton. Ele explica: "Esses amigos teriam inventado a Franco-Maçonaria, referindo-se a um projeto ideológico inovador. De fato, tratava-se de fazer com que a sociedade abandonasse o debate religioso na Inglaterra, assolada pelas guerras civis, substituindo-o pelo progresso científico como mola mestra".

MADRAS®

O Nascimento da Franco-Maçonaria

ISAAC NEWTON E OS NEWTONIANOS

Alain Bauer

O Nascimento da Franco-Maçonaria

ISAAC NEWTON E OS NEWTONIANOS

Tradução:
Fulvio Lubisco

MADRAS®

Publicado originalmente em francês sob o título *Aux Origines de la Franc-Maçonnerie: Isaac Newton et les Newtoniens*, por Éditions Dervy.
© 2003, Éditions Dervy, Paris.
Direitos de edição e tradução para o Brasil.
Tradução autorizada do francês.
© 2008, Madras Editora Ltda.

Editor:
Wagner Veneziani Costa

Produção e Capa:
Equipe Técnica Madras

Tradução:
Fulvio Lubisco

Revisão:
Arlete Genari
Silvia Massimini Felix
Denise R. Camargo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bauer, Alain
O nascimento da franco-maçonaria / Alain Bauer, Isaac Newton e os newtonianos ; tradução Fulvio Lubisco. — São Paulo : Madras, 2008.
Título original: Aux origines de la franc-maçonneire
Bibliografia
ISBN 978-85-370-0357-2
1. Maçonaria 2. Maçonaria - História I. Título.
08-05214 CDD-366.1
Índices para catálogo sistemático:
1. Maçonaria : Sociedades secretas 366.1

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Madras Editora, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

Todos os direitos desta edição, em língua portuguesa, reservados pela

MADRAS EDITORA LTDA.
Rua Paulo Gonçalves, 88 — Santana
CEP: 02403-020 — São Paulo/SP
Caixa Postal: 12299 — CEP: 02013-970 — SP
Tel.: (11) 2281-5555/2959-1127 — Fax: (11) 2959-3090
www.madras.com.br

Para Michel, Sylvia e Njordur, Roger, Marie-France, Odile, Marie-Danièle, Anne-Marie, Gerard e Roger, que tornaram a Franco-Maçonaria francesa possível.

Para Philippe, que soube encontrar o caminho.
Para Jean-Charles, que o encontrará.

Aos Conselheiros e Conselheiras da Ordem, aos Conselheiros e Conselheiras Federais, aos Conselheiros e Conselheiras Nacionais, aos Deputados(as) e Delegados(as) dos Conventos, aos Veneráveis e Oficiais das Lojas, que se dedicam à sobrevivência das Lojas e das Obediências.

Aos Irmãos e às Irmãs que vivem livremente na Franco-Maçonaria, que emancipa as consciências.
Aos meus amigos, que compreenderam minha diligência.
Para o amigo que compartilhou o seu tempo e minhas preocupações.

À liberdade absoluta da consciência.

Índice

Prefácio 9
Prólogo 13
Volta às Origens 17
Abordagem empírico-crítica 22
Abordagem mítico-romântica 22
Abordagem universal 23
De Robert Moray a *Royal Society* 43
Os fundadores 49
Newton cientista, alquimista e feiticeiro 57
Nascimento da Franco-Maçonaria 69
Epílogo 81
Anexos 87
História simplificada da Franco-Maçonaria 89
Os Grão-Mestres da Grande Loja da Inglaterra 90
História simplificada do Reino Unido 94
História simplificada da França 99
Diálogo entre Simão, Maçom da vila, e Philippe, Maçom em trânsito 106
Bibliografia 113

Prefácio

A História não é uma exploração dos tempos passados, mas sim uma atualização do que fomos para atualizarmos o que somos. Nesse sentido, a História somente existe no presente. É com esse espírito que o leitor deve abordar o livro de Alain Bauer. As fontes newtonianas da Franco-Maçonaria não são simplesmente uma explicação do que é o desenvolvimento do momento maçônico, desde suas origens até o momento presente, mas também permitem compreender os envolvimentos contemporâneos da Franco-Maçonaria.

Este estudo é precioso tanto para aqueles que se interessam pela Franco-Maçonaria, quer porque sejam membros da Ordem ou porque tenham uma curiosidade intelectual, quanto para aqueles que queiram compreender a nossa modernidade e as nossas perspectivas futuras.

Todos sabem que a Franco-Maçonaria se apresenta como uma sociedade tradicional. Mas no próprio interior das Obediências existe um questionamento sobre a natureza dessa tradição, sobre o seu sentido e sobre o seu porvir. O livro de Alain Bauer permitirá, sem dúvida, abrir caminho para respostas pertinentes. Antes de tudo, é preciso fazer uma ressalva à maldosa lenda que liga a Franco-Maçonaria ao Ocultismo quando, ao contrário, sua origem é estreitamente ligada ao movimento das Luzes.

O ambiente dos primeiros franco-maçons era o mesmo da *Royal Society* (Real Sociedade), ou seja, a atual Academia das ciências inglesas. A vontade desses primeiros franco-maçons, companheiros de filósofos e de cientistas, era a da livre-análise, que autoriza o homem a compreender a natureza, o mundo, a socieda-

de; a ver as coisas de Deus pelas luzes de seu entendimento. Toda a história da Franco-Maçonaria é a história desse relacionamento com a sua origem de liberdade espiritual, intelectual e moral, com renegações que se iniciaram na Inglaterra, leais a uma tradição que é a da transmissão e a da evolução. Chegaremos a nos dar conta de que, atualmente, é na Europa continental, e mais particularmente na França, que a Franco-Maçonaria continua a promover essa liberdade: a liberdade do espírito.

Newton é certamente o nome epônimo dessa época, o filósofo, o cientista, tanto físico quanto matemático. Entretanto, devemos levar em consideração o que a Filosofia significava naquela época: tratava-se da ciência das idéias, bem como da ciência da natureza, enquanto *Philosophy* em inglês designa, até hoje, principalmente as ciências experimentais, as ciências da natureza. Além da tradição escolástica, os grandes mitos maçônicos fazem referência ao mundo da construção do Templo de Jerusalém e àquele dos pensadores de Atenas. Para marcar corretamente essa revolução, ou seja, esse retorno que faz com que o homem seja homem, a Franco-Maçonaria moderna retoma as tradições dos construtores de catedrais que, ao longo de toda a Idade Média e apesar de todos os perigos, haviam preservado suas referências a Salomão e a Pitágoras.*

Na própria imagem de Newton, o franco-maçom faz uso da razão para construir pelo espírito a cidade humana. Para tanto, ele deve, em primeiro lugar, instruir-se racionalmente a respeito da natureza das coisas para, em seguida, abrir-se ao mundo das idéias no qual a imaginação não é mais um absurdo da lógica, mas um poder criador, ou melhor, poético. Não podemos nos esquecer de que Newton nunca poderia ter escrito as leis da gravidade sem a descoberta do cálculo integral ao mesmo tempo que o seu irmão inimigo Leibniz. Portanto, trata-se de uma razão, faculdade das idéias, e não uma razão instrumentalizada e reduzida. Essa razão é a que abre, para fazer uso de uma expressão maçônica, "o vasto domínio do pensamento e da ação".

Conservar isso na memória permite ler o primeiro texto fundador da Franco-Maçonaria, que são *As Constituições de Anderson*, e

---

*N.E.: Sugerimos a leitura de *A Sombra de Salomão*, de Laurence Gardner, e *Pitágoras – Ciência e Magia na Antiga Grécia*, de Carlos Brasílio Conte, ambos da Madras Editora.

medir, dessa forma, todos os envolvimentos que a sua verdadeira compreensão suscita ainda hoje assim como suscitou no passado. Indiscutivelmente, esse é um texto liberal tanto no domínio do pensamento e da religião quanto da sociedade. Por exemplo, o fato dessas Constituições excluírem das Lojas as discussões políticas e religiosas não seria por simples prudência diante do poder religioso e político, mas, talvez, antes de tudo, pela afirmação de que a Loja não decide sobre as opções políticas e religiosas de seus membros: religião e política dizem respeito à liberdade de consciência. Pela primeira vez, em consciência, não podemos pertencer à mesma religião do Príncipe mesmo que, apesar dessa liberdade de opinião, a liberdade de expressão fique fortemente limitada ao que é conforme ao Príncipe. Mas sem a afirmação dessa liberdade de crença ou não-crença, sem essa liberdade de opinião, nenhum embate subseqüente teria sido possível para a liberdade de expressão. Aqui podemos ver claramente que se instaura a própria idéia de progresso por meio e dentro de uma tradição que não é a repetição do passado, mas sim uma transmissão para o futuro. Para um franco-maçom, a tradição está à sua frente, e não atrás de si.

Voltar à própria origem da Franco-Maçonaria é, sem dúvida, livrar a Maçonaria contemporânea das deformações de seu espírito que, muitas vezes, limitaram ou frearam a vontade de emancipação do sujeito humano e apresentaram uma imagem não apropriada. A leitura deste livro de Alain Bauer demonstrará que todo franco-maçom poderia retomar por conta própria o lema das Luzes segundo Emmanuel Kant: "Ouse Saber!".

Valeria a pena se os franco-maçons de hoje ousassem conhecer suas origens no seio do *Enlightment* (Iluminismo) inglês, para que todos os outros compreendessem a grande importância do papel da Franco-Maçonaria na história da emancipação da humanidade. Mas esta história que Alain Bauer descreve também é o nosso presente. Este livro pode ajudar-nos a polir nossas armas intelectuais, morais e espirituais contra os riscos do retorno ao obscurantismo. O Grão-Mestre do Grande Oriente da França, nesse texto histórico, participa firmemente de um combate contemporâneo do qual todos os franco-maçons deveriam participar: a luta pela emancipação contínua do pensamento e da vida dos homens.

Michel Barat
Grão-Mestre da Grande Loja da França

Prólogo

Depois de centenas de obras sobre a Franco-Maçonaria qual a necessidade de se escrever sobre suas origens?

Todos os franco-maçons e grande número de profanos se serviram durante séculos de uma grande produção impressa, e mais freqüentemente de obras notoriamente antimaçônicas, a maioria apresentando uma história romanceada da Franco-Maçonaria. No capítulo dedicado a essa história no livro *Le Grand O* (O grande O),[1] escrevi que se tratava de "uma espécie de mitologia barata cujos autores, de erro em erro, produziam mais um romance vulgar do que literatura." A responsabilidade era grande, mas será que ela foi justificada?

Para os franco-maçons, a transmissão está no coração do pertencer. A iniciação é tanto a libertação quanto a integração em uma história coletiva. Cada indivíduo é chamado para tomar conhecimento, de Grau em Grau, de degrau em degrau, de referências datadas, freqüentemente citando as Escrituras, como também os antigos textos do Ofício — *Old Charges* (Antigos Deveres). A Franco-Maçonaria diz respeito a tradições. Seria ainda necessário saber de quais tradições, de qual história, está se falando?

Portanto, para responder a essa pergunta era necessário produzir uma obra de pesquisa e de historiador, coletar as numerosas contribuições francesas, inglesas ou americanas, desenterrar textos esquecidos e hipóteses frágeis, compará-las, examiná-las, trazê-las à luz. Em seguida, pedir que outras pessoas, anônimas ou convidadas, apre-

1. Bauer, Alain, *Le Grand O*, Denoël, 2001, e Gallimard, col. "Folio", 2002.

sentassem suas opiniões no Prefácio e na Introdução a fim de controlá-las, validá-las, retificá-las ou descartá-las.

Este é o resultado de vários anos de um trabalho ainda incompleto, cercado de dúvidas e hesitante diante das contradições. Mas o leitor poderá libertar-se do jugo dos mercadores de certezas que congestionaram a história maçônica do último século, cuja reedição contínua dos trabalhos dava a impressão indolente de que não fosse permitido buscar e a ilusão de tudo saber.

Hipóteses, idéias, aventura. Aqui se misturam ainda história e romance, reprodução literal e mitologia. Mais do que uma arrogante conclusão, trata-se apenas de uma contribuição que abre caminho para outras pesquisas, complementos e eventuais contestações. As críticas são bem-vindas, desde que permitam ser mais esclarecedoras. Em vez de prostrar-se diante das construções definitivas do século passado, parece ter chegado o tempo de abrir caminho para novas pesquisas, que apresentem a verdade histórica em todas as suas dimensões.

A primeira Maçonaria é uma Maçonaria tanto dos ofícios da pedra como também da madeira e do ferro. A Loja é tanto a "barraca" do canteiro na qual são organizadas as ferramentas quanto o local da transmissão de instruções e o local no qual é possível controlar, ao abrigo dos olhares indiscretos, a competência dos recém-chegados. Essa Maçonaria dos canteiros, que faz uso da colher de pedreiro, é chamada de "operativa", enquanto aquela que confere os seus sinais, e unicamente faz uso do pensamento, é chamada de "especulativa".

Durante muito tempo, acreditou-se que a Franco-Maçonaria Operativa havia sido a origem da Franco-Maçonaria Especulativa. Passar-se-ia então de uma Maçonaria dos ofícios para uma Franco-Maçonaria da reflexão sobre os assuntos da sociedade. Deve ter havido uma transmissão ou transição entre essas duas maçonarias. É possível que somente tenha havido, na melhor das hipóteses, uma simples captação?

Será possível revelar finalmente que a Maçonaria Especulativa, nascida na outra margem do Canal da Mancha, tivesse, de fato, sido criada pela iniciativa dos amigos de Isaac Newton, cientista conhecido e alquimista ignorado entre 1700 e 1717, e baseada em uma idéia central: a Ciência irá permitir a saída da guerra civil com uma Inglaterra dividida, retalhada e inferiorizada? Em 1649, a Inglaterra aboliu a Monarquia; depois conheceu o sistema da Ditadura autoritária

de Cromwell sem rei, um retorno à Monarquia absoluta, e, em 1688, o surgimento de um sistema constitucional equilibrado. O conflito que devasta esse país não é somente uma guerra civil, mas também uma guerra religiosa.

O surgimento da Franco-Maçonaria parece ligado, ao mesmo tempo, a essa confrontação de acontecimentos simultâneos, à influência da Reforma[2] sem estabelecimento, à Igreja Anglicana, que nada mais era do que a antiga Igreja Católica com uma simples mudança de insígnia, e aos imprevistos efeitos secundários da impressão das Escrituras em linguagem corrente. Pois, pela primeira vez, aqueles que tinham os meios de aprender a ler e de comprar livros descobriram a dúvida ao constatar as contradições entre o que pregava o clero e o que eles mesmos estavam lendo. O *Ato da Supremacia*, promulgado em 1534 por Henrique VIII, abriu caminho para um conflito interno que somente seria amenizado em 1688.

Essa Maçonaria Inglesa parecia querer induzir a sociedade a abandonar o debate religioso para que fosse substituído pelo progresso científico. De fato, ela afirma o direito à dúvida, acreditando que esta seria o motivador da mudança da sociedade e do fim das guerras religiosas. Todos os seus membros, inclusive "ateus estúpidos e libertinos", eram considerados homens de honra e de probidade, princípio em nome do qual ninguém era perguntado a que religião pertencia e, então, o assunto tornou-se tabu nas Lojas. Por outro lado, era possível falar sobre qualquer outro assunto.

Entre 1700 e 1717, essa Maçonaria se depara com o problema de sua existência em um lento processo de maturação e de elaboração. As quatro primeiras Lojas que se reúnem em quatro tavernas londrinas fazem com que sejam admitidas pelo poder. Sua existência parece ser tolerada pelo poder e, em 1717, elas decidem unir-se para criar a Grande Loja de Londres. Sem a criação dessa Obediência, a Maçonaria Especulativa nunca teria existido. Seis anos mais tarde, elas adotam o texto fundador, as famosas Constituições escritas por James Anderson, em 1723. Trata-se de unificar as práticas das Lojas no que diz respeito à iniciação e aos rituais.

2. Ver particularmente Roger Dachea, *Le Protestantisme aux origines de la Franc-Maçonnerie* (O Protestantismo nas Origens da Franco-Maçonaria), EDIMAF, 2000.

Como conseqüência, as Lojas reúnem-se cada vez menos nas tavernas e mais em lugares apropriados, como os Templos. O Neófito não é mais levado para os andaimes, mas instruído a entrar na Loja respeitando o "passo" do Aprendiz, o processo que lhe permitiria deslocar-se sem cair do andaime. As ferramentas dos construtores, a colher de pedreiro, o nível e o esquadro tornam-se símbolos carregados de sentido. A palavra maçom (pedreiro) perdura. Essas ferramentas utilizadas pela Maçonaria Operativa passaram a fazer parte da simbologia da Loja Especulativa, pois nela nada é construído fisicamente.

A codificação dos ritos também permite aos maçons "viajarem", visitarem outras Lojas e serem reconhecidos em conseqüência das regras impostas. Os Irmãos preferem confiar nas palavras secretas, nos sinais e nos toques que são transmitidos entre si, a fim de se fazerem conhecer e de serem admitidos em seus Graus de Aprendiz ou de Companheiro, apesar de o segredo, conforme já foi visto, ser muito relativo.

Menos de dez anos após a criação da Maçonaria Inglesa, aparece uma obra antimaçônica intitulada *Masonery Dissected* (A Maçonaria Dissecada), que explica detalhadamente a forma de ser reconhecido como maçom. Em seguida, uma longa série de opúsculos e de panfletos foi impressa, misturando revelações e invenções que continuam sendo publicados até hoje.

É chegado o momento, por ocasião do 275° aniversário da criação da Ordem na França, de participar desse esforço necessário de dúvida e de razão e do retorno à própria história de reconstrução de nossa memória.

Alain Bauer
Grão-Mestre do Grande Oriente da França
Presidente do Conselho da Ordem

Volta às Origens

Abrindo o colóquio 2001 da revista *Renaissance Traditionelle*[3] (Renascença Tradicional), Jean Pierre Lassalle lembrava que: "Em vez de proceder a um estudo racional dos textos, crônicas e rituais, a imensa maioria de autores, por um calamitoso desejo de enaltecer a Franco-Maçonaria, não descreveu verdadeiramente nem comentou ou explicou o que vivenciava, o que eles tinham diante deles mesmos, obcecados pelo desejo de nos levar o mais longe possível no tempo, sem rigor algum".

David Stevenson,* o renovador escocês (e profano) da história da Franco-Maçonaria britânica, surpreendia-se:[4] "Por que a história da Maçonaria foi tão fortemente negligenciada pelos historiadores 'habituais'? Muitas respostas podem ser aventadas. A primeira é que seria possível passar uma vida inteira lendo as inépcias escritas ao longo de gerações passadas por autores maçônicos. Freqüentemente, isso levou os historiadores tradicionais que se aventuraram às margens desse assunto a se retraírem desiludidos, concluindo precipitadamente que esse tema era pouco recomendável. Em segundo lugar, apesar de haver excelentes historiadores maçônicos, [...] suas obras não eram somente escritas por maçons, mas

3. *Actes du IVe Colloque de Renaissance Traditionelle, Revista Epônima*, nº 129, janeiro de 2002.

*N.E.: Essa obra de David Stevenson foi publicada pela Madras Editora sob o título *As Origens da Franco-Maçonaria.*

4. Stevenson, David, *The Origins of Freemasonry*, Cambridge University Press, 1988, e versão francesa editada por Télètes, 1992.

também orientadas para os maçons, publicadas por editoras especializadas e (apesar de não conterem segredos) distribuídas unicamente em ambientes maçônicos. [...] O último motivo que cria uma lacuna entre os dois tipos de historiadores é a respectiva atitude. Certos maçons consideram sua história como sendo praticamente de propriedade dos membros do Ofício e não apreciam que outros procurem trabalhar esse assunto: reação manifestamente condicionada pela publicação periódica de artigos sensacionalistas sobre a Maçonaria [...]. Alguns historiadores tradicionais, que desaprovam a Maçonaria ou desconfiam dela, consideram-na um tema pouco recomendável e que seria melhor evitá-la. [...] Se os historiadores se limitassem exclusivamente a estudar os aspectos do passado, aprovados por eles de maneira irrefutável, a nossa compreensão seria, no mínimo, limitada".

E não é raro encontrar narrativas confusas (em todos os sentidos do termo) misturando companheirismo liberal e Maçonaria Operativa em escritos de autores perdidos entre sinônimos e confusão.[5]

Em 1886, Irmãos ingleses tiveram a intuição e a coragem de criar uma Loja consagrada unicamente à pesquisa histórica, exigindo a utilização de métodos rigorosos de autenticação. Assim nascia a *Quatuor Coronati* número 2076. Michel Brodsky[6] lembrava o discurso do reverendo Woodford quando da criação da Loja: "Nessa renascença da literatura e do estudo, da arqueologia e da estética da Franco-Maçonaria [...] as lendas do passado [...] pedem e merecem estudos induzidos por maçons curiosos e aptos ao estudo [...]. Mas, quando falamos das lendas da Ordem, não seria talvez interessante perguntar: "Quais são elas?".

Com lucidez, a *Quator Coronati* se dedicaria ao passado para recolocar em causa ou explicitar a história da Franco-Maçonaria e criar a "escola autêntica" da pesquisa maçônica.

Entre o mito e a lenda, a história e o romance, o produto adulterado e a realidade revisitada, muito foi escrito ou se tentou convencer, pois a historiografia maçônica é geralmente menos ferramenta de conhecimento do que arma política. Contra as igrejas, sua própria

5. É possível encontrar um notável exemplo em *Franciscus, eques a capite galeato*, de Benjamin Fabre, A Renascença Francesa, 1913, reeditado em 2002.
6. Ver Desaguliers, René, *Les Pierres de la Franc-Maçonnerie*, Dervy, 1995.

história, suas alterações voluntárias da realidade, os esforços sincréticos necessários para sua implantação, era preciso criar, inventar, organizar uma história de luta. Os franco-maçons ingleses e depois os franceses foram excelentes nessa disciplina. Eles não somente proporcionaram os meios de criar o mito, como também fizeram, muitas vezes, o esforço de nele acreditar.

Com Brent Morris,[7] é possível até aventar a hipótese de que foram muito eficazes em matéria de pura desinformação. E, assim, a história do jornal inglês *Post Boy* (um dos quatro mais importantes jornais da época, com uma difusão de cerca de 4 mil exemplares) número 5.373, de 26 de dezembro de 1723, permite referir-se à construção. Após o aparecimento de rituais maçônicos muito detalhados no *Flying Post,* publicado em 11 de abril de 1723, os franco-maçons ingleses decidiram rebater. Como a força não tinha nenhuma possibilidade de êxito, a astúcia foi empregada. Retomando alguns elementos já publicados e misturando-os com informações perfeitamente falsificadas, eles organizaram a publicação, por meio de uma correspondência anônima, de uma parte do Ritual. Depois, fingindo pânico e preocupação, readquiriram a quase totalidade dos exemplares desse jornal, que era muito popular por ser distribuído pelo correio. Dessa maneira, eles criaram a impressão de que as revelações do *Post Boy* eram mais seguras que as do *Flying Post*, desacreditando os aventureiros tentados a usá-las para invadir as Lojas. E assim nascia a contra-espionagem maçônica inglesa (mais tarde, os dignitários da Ordem da Inglaterra modificariam, em duas instâncias, a implantação das Colunas do Templo para enganar os curiosos).

Interpretação? Realidade? Na verdade, uma determinação não é possível, mesmo que os argumentos técnicos de Brent Morris possam facilmente implicar a adesão: em 42 pontos de referência, 23 elementos são exatos e coerentes com o ritual ou tradição maçônica; 14 são exatos, mas incoerentes com os textos conhecidos da época; somente cinco são incorretos e incoerentes. Mas aqui se trata de questões essenciais repletas de detalhes. Questões que não sofrem qualquer interpretação por parte dos verdadeiros franco-maçons.

---

7. Ver *Heredom,* revista da Scottish Rite Research Society, vol. 7, 1998, Washington.

De qualquer forma, a história merecia ser contada. Ela também esclarece diversas dificuldades por causa da interdição de imprimir os rituais ou de unificá-los. As Obediências maçônicas, Federações centrais das Lojas, demoraram a intervir no conteúdo e na forma dos rituais, principalmente para permitir as visitas entre as Lojas em uma época na qual a identificação dos iniciados era feita por meio de palavras ou de sinais. De repente, o essencial do conhecimento dos textos da época decorre de denúncias antimaçônicas. Outras pessoas ainda fizeram da mitologia maçônica uma verdadeira profissão. Entre vidraria e "água de fogo", elas vendiam diplomas e certidões de rituais aleatórios e de graus fantasiosos.

Camille Savoire, Grande Comandante do Grande Colégio dos Rituais, na obra publicada em 1924 sobre as Oficinas Superiores do Grande Oriente da França, escreveu: "A história da Maçonaria dita Escocesa ou dos altos Graus, como a da Maçonaria Simbólica, deu lugar a certas lendas. Os autores dessas lendas, não se preocupando absolutamente com o respeito à verdade histórica, buscavam unicamente dar às Oficinas às quais pertenciam, ou a respeito das quais perseguiam a criação, uma origem antiga. Dessa maneira, eles as ligavam a sociedades iniciáticas, cuja existência era freqüentemente problemática, ou a ordens da Cavalaria da Idade Média,* sem se preocupar em estabelecer a filiação entre uns e outros. Também, sem nos demorarmos no estudo dessas lendas, cujo objetivo principal era, muitas vezes, o de inventar, pelo mistério de cartas de falsa nobreza colocadas a serviço de combinações, e cujo interesse individual, amor próprio ou mercantilismo não eram excluídos, examinaremos os fatos em si mesmos. Parece [...] que as Oficinas superiores devem a sua origem aos maçons especulativos (cientistas, literatos, filósofos, arqueólogos, místicos ou ocultistas) que, durante meados do século XVIII, se introduziram nos meios maçônicos para neles se organizarem em círculos esotéricos ao abrigo do segredo maçônico e das formas ritualistas".

Mas a "clássica" pesquisa histórica, às vezes, também permite descobrir alguns elementos perturbadores. Assim, os mais tradicionalistas franco-maçons consideram, em nome dos textos fundadores, que a mulher não teria o seu lugar na Loja. A Tradição, que se edificava em nome do valor cada vez mais forte do texto mais antigo

* N.E.: Sugerimos a leitura de *A Cavalaria – A Origem dos Nobres Guerreiros da Idade Média,* de Jean Flori, Madras Editora.

e a descoberta no seio do Manuscrito Halliwell, dito Regius, de 1390, e "Bíblia" da Maçonaria Operativa, dá a seguinte frase:[8] "O nono ponto de nossa lista cria o atendente da grande sala. Se nela vocês se encontrarem, um servirá o outro com alegria, os Companheiros nobres serão realmente atendentes a cada turno, a cada semana consecutivamente, com a missão de se ajudarem mútua e amavelmente, assim como atender *às Irmãs e aos Irmãos;* jamais alguém à custa de outro e em nenhum caso isso será interrompido [...]", não deixará de interpelar certas consciências.

O aparecimento na mitologia maçônica da irlandesa Elizabeth Saint-Léger, *A Dama Maçônica,* sobre o mesmo assunto, é mais do que um trejeito duvidoso. Em uma notícia publicada em 1878,[9] descobre-se que a sra. Aldworth, filha de Arthur Saint-Léger, visconde Doneraile, e irmã do Venerável Mestre da Loja nº 44, cujo trabalho era dedicado ao castelo, incitada por uma devoradora curiosidade, teria secretamente espionado uma sessão. Descoberta, ela teria sido iniciada, e o seu retrato em trajes maçônicos enfeita numerosas Lojas irlandesas. Desde 1895, a revista da Loja inglesa de pesquisas *Quator Coronati*[10] confirma que, realmente, deve ter havido uma "iniciação".

A Loja de Pesquisas da Grande Loja da Irlanda publicara também, em 1925,[11] um estudo lembrando que na sua morte, em 1782, os Irmãos lhe renderam homenagem saudando a "memória de nossa Irmã Allworth de New Market". O debate sobre a iniciação de mulheres, ou o reconhecimento devido às Irmãs, parece então ser bem menos moderno do que aparenta ter sido. Desse ponto de vista, a criação das Lojas de adoção na França, ao seio do Grande Oriente da França, em 1774, antes de um ponto de vista local,[12] mereceria um embasamento maior por parte dos pesquisadores e dos arautos das verdades oficiais...

---

8. Ver *La Franc-maçonnerie, documents fondateurs,* Cahiers de l'Herne, e *Textes fondateurs de la Tradition maçonnique,* Grasset, 1995.
9. Em *Masonic Cyclopedia and Handbook of Masonic Archeology, History and Biography,* de Kenning, Londres, 1878.
10. *Supplementary note on the Lady Freemason* nos AQC Proceedings, 1st March 1895, de W.J. Chetwode Crawley. É possível ler a interessante investigação quase policial conduzida por Edward Conder e publicada pelos AQC, vol. 8.
11. *History of the Grand Loge of free and accepted Masons of Ireland,* vol. 1, Dublin, 1925.
12. Entre 1730 e 1740 para os Mopses. Ver principalmente Jean Pierre Bacot, *Les filles du pasteur Anderson,* Édimaf, 1988.

Da mesma forma, o mito central de Hiram, que apareceu tardiamente, poderia ser comparado ao homicídio de *sir* Thomas Beckett, arcebispo de Cantuária eliminado em 1170 em condições próximas do ritual? Por que esse homicídio não é necessário à Franco-Maçonaria, ao menos para as Lojas de origem?

Isso também ocorre, às vezes, na Franco-Maçonaria, em que "mestres pensadores" se transformam em mestres críticos.

Dessa forma, a história pode ser desagradável para os militantes de uma causa, quando se disfarçam de defensores de tradições. Então é necessário recolocar em evidência as hipóteses apresentadas, completadas ou modificadas ao longo dos últimos anos, graças principalmente à coragem e à tenacidade dos pesquisadores anglo-saxões, revezados por eruditos franceses, cujos trabalhos permaneceram, muitas vezes, na ignorância. Não esqueçamos o importante trabalho de pesquisa sobre as evoluções dos nomes em virtude da transformação fonética e dos erros de copiagem.

Ao longo do mesmo colóquio 2001 da Renascença Tradicional, o professor Antoine Faivre,[13] no que parece ser a síntese mais elaborada estabelecida sobre a questão das origens, lembrando a distinção entre a história dos acontecimentos verificáveis tratada de maneira empírica e aquela "meta-histórica", que pesquisa o sentido velado das coisas por trás dos fatos, demonstrava toda a dificuldade da pesquisa sobre a Maçonaria. Ele lembrava que é possível distinguir três grandes formas:

Abordagem empírico-crítica

A análise histórica é factual, e não espiritual. Mais moderna e em plena expansão, ela considera a história maçônica como uma ramificação totalmente à parte da história social.

Abordagem mítico-romântica

Baseada na inventividade muito desenvolvida da parte histórica das Constituições de 1723, reforçada pelas publicações de William Preston,[14] ela combina lendas e fatos, chega até a encontrar origens

13. *Actes du IVe Colloque de Renaissance Traditionnelle,* obra citada.
14. Illustrations of Masonry, 1772, várias reedições.

extraterrestres na Ordem. Toda a literatura maçônica dos séculos XVIII e XIX é por ela influenciada.

Abordagem Universal

Sempre de acordo com Antoine Faivre: "Procura-se casar o sistema simbólico maçônico com outros sistemas a fim de satisfazer uma necessidade essencialmente experimental e individual. [...] Em outros termos, os símbolos maçônicos não seriam específicos da Maçonaria, mas seriam muito mais a expressão de constantes universais presentes ao longo das eras sob diversos disfarces, independentemente de toda a questão de filiação histórica". A abordagem mais fortemente utilizada pelos partidários dessa tese é o elo com a Alquimia. Oswald Wirth foi um grande defensor dessa opinião.

Quanto a René Guénon, ele é paradoxalmente usado pelos partidários da ala mítico-romântica e dos universalizantes.

Como lembra o próprio Antoine Faivre, na verdade não existem fronteiras entre as três opções, e as porosidades são numerosas. Em muitos casos, trata-se mais de uma questão de fé do que de razão. De fato, longe de ser um universo restrito ou fundamentalista, a pesquisa histórica maçônica precisa abordar de frente essas três teses para tentar aproximar-se das Origens.

Entre 1390 e 1723, podemos enumerar até 130 manuscritos que relatam usos, costumes, rituais e histórias da Maçonaria dos operativos.[15] Em 1898, Whilhelm Begemann classificou os textos encontrados em dez categorias distintas (cada uma comportando um ou mais documentos):

A Manuscrito Regius
B Cooke (três versões)
C Plot (cinco versões)
T Tew (sete versões)
D Grand Lodge (49 versões)
E Sloane (21 versões)
F Roberts (seis versões)
G Spencer (seis versões)

15. Ver *Textes fondateurs de la Tradition maçonnique,* obra citada.

H Versões diversas (textos isolados sem ligação com as outras categorias da classificação) (sete versões)

X Versões faltantes (textos citados de maneira parcial em que são conhecidas de forma alusiva) (13 listas)

Às vezes, a profusão de documentos faz com que sejam geradas classificações cruzadas, que é o caso de um manuscrito intitulado "reconstituído".[16]

De um ponto de vista empírico, a maioria dos pesquisadores concorda em considerar que é preciso determinar um lugar importante aos manuscritos dos operativos:

- O Manuscrito *Regius* (oriundo da região de Gloucester) foi redigido em forma de poema (também qualificado como Manuscrito de Haliwell) em 1390.
- O Manuscrito *Cooke* (oriundo da região de Oxford) é datado de aproximadamente 1410.
- Um manuscrito intitulado *Grand Lodge*[17] (oriundo da região de York) é datado de 1583.
- As duas versões dos Manuscritos *Shaw* são datadas de 1598 e 1599.

Evidentemente é preciso acrescentar, para ser correto, as duas versões sucessivas das *Constituições* redigidas em 1723 e 1738 por James Anderson.

Para tanto, parece difícil encontrar a existência de uma corporação de pedreiros operativos em Londres antes de 1356, data em que um conflito profissional deve ter sido resolvido pelo prefeito "porque sua profissão não havia sido definida corretamente segundo a tradição de seu ofício, da forma como havia sido definida para os outros".[18] Foi preciso esperar até 1376 para que uma delegação da corporação se apresentasse ao Conselho Municipal da Cidade de Londres. Em 1472, ela se tornava uma das mais importantes

16. Ver o trabalho de pesquisa de W. Mac Leod, *The Old Charges and the Hathaway Manuscript*, AQC 90, 1977 e AQC 94, 1981.

17. Tem o nome de seu atual proprietário sem que isso tenha qualquer ligação com a sua origem histórica.

18. Citado no livro *La Compagnie des Maçons de Londres*, C.N. Batham, em "Travaux de la Loge nationale de recherches Villard de Honnecourt, 2ª série, nº 2, 1980.

da cidade. Uma teoria dissidente, expressa por Edward Conder[19] e mencionada nos *Cahiers de l'Herne* (Cadernos do Herne) de 1992, lembra que a construção da ponte de pedra de Londres em 1176 e depois a construção da nova igreja da Abadia de Westminster, a partir de 1221, impondo a presença de inúmeros pedreiros, exigira a regulamentação de uma estrutura corporativa.

Existem Regulamentos[20] (Pedreiros de Londres em 1356, Ordenanças de York em 1370) que estabelecem as regras de contratação e de respeito pelas autoridades locais. Mas foi preciso esperar os pilares que constituem o *Regius* e o *Cooke* para estabelecer bases científicas sólidas. Entretanto, convém lembrar, preliminarmente, alguns elementos que permitiram evitar uma confusão.

Evidentemente, não se deve confundir Regulamentos (sistema de organização) com Rituais.[21] Durante muito tempo, a cerimônia de recepção não era "iniciática". O Candidato era aceito e, às vezes, eram-lhe lembrados, muito sucintamente, os princípios ou a história da Ordem; faziam com que prestasse juramento sobre a Bíblia e era-lhe comunicada a palavra que permitia que fosse pago segundo os costumes. E, assim, os mais antigos rituais maçônicos são escoceses.

A transmissão da Palavra do Pedreiro foi a semente primordial do ritual maçônico. No século XVII, as Lojas escocesas de maçons operativos recebiam membros que não pertenciam ao ofício. Tratava-se principalmente de clientes, de pessoas ilustres ou benfeitores. Essa prática de "aceitação" provavelmente não era específica dos maçons escoceses, mas foi nesse pequeno país – a Escócia foi independente até 1707 – que essa prática provocou uma verdadeira transformação na Ordem. Tratava-se realmente de uma transformação progressiva? Assim foi dito muitas vezes, mas atualmente os historiadores estão em dúvida a esse respeito.

De fato, o perfil desses maçons "aceitos" – estranhos ao ofício – é relativamente qualificado. De maneira geral, tratava-se de eruditos humanistas a respeito dos quais é conhecido o interesse pela Antiguidade, pelo hermetismo e pelas nascentes ciências experimentais... Além disso, em poucos anos, essa introdução importante de

19. *The Hole Craft and the Fellowship of Masonry,* AQC, Vol. IX, 1894.
20. Ver *The Medieval Mason,* Douglas Knoop e G.P. Jones, Manchester, 1967.
21. Ver Harry Carr, *600 years of Craft Ritual,* AQC nº 81, 1968.

"aceitos" fez supor que houvesse um projeto subjacente, mas, a despeito das numerosas hipóteses, ignora-se qual era esse projeto.

O interessante é que está disponível uma documentação relativamente importante sobre as práticas ritualísticas dessa Maçonaria Escocesa, que é a fonte da Franco-Maçonaria Especulativa. A cerimônia parece uma espécie de "trote" ao final do qual o Candidato é instruído sobre os sinais e sobre a misteriosa "Palavra do Maçom", os quais lhe permitem ser reconhecido. Essa transmissão da "Palavra do Maçom" parece ser o coração da cerimônia.

Desde 1630, um poema[22] faz alusão a essa cerimônia em dois versos:

"Pois nós, irmãos da Rosa-Cruz
Possuímos a Palavra do Maçom e a segunda visão."

Durante todo o século XVIII, as confirmações multiplicaram-se na Escócia a respeito da "Palavra do Maçom". E assim, em 1649, quando da assembléia geral da mui calvinista igreja da Escócia, muitos membros se preocuparam em saber se isso não envolvia alguma feitiçaria ou se, de alguma forma, tudo isso não era desagradável a Deus. Essa preocupação reapareceu em 1652, quando se percebeu que um candidato ao ministério de pastor, James Ainslie, conhecia o segredo dos maçons. O caso deu origem a muitos debates, e as autoridades foram consultadas. Finalmente houve uma decisão:[23] "Segundo sua avaliação, não havia pecado nem escândalo nessa palavra porque, durante os tempos mais puros dessa igreja, maçons de posse da palavra haviam sido ministros; porque maçons e homens de posse dessa palavra ainda hoje tomam parte de nossas assembléias e um grande número de professores de posse dessa palavra são diariamente admitidos aos sacramentos".

Foi em 1691 que o pastor Robert Kirk proporcionou a chave:[24] "A Palavra do Maçom, a respeito da qual alguns fazem mistério, não querendo esconder o pouco que eu sei, é uma espécie de tradição rabínica no sentido de um comentário sobre Jachin e Boaz, as duas

---

22. *The Muses Thenodie,* Henry Adamson 1638, citado em *History of Perth,* T.W. Marshall, 1849.
23. Arquivos da Escócia (SRO), CH. 2/198/3. Registro do Conselho dos Anciãos da paróquia de Jedburgh, citado por David Stevenson.
24. Biblioteca da Universidade de Edimburgo (E.U.L.), MS Laing III, 551, citado por David Stevenson.

colunas erigidas no Templo de Salomão, além de um certo sinal secreto transmitido de mão em mão, por meio do qual eles se reconhecem e se tornam familiares em seu meio".

Mas é preciso esperar até 1696 para ter, com o manuscrito chamado *Des Archives d'Édimbourg* (Dos Arquivos de Edimburgo), o mais antigo e completo ritual maçônico. Seguem depois, em 1700, o Manuscrito *Chetwode Crawley* e, em 1720, o Manuscrito *Kevan.* Segundo René *Desaguliers,*[25] eles se parecem muito com a Maçonaria Francesa do século XVIII; consideram um cenário e sinais de reconhecimento acompanhados de uma instrução elementar que consiste de algumas perguntas e respostas sobre o Templo de Salomão e as ferramentas da Loja.

Não é possível ignorar as dificuldades semânticas nessa pesquisa histórica. Eric Ward, completando seus trabalhos de 1955,[26] com seu notável estudo de 1978,[27] lembra que na Idade Média a palavra *freemason* nada mais era que a contração de *freestone mason,* pedreiro de pedra franca, uma pedra muito frágil e difícil de ser trabalhada. De *sculptores* a *cementarius,* depois *mestre mason, masouns, fre maceons, liberi cementarii, fremasons, fre masyns* até *freemasons,* Eric Ward nos conduziu, de 1212 a 1526, em uma viagem etimológica que, aqui, não saberíamos resumir. Mas o seu estudo demonstra, como o fará René Desaguliers, mais adiante, em 11 artigos de referência,[28] que a pesquisa sobre o conteúdo das palavras muito esclarece os erros contemporâneos de certos "historiadores".

Mais tarde, os *maçons aceitos*, não-operativos, tornaram-se *Free-Masons* ou *Free Masons,* com ou sem hífen, mas sempre em duas palavras, como lembra Roger Dachez[29] quando de sua intervenção no 3º Colóquio da Renascença Tradicional.

Esses Candidatos eram livres com relação ao Ofício, mas não estavam livres dentro do Ofício. A confusão, devida em parte a revisores apressados e a historiadores pouco atentos, fará o resto.

---

25. Em "Renaissance Traditionnelle", nº 47, julho de 1981.
26. Em *The Crisp English Word Freemason,* Ars Quatuor Coronatorum 68, 1955.
27. *The Birth of Free-Masonry,* Ars Quatuor Coronatorum 91, novembro de 1979.
28. Reagrupados em *Les Pierres de la Franc-Maçonnerie,* René Desaguliers, Dervy, 1995.
29. Em "Renaissance Traditionnelle", número 118/119, abril de 1999.

O Poema *Regius* (1390) inicia por uma preliminar, lembrando que ele define "os estatutos da arte da Geometria segundo Euclides". A Geometria, "inventada no Egito pelo grande matemático Euclides", assumiu então o nome de Maçonaria. Ela foi levada para a Inglaterra "na época do bom rei Aldelston" para permitir aos "grandes senhores e gentis damas que tinham muitos e bons filhos, mas sem dinheiro suficiente para entretê-los, [...] a fim de decidir pelo amor a seus filhos, como poderiam melhorar seu padrão de vida...". Então o rei reuniu uma assembléia de nobres e burgueses para estabelecer alguns Estatutos comuns em 15 pontos e um Regulamento que previa "a convocação de uma assembléia anual, no lugar que quisessem, para corrigir os erros que fossem encontrados no Ofício, no interior do país".

A Loja é mencionada no próprio texto, assim como as sete artes liberais (Gramática, Dialética, Retórica, Música, Astronomia, Matemática e Geometria). Os patronos dos maçons são então Severo, Severiano, Carpóforo e Vitorino, denominados "os quatro coroados", que foram martirizados em Roma antes do ano 300. O final do Poema constitui um manual de bem-viver, principalmente à mesa. Segundo Edmond Mazet,[30] ele parece ser composto de um relato histórico de Deveres em 15 artigos e 15 pontos e de um apêndice que faz referência a outros textos.

O Manuscrito *Cooke* (1410) é quase uma repetição do *Regius*. Mas parece ter sido objeto de um processo curioso de abordagem a dois textos diferentes e completos, e certas evoluções importantes são destacadas por Patrick Négrier:[31]

- Os quatro coroados são substituídos por Caim, Jabel, Jubal, ou Tubal, e Neema (padroeiros dos maçons, dos músicos, dos ferreiros, das fiandeiras e das tecelãs).
- A referência à Torre de Babel é substituída pelas duas Colunas do conhecimento sobre as quais estão inscritas as sete artes liberais, recuperadas por Pitágoras (novo grande matemático) e Hermes, o filósofo. Supostamente, Abraão transmitiu as artes aos egípcios e a Euclides, o seu aluno.

30. "Cahiers de l'Herne", *La Franc-Maçonnerie, documents fondateurs,* 1992.
31. Em *Textes fondateurs de la Tradition maçonnique,* obra citada.

E, assim, o Manuscrito *Cooke* completa a pré-história maçônica definida pelo Manuscrito *Regius*. Ele ainda inclui o episódio francês (o fato de Carlos II ter sido aceito como maçom antes de ser coroado rei) que é intercalado entre o Egito, a construção do Templo de Salomão e a chegada na Inglaterra. O Manuscrito *Cooke* também faz referência às suas fontes, aos numerosos autores e, é claro, à Bíblia.

Quanto ao Manuscrito *Grand Lodge* (1583), ele retoma a essência dos dois manuscritos anteriores, incluindo, entre outros, Carlos Martel na linhagem dos maçons precursores da França, e menciona que a primeira assembléia de maçons ocorreu em York. Ele ainda menciona que "uma compilação da história da Maçonaria foi realizada a partir de testemunhos em francês, grego, inglês e em outras línguas...". Pela primeira vez, acontece a cerimônia de recepção do maçom por meio da leitura da coleção seguida por um juramento.

Os Manuscritos *Schaw* (1598 e 1599) parecem dedicar-se mais ao Código da boa conduta e, atualmente, são o âmago da Maçonaria moderna. Ao estruturar um ofício essencial na Irlanda, país pobre e protestante, o católico William Schaw, Supervisor Geral do Reino, Mestre-de-obras do Rei e Mestre Chefe dos Pedreiros, faz uma mistura entre arquiteto e encarregado de obras, segundo George Draffen.[32] Para David Stevenson,[33] a determinação dos reis da Escócia em não mais delegar a responsáveis temporários o trabalho dos edifícios reais permitiria ao primeiro "Grão-Mestre do conjunto e dos detalhes dos palácios reais, construções e consertos, bem como Grão-Supervisor, Diretor e Comandante", a ocupar um lugar essencial na pré-história da Franco-Maçonaria. Nomeado a título vitalício em 21 de dezembro de 1583 (falecido em abril de 1602), William Schaw, católico, foi um dos mais fiéis servidores da coroa escocesa durante toda a sua vida. Ele também participou de operações diplomáticas importantes, principalmente na França em 1584-1585 e, em seguida, junto à coroa dinamarquesa (a esposa do rei da Escócia, Jaime VI, era Ana da Dinamarca, que faria dele o seu Camareiro).

A partir de 1427, o Parlamento de Edimburgo, por meio de uma decisão, encarregou os conselhos dos burgos e os barões do interior do país a supervisionar os Ofícios. Na realidade, esse dispositivo

32. "Cahiers de l'Herne", obra citada.
33. *Les Origines de la Franc-Maçonnerie, le siècle écossais,* obra citada.

pouco aplicado não resistiria à vontade reformadora de Schaw. Em 28 de dezembro de 1598, William Schaw publicava os primeiros *Estatutos e Regulamentos que deviam ser observados por todos os Mestres Pedreiros do Reino.*

Sem precisar quais, os Estatutos rezam que os Pedreiros devem observar os Regulamentos estabelecidos por seus antecessores. Eles estabelecem principalmente que um supervisor deve ser eleito uma vez por ano em cada Loja; também estabelecem as condições do registro de Aprendizes (no máximo três durante a vida de um Mestre; e subordinados a ele durante, no mínimo, sete anos, não podendo ser integrados na Ordem antes de outro período de sete anos).

É possível presumir que os Estatutos *Schaw* organizassem a profissão e que as antigas Lojas aceitassem os novos textos. De fato, parece mais se tratar da criação simultânea de textos e de Lojas. Pode-se até constatar a existência paralela de Lojas *Schaw* e corporações de Ofícios paralelos (às vezes juntando vários grupos, como marceneiros e pedreiros), muitas vezes compostos dos próprios membros. A temporalidade de umas cruzando a territorialidade das Lojas *Schaw* em uma geometria de importantes variações.

Os segundos Estatutos *Schaw,* datados de 28 de dezembro de 1599, parecem ter surgido de uma reunião organizada no dia de São João. Eles consistem de 14 parágrafos: organizam o sistema de eleição do "Supervisor do Território de Kilwinning" e de sua anualidade, assim como o sistema de organização da Loja e o cuidado com o Banquete anual. Também são consideradas as formas de controle do conhecimento da Arte e da Memória, com emendas. Consideram as contribuições e o tipo de relacionamento com os conselhos de presbíteros. Eles definem, afinal, o princípio de um exame na entrada. Texto de precisão e de compromisso com os costumes anteriores, os Estatutos permitem levar em conta as reações hostis à publicação da primeira versão. Eles estabelecem até uma ordem protocolar entre Lojas, tornando Edimburgo a primeira Loja, seguida de Kilwinning e Sterling. Mas, como é freqüente na Maçonaria, apesar de ser a segunda, Kilwinning é a Loja Mãe Real.[34]

Em sua obra aqui muito citada, David Stevenson faz igualmente menção dos Manuscritos Sinclair, publicados com a concordância

34. Ver em todo este capítulo *Les Origines de la Franc-Maçonnerie, le siècle écossais,* obra citada.

de *Schaw* por William Sinclair de Roslin em 1600 ou 1601.*Documento curto e muito prático, a "Carta Saint Claire" é mais uma orientação disciplinar e marca o poder de um grupo que defende o seu território contra as pretensões reais de *Schaw*. Esse texto nunca foi ratificado pelo rei da Escócia, e a morte de *Schaw* em 1602 não permitiu a desejada unificação de um ofício e de uma hierarquia.

A partir de 1602, iniciou-se um período de problemas e conflitos internos pela sucessão de *Schaw*. A fraqueza da monarquia e as dificuldades internas aumentaram a confusão. Uma segunda Carta Saint Claire e Estatutos de Falkland foram redigidos, mas raramente ou nunca foram aplicados. Em 1660, William Moray de Dreghorn foi nomeado Mestre-de-Obras, Inspetor e Superintendente Geral das construções por Carlos II. Em 1662, William Moray dividia o cargo de Supervisor Geral das obras de construção para a Escócia (curiosamente incluindo a artilharia), mas, em 1669, ele acabou renunciando e marcou assim o declínio do título.

Na primeira versão de suas *Constituições* (1723), James Anderson também apresenta uma pré-história maçônica, retomando, em um estilo bastante surpreendente, os mesmos elementos, começando por Adão que "devia possuir as Ciências Liberais, particularmente a Geometria, inscritas em seu coração... Não há dúvida de que Adão ensinou a seus filhos a Geometria e o seu uso nas diversas artes e ofícios convenientes nessas épocas antigas...". A Torre de Babel é indicada sem ser citada por nome, e a passagem pelo Egito é destacada. Supostamente, os israelitas se tornaram, "quando de sua saída do Egito, um reino inteiro de maçons bem instruídos e liderados por seu Grão-Mestre Moisés que, freqüentemente, os convocava em uma Loja regular e geral, quando estavam no Deserto, onde ministrava sábias obrigações, Regulamentos, etc."

Há três pontos que fazem a diferença entre as edições de 1723 e de 1738. No texto de 1738 é adicionado o seguinte:

- No início, um sumário do conteúdo com divisão em partes e capítulos;
- O título: o novo *Livro das Constituições*;
- A dedicatória ao príncipe de Gales (que, socialmente falando, é muito importante, pois o príncipe havia sido iniciado);

*N.E.: Sugerimos a leitura de *A Espada e o Graal* e *O Pergaminho Secreto*, de Andrew Sinclair, ambos da Madras Editora.

- Uma alusão à cronologia hebraica, estabelecida por Ussher, Prideaux e outros, datando a criação do mundo em 4004 a.C.;
- A divisão da parte mítico-histórica em capítulos;
- É oficialmente mencionado o tema da morte de Hiram nestes termos: "A morte repentina de seu caro Mestre Hiram Abiff,*que eles enterram decentemente...";
- Um texto mais completo sobre o período de Salomão em toda a Antiguidade, inclusive a romana, e depois a história da Itália com os Médicis;
- A partir de Júlio César, a cronologia dos reis saxões consiste unicamente de maçons;
- O aparecimento da Franco-Maçonaria na Irlanda até 1730;
- Toda a parte histórica posterior a 1723;
- A lista dos Grandes Mestres desde Santo Agostinho (Austin) de Canterbury.

No que diz respeito aos Deveres, há uma diferença entre as *Constituições* de 1723 e de 1738:

- no artigo I, que afirma a obrigação dos maçons cristãos a respeitar os usos cristãos nos países cristãos pelos quais passavam;
- no artigo III, que faz alusão aos personagens nobres, ricos e sábios que desejam entrar nas Lojas;
- no artigo VII, que trata dos processos civis;
- na defesa da Franco-Maçonaria em resposta a Prichard.

Não é necessário retomar as controvérsias do 1° Artigo: "A respeito de Deus e da Religião" (ver a reprodução no final deste livro).

Entretanto, é possível observar que a tradução francesa de 1735 (redigida pelo abade Jean Moore),[35] intitulada *Devoirs enjoints aux*

*N.E.: Sugerimos a leitura de *O Livro de Hiram*, de Christopher Knight e Robert Lomas, e *Girando a Chave de Hiram*, de Robert Lomas, ambos da Madras Editora.
35. Tradução de Daniel Ligou, em *Les Constitutions d'Anderson*, 3ª edição, Edimaf, 1987.

Maçons libres (Deveres prescritos aos maçons livres), por premonição ou conformismo, já possui uma autorizada versão corrigida. Portanto, a seguinte versão original: "Um maçom é obrigado, por meio de sua associação, a obedecer à Lei moral; e, se entender corretamente a Arte, ele nunca será um ateu estúpido e libertino. E apesar do fato de que antigamente os maçons fossem obrigados, em cada país, a pertencer à religião desse país ou nação, independentemente de qual ela fosse, atualmente foi considerado mais cômodo restringi-los unicamente a essa religião, com a qual todos os homens concordam, ou seja, ser homens de bem e leais, ou homens de honra e de probidade, isentando-se de denominações ou crenças religiosas que ajudem a distingui-los e, conseqüentemente, a Maçonaria torna-se o Centro de União e o meio de estabelecer uma amizade fiel entre pessoas que poderiam, eventualmente, manter-se a distância permanentemente"; transforma-se em: "Um maçom livre é obrigado pelo seu estado a conformar-se à moral e, se entender bem a Arte, nunca será um ateu nem um libertino sem religião. Apesar do fato de que, durante os séculos passados, os maçons fossem obrigados a pertencer à religião do país no qual viviam, já foi julgado, há algum tempo, mais apropriado somente exigir deles que pratiquem 'a religião com a qual todo cristão concorde', deixando que cada um optasse de acordo com seus sentimentos particulares.[36]..." Patrick Négrier afirma que, em 1737, uma versão retocada dessa tradução "melhorada" troca "cristão" por "católico".

Em 1742, a tradução de La Tierce foi mais fiel que a de Moore.

Na versão revisada de 1738, James Anderson modifica a parte histórica e considera os envolvimentos das divisões internas sobre a questão da crença em Deus, mas evita, em parte, a armadilha ao se referir a uma nova religião, o "Noelismo", uma religião anterior ao Antigo Testamento, em dimensão universal, celebrada por um Noé transformado em "Pai de todos os povos e válida para toda a Humanidade",[37] e que Patrick Négrier relaciona com o Gênese. Decerto, nos Deveres, James Anderson afirma referir-se à mais antiga religião católica; mas estaria ele se referindo ao sentido político ou etimológico?

---

36. Tradução de Patrick Négrier em *Textes fondateurs de la Tradition maçonnique*, Grasset, 1995.
37. Patrick Négrier, *Textes fondateurs de la Tradition maçonnique*, Grasset, 1995.

Porém, além de suas contorções diplomáticas, James Anderson se obrigará a dedicar a segunda versão de suas *Constituições* à "Liberdade de consciência".

Em *Ahiman Rezon,*[38] publicado em 1756, Lawrence Dermott, em nome dos "anciãos", defende as tradições redigindo uma espécie de crítica anti-Anderson. Ela é particularmente feroz com respeito à parte "histórica". Em algumas páginas, ele observa até que ponto lhe seria possível "redigir uma longa história" antes de adormecer e receber, em sonho, a visita de quatro Irmãos particularmente críticos. Ao despertar, Dermott é instigado a não escrever uma história antes de redigir as suas Obrigações.

Por sua vez, John Hamill verifica[39] que James Anderson havia sido freqüentemente criticado por sua "história" da Franco-Maçonaria por misturar operativos e especulativos. Ele assume a sua defesa lembrando que o pastor nunca havia reivindicado o relato de uma "História", mas a compilação das tradições, uma espécie de "apologia". Também observa com humor que, na segunda versão de 1738, Anderson coloca Christopher Wren como causa de sua negligência como Grão-Mestre, explicando dessa maneira a conseqüente origem da Grande Loja em 1717. Wren havia sido ignorado, mas era vivo na versão de 1723; culpado, mas oportunamente falecido em 1738...

Em todo estado de causa, como é possível esquecer que, das quatro Lojas fundadoras[40] da Grande Loja de Londres, em 1717, uma só nascera em 1696[41] e as outras depois de 1700?

É claro, a publicação das *Constituições* sob a égide da Grande Loja deu-lhes um *status* "de santas escrituras". E dessa forma permanecem, tal como os Evangelhos, a fonte de toda referência à Franco-Maçonaria moderna. O antigo e o novo Testamentos da Ordem.[42]

---

38. *Ahiman Rezon,* edição francesa, SNES 1997 e Jean François Var, *Ahiman Rezon et la Grande Loge des Anciens,* Trabalhos da Loja Nacional de Pesquisas Villard de Honnecourt, nº 15.

39. *The Craft,* Crucible, 1986.

40. *L'Oie et le Grill,* Albergue no pátio da Catedral Saint Paul; *La Couronne,* Albergue na alameda Parker; *Le Pommier,* Taberna em Covent Garden; *Le Verre et le Raisin,* Taberna em Westminster. Ver Cécile Revauger, *La querelle des anciens e des modernes,* Edimaf, 1999.

41. Segundo André Doré, *Vérités et légendes de l'histoire maçonnique,* Edimaf, 1991.

42. Ver *Église et Maçonnerie opérative au Moyen Age,* José Ferrer Benimellis, Trabalhos da Loja Nacional de Pesquisas Villard de Honnecourt, nº 15.

John Yarker, George Oliver, A.E. Waite, William Preston, R.F. Gould, Alfred Dodd, na Inglaterra; Paul Naudon,[43] Edouard Plantagenêt, Jules Boucher, Raoul Berteaux, na França, também tentaram respeitar as Escrituras sem se preocupar muito em conhecer as Origens. Enquanto David Stevenson, John Hamill, Cyril Batham,[44] Colin Dyer,[45] Andrew Durr,[46] Eric Ward, René Guilly, André Doré,[47] André Kervella, André Combes, Charles Porset ou Roger Dachez[48] faziam o papel de pesquisadores sem reconhecimento.

Essa escola da verdade, apesar da coragem e da vontade de seus autores, do respeito devido ao trabalho dos *Quator Coronati* ao seio da Grande Loja Unida da Inglaterra ou dos autores publicados pela *Renascença Tradicional,* tem a maior dificuldade de ser conhecida e reconhecida além dos círculos restritos de eruditos e deve servir de referência à diligência da revelação de uma história da qual hoje é possível afirmar que a verdade é mais bela do que o sonho.

Em sua notável síntese (que conclui provisoriamente com importantes publicações)[49] sobre conhecimentos do assunto, Roger Dachez[50] estabelece finalmente uma hipótese chamada sintética.

Em um primeiro tempo, para citá-lo extensamente, Roger Dachez resume da seguinte maneira a pré-história maçônica:

"Na Inglaterra, a Maçonaria Operativa foi desenvolvida em uma civilização pouco comunicativa e estruturada ao redor de poderes locais, em uma época na qual as organizações de vocação nacional não podiam ter qualquer sentido. Nesse país, existiam operários mais ou menos qualificados e experimentados e mestres-de-obras. Havia obras que podiam ocupar a vida inteira de um pedreiro, para

---

43. Ver a crítica de sua obra *Les origines de la Franc-Maçonnerie – Le Métier et le Sacré,* publicada por Renaissance Traditionnelle 90, abril, 1992.
44. Ver principalmente *Les Origines et l'évolution de la Franc-maçonnerie,* Trabalhos da Loja nacional de pesquisas Villard de Honnecourt, nº 1, 1980, e *The Origin of Freemasonry, a New Theory,* AQC 106, 1993.
45. Ver *Some Thoughts on the Origins of Speculative Masonry,* AQC 95, 1982.
46. Ver *The Origin of the Craft,* AQC 96, 1983.
47. *Vérités et légendes de l'histoire maçonnique,* Edimaf, 1991.
48. Ver principalmente *Les Origines de la Maçonnerie Spéculative en Grande Bretagne,* Renaissance Traditionnelle 77, janeiro de 1989, e 83, julho de 1990.
49. Ver principalmente *Renaissance Traditionnelle,* nº 77 (janeiro de 1989) e 83 (julho de 1990).
50. *Des Maçons opératifs aux Francs-Maçons spéculatifs,* Edimaf, 2001.

quem o Ofício se resumia na edificação de uma catedral da qual não presenciara a colocação da primeira pedra, assim como não a veria terminada. Como nos canteiros era necessária a transmissão de conhecimento, os mais antigos, os Companheiros, formavam os mais jovens, os Aprendizes. Esses homens eram simples, iletrados, e não possuíam sobrenome. [...] Eles dispunham de Lojas, ou seja, construções anexas ao edifício em construção, e nelas eram organizadas as ferramentas e lugares de descanso, nos quais se discutiam problemas dos canteiros e projetos do dia seguinte.[51] Ali também eram feitos os planos, sobre o chão nivelado, que servia para fazer os desenhos ou fabricar os gabaritos.

Havia uma ordem social e religiosa segundo a qual os clérigos tinham um papel essencial. Para organizar esse povo pedreiro, foram redigidos textos e regulamentos e, para dar sentido ao seu trabalho, eles vasculharam velhas crônicas, como o *Policronicon*, de Pedro Comestor, para criar uma história lendária que seria a dos Maçons. [...] Nessa história, eles acrescentaram alguns Deveres, em conformidade à sua missão pastoral, ou seja, prescrições de caráter moral, destinados a disciplinar um pouco esses homens rudes que viviam em um mundo perigoso e muitas vezes violento. [...] Também existiam alguns costumes, certas cerimônias de caráter religioso, pois tudo era assim na Europa da Idade Média: um operário recebido no canteiro jurava respeitar Deus, a Santa Igreja, o Rei e o Mestre do canteiro. Nisso consistia a sua Iniciação. [...] Isso é tudo o que sabemos, pois, certamente, é tudo o que há para saber. A hipótese de uma rede desconhecida de Lojas iniciáticas e secretas, cuja existência e ensinamentos teriam fugido ao olhar do historiador, é absolutamente insustentável, pelo menos se a intenção for de realmente ater-se ao campo da História."

Em seguida, veio a época da Reforma, que muito influenciou o Ofício. Os canteiros desaparecem, e as catedrais se tornam raras. É preciso encontrar outros projetos, outros empregadores que, daqui por diante, serão chamados de Mestres. "A Loja não tinha mais razão de existir [...]. É exatamente por isso que as Lojas Operativas não deixaram vestígios na Inglaterra: porque não existiam mais".

Mesmo sem as Lojas de canteiros, devia haver um grande número de pedreiros. É o momento em que aparecem essas corporações

51. Os nossos *algeco* (construções pré-fabricadas).

ou confrarias, cujo intuito é a assistência e a solidariedade, ajudando na busca de emprego.

Portanto, é da Escócia que surge o necessário esclarecimento. Os benfeitores, os nobres ou os burgueses ricos o suficiente para proporcionar trabalho, a fim de orientar a sua caridade, tornaram-se os *Gentlemen Masons* que, evidentemente, não assistiam aos trabalhos das Lojas porque elas não mais existiam. Mas, influenciados por suas próprias convicções políticas ou sociais, eles encontraram o meio de se freqüentarem, de se reconhecerem e de se reunirem.

Não mais existiam as Lojas puramente especulativas que resultaram das Lojas Operativas brutalmente transformadas, mas havia uma aproximação singular de personalidades, todas originadas do espaço escocês (em 1600, Boswell promoveu em Edimburgo numerosas recepções em Atcheson's Haven, entre 1672 e 1693, e em Kilwinning, a partir de 1672, na Loja Anderson de Aberdeen em que, em 1670, dos 49 membros, somente dez eram operativos; Ashmole recepcionava em Warrington e Robert Moray, ao sul da fronteira escocesa...).

Provavelmente, uma só Loja, a de Chester, permaneceria operativa na Inglaterra e, assim mesmo, muito provisoriamente. A estrutura denominada *Acception* (Acepção), criada pela Companhia dos Maçons de Londres, parece bem singular, de vestígios muito exíguos e sem grande influência.[52]

Não se trata apenas de uma "seqüência escocesa", mas do limiar de uma explicação racional que transformaria a lenda em realidade. E dessa forma é traçada a hipótese de uma captação organizada que precisa de um vetor estruturado e deve apoiar-se em chaves indispensáveis.

Arthur Herman,[53] em seu livro notável e quase ignorado na França, *Comment les Écossais Inventèrent le Monde Moderne* (Como os Escoceses Inventaram o Mundo Moderno), enfatiza que a Escócia, a mais pobre das nações européias, estaria na fonte da modernidade ocidental. O papel do indômito John Knox, o Savonarola da Reforma Escocesa de 1559 a 1572, na criação de uma "Nova Jerusalém" escocesa na lenta destruição da monarquia local, é muitas

52. Ver *Renaissance Traditionnelle,* 118/199, obra citada.
53. *How the Scots Invented the Modern World,* Three Rivers Press, New York, 2001.

vezes subestimado. Democrata iluminado, Knox defendia a tese: "O poder do povo, para o povo".

Knox e seus amigos, como George Buchanan, humanista, estudante na Sorbonne e tutor do futuro rei Jaime VI, pesaram muito na vida política escocesa. Em 1638, o *National Covenant* (Convenção Nacional) é assinado, dando à Igreja Calvinista a possibilidade de impor uma monarquia constitucional e, depois, em 1696, de estabelecer escolas com um professor remunerado em cada paróquia. A Escócia tornava-se a primeira nação européia a impor um sistema de educação para todos. Em 1795, de seu 1,5 milhão de habitantes, 30 mil viviam unicamente da edição e da educação. Em alguns decênios, a Escócia produziria uma geração particular que reforçaria as Luzes. Adam Smith, David Hume, William Robertson, Adam Ferguson, John Millar, Francis Hutcheson e lorde Kames constituiriam uma outra filosofia do liberalismo. A diáspora escocesa na América faria o resto.

Em seu livro *Passion Écossaise* (Paixão Escocesa), André Kervella[54] completa o quadro ao vasculhar a história da Corte dos Stuart no exílio, no castelo de Saint-Germain-en-Laye. Ele revela o aparecimento, prefácio de Edward Corp, de um ramo Hanoveriano dissidente dos Stuart, que aceitava tanto católicos quanto protestante, precipitando a condenação por parte de Roma (bula *In Eminenti* de 1738). Além de numerosos rituais escoceses de "altos graus", Kervella também expõe a relação entre o Escocismo (ou Escocesismo) e a monarquia escocesa junto à figura emblemática de Jaime VI.

De seu livro consta, em um ritual de 1763, que diz respeito ao grau de "Grande e Perfeito Mestre Escocês", a seguinte fórmula: "[...] expressão da Maçonaria conservada na Escócia durante o Reinado de Jaime VI, rei da Grã-Bretanha, hoje conhecido na Grande Loja da França do príncipe de Clermont, sob a direção do Venerável Irmão Chaillon de Joinville, Substituto Geral da Ordem e Grão-Mestre dos Grandes Eleitos Perfeitos Mestres Escoceses".

André Kervella prossegue lembrando que, quando de seus obséquios, em 1625, Jaime VI fora evocado como o "Salomão da Grã-Bretanha".

---

54. *La Passion Écossaise,* Dervy, 2002.

Destacando as relações miméticas entre a França e a Escócia, André Kervella fornece outras chaves, como, por exemplo, a nomeação, em maio de 1595, de um "Mestre Geral das Obras de Pedreiro, Juiz e Vigilante do Citado Ofício", na França, pelo rei Henrique IV, protestante oficialmente arrependido, o que não pode ser uma simples coincidência. Detalhando extensamente as outras revelações e as inúmeras fontes citadas em suas diversas obras, ele constrói uma teoria particularmente desenvolvida sobre essas questões.

Segundo Robert Lomas,[55] sempre muito controvertido na Inglaterra, a Capela de Rosslyn, construída na Escócia por William Saint-Clair, seria uma réplica do Templo de Herodes e apresentaria a primeira representação de uma iniciação gravada sobre uma coluna. Se de um lado John Hamill, o conservador do museu da Grande Loja da Inglaterra, considerou, há muito tempo, tratar-se apenas de uma coincidência, por outro lado, Robert Lomas defende uma linhagem de Saint-Clair, que alegou uma herança templária e assegurou a própria estrutura do que viria a ser a Franco-Maçonaria. Hipóteses que sempre precisam ser validadas.

Nos sete manuscritos, reeditados em 1994 pela Universidade de Saint-Étienne,[56] é possível encontrar alguns raríssimos elementos, muitas vezes divertidos, que completam ou complicam, segundo a opinião do leitor, a diversidade das abordagens.

As diversas versões do "discurso" do Cavaleiro De Ramsay proporcionam matéria a essa abordagem. Andrew Michael Ramsay é evidentemente escocês de nascimento (1686). Membro do Clube do Entresol, criado em 1724 pelo abade Alary,[57] protótipo de uma Loja, iniciado em 1730 em uma nova Loja da Grande Loja dos modernos, membro da *Royal Society* e Grande Orador da Grande Loja da França, ele é conhecido por seu *discurso* (na realidade são dois textos complementares e evolutivos) pronunciado em 1736 diante da Loja Saint-Thomas e, em 1737, quando de uma recepção geral da Ordem. Ramsay defenderia uma posição próxima das teses da primeira versão das Constituições de Anderson em seus *Principes Philosophiques*

55. Intervenção diante da Conferência Internacional dos Grandes Priorados, agosto de 2000, e *The Hiram Key*, Arrow, 1997.
56. *Le parfait maçon*, Publicações da Universidade de Saint-Étienne.
57. Ver Pierre Chevallier, *Le Sceptre, la Crosse et l'Équerre*, Honoré Champion, 1996.

de la Religion Naturelle et Révélée (Princípios Filosóficos da Religião Natural e Revelada), publicados em 1748, em Glasgow,[58] completando o livro *Les Voyages de Cyrus*[59] (As Viagens de Ciro), publicado em 1727,[60] em Paris.

Nesse livro, Ramsay defende uma monarquia moderada e tolerante. As viagens colocam Ciro em contato com os filósofos e ele encontra Deus no Antigo Testamento, criando ao mesmo tempo *"um pretexto para manifestar a superioridade do Cristianismo a partir d'Ele"*, como diria Georges Lamoine em seu prefácio da reedição.

Mais tarde, Zoroastro revela a Ciro "os segredos da Natureza[...] para que conhecesse os indícios de uma sabedoria infinita esparsa no Universo e, assim, prepará-lo para instruções mais elevadas sobre a divindade e sobre a religião". E ele conclui: "É surpreendente o fato de que aqueles que estejam persuadidos da autenticidade dos livros sagrados não tenham aproveitado essa idéia para fazer sentir a verdade da história mosaica sobre a origem do mundo, o dilúvio universal e o restabelecimento da raça humana por meio de Noé".

Em dezembro de 1736, Ramsay recriou uma nova pré-história maçônica. Aproveitando-se dos escritos de Anderson, de Francis Bacon* e da Bíblia, ele inventa uma Grande Loja em Roma dirigida pelo imperador Augusto, cita Horácio (o Orador) e volta para Noé, "primeiro Grão-Mestre da Ordem". Hiram, "Grão-Mestre da Loja de Tiro", torna-se oficialmente "o primeiro mártir da Ordem".

Após a destruição do Templo, o imperador Ciro constitui "Zorobabel como Grão-Mestre da Loja de Jerusalém". Segundo Ramsay, além desses últimos, Abraão, Moisés, o rei Salomão e os Patriarcas teriam sido os primeiros Grão-Mestres. Em decorrência das derrotas dos exércitos cristãos, o príncipe Eduardo, filho de Henrique III, teria levado de volta para a Inglaterra os maçons do Oriente Médio. Em seguida, seus conhecimentos são transmitidos

58. Reedição de Honoré Champion, 2002, com um excelente prefácio de Georges Lamoine.
59. Ciro, imperador da Pérsia que, por meio de seu Decreto de 536, autorizou 40 mil prisioneiros judeus a voltar para Jerusalém para reconstruir o Templo.
60. Reedição de Honoré Champion, 2002, com um excelente prefácio de Georges Lamoine.
*N.E: Sugerimos a leitura de *Da Proficiência e o Avanço do Conhecimento Divino e Humano*, de Francis Bacon, Madras Editora.

para a França (segundo um processo exatamente inverso àquele relatado por Anderson, que coloca em cena Carlos Martel).

A versão de 1737, pronunciada em Assembléia solene da Ordem e submetida para autorização ao cardeal Fleury, ministro de Luís XV,[61] dá uma nova dimensão às Cruzadas, "nossos ancestrais". Depois de uma repetição melhorada do primeiro discurso, Jaime Stewart da Escócia, "Grão-Mestre de uma Loja estabelecida em Kilwinning", faz o seu comparecimento, traindo as opções políticas de Ramsay.

É possível deduzir que a história da Maçonaria foi muito mais freqüentemente inventada do que pesquisada, manipulada do que descoberta. Portanto, era preciso encontrar o elo que explicasse o passado, a chave que desbloqueasse a trava da verdadeira tradição, a ferramenta que liberasse a memória.

O fim dos segredos da transmissão oral, apressado pelo aparecimento do papel na Itália ao redor do século XII, seguido da impressão, por volta de 1450,[62] irá transtornar a transmissão dos "segredos", como lembra Armand Pouille.[63] A enciclopédia, a Reforma e as Luzes vão confundir tudo: o conhecimento, a descoberta do Universo, o desenvolvimento das universidades, a transmissão do saber por escrito; chegara o momento para os precursores da Franco-Maçonaria fazerem com que ela tomasse o seu impulso.

A *Royal Society* e Robert Moray constituem, provavelmente, os elementos de construção dessa outra história da Franco-Maçonaria, que nos liga progressivamente a Isaac Newton.

61. Ver Patrick Négrier, *Textes fondateurs de la Tradition maçonnique*, obra citada.
62. Ver principalmente Bernard Quilliet, *La Tradition Humaniste*, Fayard, 2002.
63. *Des Maçons médiévaux aux Compagnons d'aujourd'hui*, Grancher, 2002.

De Robert Moray a *Royal Society*

Irmão de William Moray, o último verdadeiro (e contestado) Supervisor Geral da Escócia, Robert Moray parece ser o elo verdadeiro entre a Maçonaria Operativa renovada da Escócia, a *Royal Society* e a Franco-Maçonaria Especulativa inglesa. David Stevenson, assim como Roger Dachez, a ele consagram estudos importantes, bem como a *Encyclopedia of Freemasonry* (Enciclopédia da Franco-Maçonaria) e vários estudos ingleses e americanos. Mas *The Royal Masonic Cyclopedia* (A Real Enciclopédia Maçônica) não o menciona em sua edição de 1877, reeditada em 1987. Uma biografia de A. Robertson, *The Life of Sir Robert Moray* (A Vida de *sir* Robert Moray), publicada em 1922, não registra o seu papel maçônico.

Totalmente desconhecido na França, Robert Moray é um dos filhos de *sir* Mungo Moray, proprietário de terras em Perthshire. Nascido em 1607, engenheiro militar, ele foi general intendente do exército dos escoceses rebeldes contra Carlos I em 1640. Depois de várias viagens (ele também trabalhou para o exército francês e foi até suspeito de ser um agente de Richelieu), ele voltou para a Escócia para juntar-se à rebelião. Oficial de Engenharia, situado próximo à fronteira inglesa em 1641, ele é recebido no campo de batalha pela Loja de Edimburgo segundo os procedimentos da época: uma delegação lhe propõe, assim como ao general de artilharia Alexander Hamilton, tornarem-se maçons aceitos. Homens de ciência, especialistas em balística, muito provavelmente foram escolhidos mais por suas competências técnicas do que por suas patentes.

Cada um escolhe um símbolo maçom: um triângulo retângulo para Hamilton e um pentáculo para Moray.

Enobrecido em 1643 pelo rei da Escócia, junta-se ao exército francês na Baviera, onde foi capturado no mesmo ano. Moray inicia uma correspondência contínua com Athanasius Kircher, especialista do Egito, mais particularmente versado em Hermetismo. Ele é libertado em 1645, após o pagamento de um resgate pelos escoceses.

É promovido a coronel das guardas escocesas na França, provavelmente em Saint-Germain-en-Laye. Foi espião e amigo de Richelieu durante o mesmo período. Interessou-se particularmente pela criação da Academia em 1635, e disso se lembrará alguns anos mais tarde. Durante muitos anos, esteve em grande atividade para ajudar Carlos I e depois Carlos II contra os ingleses. Em 1645, os franceses, sob a autoridade de Mazarino, sempre fiel à memória de Richelieu, acabam pagando a soma de 16.500 libras para comprar sua liberdade.[64] Derrotado, ele volta para a França e, em 1653, se dirige para os Países Baixos, retornando a Inglaterra em definitivo somente em 1660, com a restauração de Carlos II.

Em toda a sua vida, Moray somente esteve presente duas vezes na Loja de sua recepção, mas aparece como um dos raros maçons aceitos, pois participou da associação de forma regular, bem diferente de Elias Ashmole.* Ele participou dos trabalhos de uma Loja Operativa de Maastricht em 1659.

Para David Stevenson, Moray interpretou o sentido da palavra fraternidade dentro de uma lógica de amizade muito forte, no sentido platônico. Genro de lorde Balcarres, colecionador muito conhecido de manuscritos alquímicos e próximo a Thomas Vaughan, que publicaria, em 1652, as primeiras traduções de textos rosacrucianos (*Fama et Confessio*), Moray estava fortemente interessado no conhecimento simbólico e hermetista.

Sua numerosa correspondência com Alexander Bruce, conde de Kincardine, insiste particularmente em sua predisposição à simbologia.[65] A partir de 1641, sua assinatura passa a ser completada por uma estrela de cinco pontas.

---

64. Robert Lomas, *The Invisible College*, Headline Press, Londres, 2002.

*N.E.: Leia sobre a vida e a obra de Elias Ashmole em *O Mago da Franco-Maçonaria*, de Tobias Churton, Madras Editora.

65. Ver particularmente David Stevenson, *Les Origines de la Franc-Maçonnerie*, obra citada, e Dudley Wright, *The First Recorded Initiation in England*, The Builder 1921, reedição por "Torrione Lodge of Research", nº 34.

Em 1660, ele volta a Londres, onde dirige um laboratório instalado no Palácio Real. Ele participa ativamente no projeto da história dos ofícios proposto pela *Royal Society of London* (Real Sociedade de Londres), da qual ele se torna o primeiro presidente. Moray faleceu em 1673.

Robert Moray aparece como o primeiro franco-maçom aceito em uma Loja, o mais eloqüente sobre o assunto que precede os seis anos da recepção de Elias Ashmole (1647), permitindo fazer o elo entre a Escócia e a Inglaterra, a Escócia e a França e a Maçonaria e a *Royal Society.*

Robert Moray, primeiro profano recebido (membros benfeitores existiam em Londres desde 1620, mas não em uma "Loja"), parece constituir a chave a muitas perguntas sobre a criação da Franco-Maçonaria Especulativa. David Stevenson escreveu a seu respeito:[66] "*Sir* Robert Moray não pode ser considerado um franco-maçom comum do meado do século XVII; o fato de revelar tanta coisa sobre o que a Franco-Maçonaria representava torna-o uma testemunha única".

Portanto, ele será encontrado naturalmente com Elias Ashmole para criar a *Royal Society.*

Elias Ashmole, nascido em 1617 em Lichfield, é um personagem emblemático desses *Antiquários* e o elo que os liga à Franco-Maçonaria nascente. Autor de trabalhos de erudição histórica, que fazem época, físico e astrólogo, ele é também autor de textos alquímicos e um colecionador apaixonado. Em dezembro de 1660, torna-se *Fellow* (membro) da *Royal Society.*

A sua coleção (apesar do incêndio que destrói grande parte de sua biblioteca em 1679) é a origem do primeiro museu do mundo, o *Ashmolean Museum* (Museu Ashmoleano), que ainda hoje é o centro da Universidade de Oxford, cujo fundo comporta uma parte do legado Tradescant. Robert Plot, futuro secretário da *Royal Society,* foi seu primeiro curador.

Elias Ashmole foi recebido, segundo o seu próprio diário e os documentos da Loja, com o coronel Mainwaring, em uma Loja de Warrington, em outubro de 1646.[67] Considerando o que é conhecido

---

66. Em *Les Origines de la Franc-maçonnerie,* obra citada.

67. Ver o artigo bem completo de Francis Delon, *Elias Ashmole, amateur d'antiquités, astrologue, alchimiste et Franc-maçon,* Trabalhos da Loja Nacional de Pesquisas Villard de Honnecourt, nº 38, 1998.

de suas pesquisas, é muito provável que viu na Maçonaria a sobrevivência de uma instituição que conservasse os conhecimentos dos tempos antigos. Em uma ordem de idéias semelhante, a obra que ele consagraria à Ordem da Jarreteira[68] ilustra bem a sua tendência de espírito e a natureza de sua busca. Ele desapareceria em 1692.

Outras estruturas também preparam o terreno. A *Society of Antiquaries*[69] (Sociedade de Antiquários) ou *l'Invisible Collège*[70] (O Colégio Invisível).*

Durante o século XVI, alguns intelectuais ingleses concentraram seu interesse na história antiga da Grã-Bretanha e reuniram manuscritos, objetos e confirmações de toda natureza a respeito. Entre 1530 e 1540, Leland reuniu para o rei Henrique VIII as peças históricas retiradas das bibliotecas dos monastérios dispersos da época. Em 1546, ele propõe uma primeira obra sobre a arqueologia do reino. A geração seguinte retoma a pesquisa com John Dee, ** Stow ou William Lambarde que, em 1570, publica o seu famoso livro *Perambulation of Kent* (Perambulação de Kent). É na década de 1590 que, com William Cambden, se forma um cenáculo que parece uma verdadeira *Society of Antiquaries*. Em 1593, Cambden publica *Brittania*.

Mesmo se apresentando como historiadores, esses autores não o são no sentido como os entendemos atualmente. Por trás dessa coletânea de documentos e de confirmações históricas, existe um projeto: o de encontrar no passado longínquo da Inglaterra céltica, romana e saxônica os vestígios de uma era de ouro, quando o homem vivia em uma harmonia perdida entre o céu e a Terra. Todos têm a idéia tradicional de que a felicidade da humanidade não está à frente, mas atrás dela. Portanto, convém pesquisar no passado distante os elementos esquecidos do verdadeiro conhecimento. Essa vontade também é política. A Sociedade também tinha por objetivo o restabelecimento da tradição saxônica e céltica, após a ruptura com Roma. *Sir* Robert Cotton e John Selden são seus principais animadores.

---

68. *The Institutes, Laws and Ceremonies of the Order of the Garter,* 1671.
69. Ver: Joan Evans, *An History of the Society of Antiquaries,* Oxford, 1956, e o útil resumo em francês *Les Antiquarians et la Society of Antiquaries dans Les Collèges d'Oxford au XVIIe siècle,* Le Jardin des Dragons, nº 12, pp. 97-106.
70. Ver principalmente os trabalhos de Guy Bernfeld, novembro de 2000.
* N.E.: Sugerimos a leitura de *A Maçonaria e o Nascimento da Ciência Moderna – O Colégio Invisível*, de Robert Lomas, Madras Editora.
** N.E.: Ver também: *John Dee*, coletânea de Gerald Suster, Madras Editora.

A *Cotton's Library* (Biblioteca de Cotton), a mais importante biblioteca do país[71] e local de debates, reunia os opositores aos Stuart, que eram contra qualquer tipo de aproximação com os católicos. Progressistas, eles foram interditados em 1615.

Não poderíamos deixar de mencionar, sob silêncio, o *Clube* de Théodore Haak, fundado por esse imigrante alemão que chegou em Londres em 1625 e faleceu em 1690. Baconiano, em 1645 ele decidiu, segundo lembra Jacques Blamont,[72] reunir seus amigos uma vez por semana para discutir novas descobertas. Entre eles, estão John Wilkins, John Wallis, Samuel Foster, do Colégio Gresham, e Jonathan Goddard, médico de Cromwell. Certas reuniões ocorriam no Colégio Gresham.

Por outro lado, Wilkins estabelece o *Experimental Science Club* (Clube da Ciência Experimental). Ali, encontram-se Seth Ward, Robert Boyle, *sir* William Perry, Matthew Wren, John Walius, Jonathan Goddard, Thomas Willis, Christopher Wren e Lawrence Rooke.

A repreensão a Galileu feita pela Igreja em 1633 lembrava ainda o espírito da época alguns meses antes da nova tentativa de criar espaços de debates e de dúvidas. O mundo de "antes da Ciência" entrava lentamente em coma, passo a passo.

A partir de 1645, o Colégio Invisível, reunido no Colégio Gresham, em Londres e em Oxford, reagruparia os principais animadores da Rosa-Cruz de Andrae em volta de Robert Fludd* (célebre rosacruciano), Elias Ashmole, John Wilkins, Robert Plot, Robert Boyle,[73] Thomas Vaughan, John Locke e, mais tarde, Isaac Newton e Christopher Wren. Frances Yates,[74] historiadora do Hermetismo,

71. Segundo C.J. Wright da British Library, *"A Biblioteca de* Sir *Robert Cotton é, sem dúvida, a mais importante biblioteca de manuscritos jamais reunidos por um indivíduo particular"*.

72. *Le Chiffre et le Songe,* Odile Jacob, 1993.

* N.E.: Sugerimos a leitura de *Robert Fludd*, coletânea de William Huffman, Madras Editora.

73. Ao qual se referirá em sua correspondência de 1646 e 1647, bem como John Wallis.

74. *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition,* Routledge, Londres, 1961, e *The Rosicrucian Enlightenment,* Paladin, Londres, 1975.

demonstraria, a partir da década de 1960, as raízes. Segundo Robert Lomas,[75] trata-se, de fato, do protótipo da *Royal Society* e da Franco-Maçonaria, que não seriam constituídas uma com relação à outra, mas uma com a outra, conforme um processo de dupla face imaginado, desejado e dirigido por Robert Moray. Para Adrian Gilbert,[76] o Colégio Gresham, criado em 1597 graças aos fundos de *sir* Thomas Gresham, "Mercador do Rei" em Antuérpia, que selaria a aliança entre a Liga Hanseática e a Inglaterra, é o protótipo da *Royal Society*.

De fato, tal como na França, onde a criação da Academia de Ciências, em 1666, unicamente oficializa a criação de estruturas sociais anteriores, nascidas no decorrer dos trinta anos precedentes. Em Paris, as reuniões promovidas por Melchisédec Thévenot permitiram então que Hobbes se encontrasse com Descartes.[77] A Astronomia seria o incentivo da pesquisa científica durante todo o período. Na Toscana, *L'Accademia del Cimento* (A Academia da Experiência) nasceu em 1651 segundo os mesmos princípios e sob a proteção do grão-duque Ferdinando II e de seu irmão Leopoldo, alunos de Galileu, de Viviani e de Torricelli.[78]

Essa busca pelos conhecimentos perdidos leva-os também a estudar as forças ocultas da Natureza. Por esse motivo, eles também são considerados os precursores das ciências modernas e, em seguida, Newton seguiria o mesmo caminho dos adeptos do Hermetismo.

Encontramos reunidos os mesmos tipos de interesses ecléticos em uma personalidade como o *Antiquariano* escocês Robert Moray. Reencontramos uma forte presença maçônica, quando *The Society of Antiquaries* (A Sociedade de Antiquários) foi oficialmente restabelecida a 1° de janeiro de 1718 por William Stukeley, aliás, um dos franco-maçons mais ativos da totalmente nova Grande Loja de Londres e de Westminster.

Vários deles teriam também freqüentado Saint-Germain-en-Laye. Depois da derrota do rei Jaime II, em 1688, a corte refugiara-se na França, havendo conseguido asilo no castelo de Saint-Germain-en-Laye. Já em 1649, a rainha Maria havia encontrado refúgio no mesmo

75. Ver *The Invisible College,* Headline Books, Londres, 2002, e sua intervenção diante da Conferência Internacional dos Grandes Priorados, 25 de agosto de 2000.
76. *The New Jerusalem,* Bantam Press, Londres, 2002.
77. Jean-Pierre Maury, *Newton et la mécanique céleste,* Découvertes Gallimard, 1990.
78. Ver Jacques Blamont, obra citada.

local, quando o rei Carlos I fora executado. André Kervella, em suas duas obras,[79] ou Armand Pouille[80] observa a forte presença de maçons aceitos entre os refugiados. André Kervella escreveu que "a história da Maçonaria Stuartista é um imenso palimpsesto no qual todas as escritas se misturam tão fortemente que os últimos a chegar para nele escrever não conseguem sequer determinar a cor do papel". Nada mais agregaremos à confusão tentando destrinchar o verdadeiro do possível, o eventual do inventado, o imaginado do burlesco.

Em 1666, uma parte dos refugiados volta para Londres. O tempo dos fundamentos discretos estava encerrado. Chegava o momento de passar para outra fase, e a *Royal Society* torna-se o cadinho necessário ao progresso.

Fundada em 1660 por 12 membros londrinos do Colégio Invisível, a *Royal Society of London for Improving Natural Knowledge*[81] (Real Sociedade de Londres para o Aprimoramento do Conhecimento Natural) marca a evolução das idéias na Inglaterra.

Os Fundadores[82]

Reverendo John Wilkins

Presidente da primeira reunião. Nascido em 1614 e falecido em 1672, bispo de Chester.
Casado com Robina, irmã de Cromwell, e próximo deste.
Autor de *Mathematical and Philosophical Works* (Obras Matemáticas e Filosóficas), publicação póstuma em 1708.

Visconde William Brouncker

Primeiro presidente eleito da *Royal Society*, escolhido pessoalmente pelo rei Carlos II em sua Concessão de 22 de abril de 1663. Matemático. Tradutor de Descartes. Signatário da Declaração de 1660 sobre a Restauração. Membro do Parlamento para Westbury.

---

79. *La Maçonnerie Écossaise dans la France de l'Ancien Régime* e *La Pasión Écossaise,* obra citada.
80. *Des Maçons médiévaux aux Compagnons d'aujourd'hui,* Grancher, 2002.
81. Ela somente assumirá esse nome em 1663. O nome inicial era unicamente *Royal Society.*
82. Segundo Robert Lomas, em *The Invisible College,* Headline Book, Londres, 2002.

Robert Boyle

Físico em Oxford. Inventou a lei que leva seu nome sobre a pressão e o volume dos gases. Professor do Colégio Gresham.

Alexander Bruce, conde de Kincardine

Escocês, enobrecido por Carlos I em 1647. Stuartista. Refugiado em Breme sob Cromwell. Volta a Londres com Carlos II em 1660. Muito próximo a Robert Moray.

Sir *Robert Moray*

(Ver o capítulo a seu respeito).

Sir *Paul Neile*

Próximo a Carlos I, enobrecido em 1633.
Amador esclarecido, especializado nas pesquisas sobre Ótica.
Membro do Conselho privado do rei em 1660.

Doutor Johnatan Goddard

Médico, doutor de Cambridge, professor de Medicina do Colégio de Gresham e de Oxford.
Promoveu em sua residência as primeiras reuniões da *Royal Society.*

Doutor William Petty

Inventor das estatísticas modernas. Formado na Marinha Real. Refugiado em Paris durante a Guerra Civil, onde reencontra Hobbes e Descartes. Professor de Anatomia e depois de Música no Colégio Gresham. Médico-chefe do exército de Cromwell na Irlanda.
Amigo de Boyle, participou da criação do *Parliamentary High Table Group* (Grupo da Mesa Alta Parlamentar), junto com Wilkins e Ward, reorganizando os universitários ao assumir o lugar de monarquistas em Oxford.

William Ball

Cientista amador interessado nos anéis de Saturno. Especializou-se em experiências magnéticas.
Monarquista. Tesoureiro da *Royal Society*, escolhido pelo rei Carlos II.
Amigo de Wallis.

Laurence Rooke

Professor de Astronomia e depois de Geometria no Colégio Gresham. Especializado no estudo das longitudes. Diplomado por Cambridge. Com a ajuda de Wren, ele criou a primeira representação tridimensional da Lua.

Sir *Christopher Wren*

Arquiteto.
Aluno de Wilkins em Oxford.
Professor de Astronomia do Colégio Gresham.
Família monarquista. Amigo de Neile.

Abraham Hill

O mais jovem dos fundadores (25 anos).
Simples participante das conferências públicas do Colégio Gresham.
Futuro tesoureiro da *Royal Society* depois de Ball.
Mais homem de negócios do que cientista, foi responsável por administrar as patentes das invenções da *Royal Society.*

John Evelyn

Acompanhou todos os trabalhos, mas não aparece nessa primeira lista. Esquecimento, ausência...? Confidente do rei, teve um papel importante no acompanhamento minucioso das atividades da instituição. A partir de 1660, sua assinatura também tem a estrela de cinco pontas.

Seth Ward

Associa-se à instituição alguns meses mais tarde, tal como Samuel Peppys. Eles serão acompanhados por Elias Ashmole e John John Wilde, William Brereton e Thomas Povey, uma nova e surpreendente mistura de monarquista e partidário do Parlamento. Quarenta propostas de recrutamento foram registradas nessa primeira reunião. Vinte e quatro eram de universitários e 16, de personalidades políticas influentes. Muitos se conheciam e alguns haviam se encontrado em exílio na França. Grande parte dos candidatos era apresentada ou por Wilkins, ou por Moray. Todos se tornam *Fellow* (membros), companheiros da *Royal Society.*

Tal como enfatiza Michael Hunter,[83] a *Royal Society* não possui vocação para o ensino, mas quer tornar-se pública, pois tem competência nacional. Evidentemente, ela se inspira nos grupos existentes nos países estrangeiros que, aliás, foram convidados para a sessão inaugural. O "Colégio Invisível" aparece à luz do dia. O relatório que permite a criação é redigido por Christopher Wren, professor de Astronomia do Colégio Gresham.

Seus estatutos são bem formais e detalhados. Eles criam uma personalidade moral que supera seus fundadores e a inscrevem na assembléia. Henry Oldenbourg, seu primeiro secretário, declara que seu objetivo é *"estabelecer sua Instituição pelo prazo perpétuo"*. Mas, principalmente, segundo o próprio Oldenbourg, a *Royal Society* tem por objetivo:

> "Perscrutar a Natureza por inteiro e investigar sua atividade e seus poderes por meio da observação e da experiência; depois, com o decorrer do tempo, forjar uma filosofia mais sólida e abundantes concordâncias de civilização."

Florence de Lussy[84] observa que, em sua *Histoire de la Royal Society* (História da *Royal Society*), publicada em 1667, Thomas Sprat, bispo de Rochester, especificou que se trata de submeter ao exame do espírito todas as coisas humanas e divinas. Incidentemente, a cobertura dessa história ilustra o retrato de Francis Bacon, falecido em 1626.

Entre os fundadores,[85] havia médicos, monarquistas e parlamentaristas, quase em números iguais. John Evelyn, que viria a ser membro do primeiro conselho, foi o primeiro a idealizar o nome da instituição a ser fundada.[86]

Em 1669, ela reunia mais de 200 membros, eleitos segundo regulamentos relativamente suaves; admitia homens de todas as religiões e de todas as profissões, quando o próprio país passava por guerras civis recorrentes.

---

83. *La Fondation de la Royal Society,* "Cahiers de *Science et Vie*", junho de 1998.
84. Ver principalmente Florence de Lussy, *Un peu de lumière sur les origines anglaises de la Franc-Maçonnerie,* Revue de la Bibliothèque Nationale nº 12, 1984.
85. Ver *History of the Royal Society,* Record of the Royal Society, Londres, 2002.
86. Dwight Atkinson, *Scientific Discourse in Sociohistorical Context, The Philosophical Transactions of the Royal Society of London, 1675-1975,* Lawrence Erlbaum Publishers, Londres, 1999.

Parafraseando James Anderson meio século antes, Thomas Sprat escreveria:

> "É uma religião confirmada pela aceitação unânime de todos os tipos de crenças que, com respeito à Cristandade, deve servir como Entrada no Templo de Salomão."

Robert Moray torna-se o presidente fundador provisório a partir da primeira reunião de 28 de novembro de 1660 até a sua "incorporação" em 15 de julho de 1662. Ele apresentou a Constituição da Sociedade a Carlos II e conseguiu o seu apoio. Apesar de pouco financiá-la, ele o autoriza a usar as Armas em Vermelho, símbolo do poder real e parlamentar, para proceder à entrada de seu presidente.

A *Royal Society* adota também regras que se assemelham à Franco-Maçonaria: apresentação do Candidato, voto, eleição regular (mensal e depois anual) dos responsáveis (evidentemente três), etc.

A partir de 1662, a Sociedade publicaria livros[87] e, a partir de 1665, uma revista, *Philosophical Transactions giving some accompt of the ingenious in many considerable parts of the world* (Transações Filosóficas, apresentando alguns relatos de engenhosidade nas diversas partes do mundo), permitindo, antes dos enciclopedistas, a difusão de idéias e de descobertas.

A *Royal Society* se dedicaria a tudo: astronomia, luz, horticultura, lançamento de projéteis, técnicas de tiro de pistas, anatomia, venenos, cartografia, ar comprimido, mas também de unicórnios,[88] etc.

Para manter a atenção e o apoio real, ela contribuiria muito na modernização da frota e publicaria notadamente um guia de viagem para os marinheiros.[89] Também realizaria experiências de mergulho submarino embaixo de sinos, orientadas por *sir* Jonas Moore. Marie Boas Hall[90] demonstraria a sua importância e principalmente a razão fundamental da experimentação.

Entre 1663 e 1687, Roger B. Miles[91] estudaria os 53 representantes do clero, membros da *Royal Society*. Segundo Miles, a religião durante o século XVII *"era menos um motivo para estu-*

87. O primeiro foi *Sylva and Micrographica,* de Robert Hooke.
88. Paixão do duque de Buckingham, admitido em junho de 1661.
89. *Directions for Seamen Going into the East and West Indies,* 1666.
90. *Promoting Experimental Learning,* Cambridge University Press, 1991.
91. *Science, Religion and Belief,* Peter Lang, 1992.

dar as ciências do que uma maneira de justificar a atividade científica". Uma forma de segurança contra a intolerância e as provocações do passado. Os Puritanos eram supostamente mais interessados no desenvolvimento da agricultura, enquanto os Anglicanos se interessavam mais pelas ciências físicas. De qualquer maneira, 26 dos 53 teriam concluído brilhantemente os estudos científicos. Ele terminaria o que viria a ser o título de sua obra: *La virtuosité Cléricale de la Royal Society"* (A virtuosidade clerical da *Royal Society*). Em vez de confrontar Ciência e Religião, a *"Royal Society"* permitia um compromisso para, segundo Roger Miles, *"demonstrar que os mistérios não eram absurdos, mas inteligíveis"*. De certa forma, uma hermenêutica do saber.

Em 1663, adotando a segunda versão de sua Constituição, a *Royal Society* admitiria uma ligação privilegiada com a Coroa e com o Império e agradeceria formalmente *sir* Robert Moray por sua contribuição em sua fundação.[92]

Em 1666, após um grande incêndio, a *Royal Society* mudaria para Arundel House, a residência dos duques de Norfolk. Finalmente, em 1710, sob a presidência de Newton, ela assumiria a propriedade de seus locais de Crane Court. Em 1780, a Coroa lhe ofereceu locais em Somerset House. Em 1857, ela mudaria para Burlington House e depois, pela última vez, em 1967, para Carlton House, dispondo já de amplos meios.

A partir de 1731, novas regras de adesão exigiam a candidatura escrita e uma apresentação por dois membros.

Essa regra foi novamente modificada em 1847 e, desde então, somente os méritos científicos são levados em conta.

Em sua obra *The New Jerusalem, Rebuilding London: The Great Fire, Christopher Wren and the Royal Society*[93] (A Nova Jerusalém, Reconstruindo Londres: O Grande Incêndio, Christopher Wren e a Royal Society), Adrian Gilbert coloca em cena, de maneira controversa, a reconstrução de Londres após a devastação de 1666 por um grupo de membros da *Royal Society*, supostos franco-maçons, segundo uma teoria baseada no Templo de Salomão. Durante a década de 1970, John Mitchell[94] tentara a mesma abordagem a respeito da construção da Abadia de Glastonbury em Somerset.

---

92. Em *The Invisible College,* de Robert Lomas, obra citada.
93. Bantam Press, Londres, 2002.
94. *The City of Revelation,* Garnston Press, Londres, 1972.

O mesmo autor também considera que o afluxo de refugiados chegando da Boêmia após a derrota desse Estado protestante, em 1620, por parte do Império Austríaco, teria acelerado o movimento das idéias.

Comenius e sua primeira enciclopédia, publicada em 1630 (*Pansophia Prodromus),* Samuel Hartlib e sua *Description du fameux Royaume de Macaria* (Descrição do famoso Reino de Macaria), publicada em 1640, e numerosos rosacrucianos participaram dessa influência que deixara entrever um pouco de liberdade para os pesquisadores, apesar dos acontecimentos políticos.

Os primeiros presidentes da *Royal Society*

1661	Robert Moray
1662-1677	William, visconde Brouncker
1677-1680	*Sir* Joseph Williamson
1680-1682	*Sir* Christopher Wren
1682-1683	*Sir* John Hoskins
1683-1684	*Sir* Cyril Wyche
1684-1686	Samuel Pepys
1686-1689	Lorde Vaughan
1689-1690	Thomas, conde de Pembroke
1690-1695	*Sir* Robery Southwell
1695-1698	Charles Montagy, conde de Halifax
1698-1703	Lorde Somers
1703-1727	*Sir* Isaac Newton

Se o elo filosófico entre a *Royal Society* e a Franco-Maçonaria, recém-estabelecida, parece nada mais ter a demonstrar, o elo estrutural apareceria tardiamente. Será necessário examinar o papel de Newton, o presidente tardio, mas ao longo do mandato; e cuja influência será reforçada por um círculo de membros ativos e determinados.

Newton Cientista, Alquimista e Feiticeiro

Newton era órfão de pai e foi abandonado pela mãe ao nascer, a 25 de dezembro de 1642. Ele foi criado por sua avó, em Woolsthorpe, no Lincolnshire. Durante a sua fase escolar, ele freqüenta regularmente a escola de Gramática de Grantham, hospedando-se em uma farmácia e ali descobrindo a Química.[95] Aos 14 anos, com a volta da mãe, casada novamente com um rico pastor que não gostava dele, Newton foi obrigado a deixar a escola e isolar-se entre seus livros e suas fantasias. Eremita de caráter difícil, solitário e introvertido, aos 18 anos (1661), é admitido no Trinity College de Cambridge. Em virtude do pouco auxílio de sua mãe, Newton precisou trabalhar para pagar seus estudos e viver precariamente. Faz amizade com John Wickins e descobre os filósofos gregos Francis Bacon, Galileu e, principalmente, Descartes. Em suas anotações de 1663, ele faz a seguinte menção: "Platão é um amigo, Aristóteles é um amigo, mas dentre todos os amigos a verdade é a melhor".

Em 1664, ele tenta a sua primeira experiência universitária comprando um prisma na Feira anual de Sturbridge, às margens de Cambridge, e descobre as cores da luz.

Em 1665, a grande peste obriga-o a um longo período de isolamento (18 meses), durante o qual aproveita para exercitar os seus

95. Tony Allan, *Isaac Newton,* Heinemann Library, Chicago, 2001.

talentos e desenvolver suas experiências com a luz. Nessa mesma época, ele também descobre a gravidade ao observar, em um campo, maçãs caindo de uma árvore. A partir de 1663, ele redige as anotações que refletirão suas pesquisas e suas dúvidas,[96] mas levará muito tempo para publicar seus estudos.

Em 1667, ele volta a Cambridge, onde é notado por Isaac Barrow, o seu professor de Matemática do Trinity College. Com muita dificuldade, esse professor o convence a mostrar os resultados de suas pesquisas em uma reunião privada de universitários, entre os quais estava o presidente da *Royal Society*. Newton é recrutado como mestre assistente do Trinity College; mais tarde, torna-se assistente de Barrow. Em 1669, Barrow recomenda Newton como seu sucessor e, com apenas 26 anos, ele torna-se o mais jovem professor de Matemática que a Universidade recrutara.

Newton desenvolve então um interesse, mas clandestinamente, pela Alquimia, que se confundia na época com a Química. Também estuda Religião e desenvolve algumas idéias hereges sobre a origem de Cristo.

Em 1671, Barrow apresenta o telescópio de Newton à *Royal Society* de Londres, à qual também pertenciam Robert Boyle, o químico, e Christopher Wren, o arquiteto. Newton é convidado a fazer parte da associação. Ali, ele encontra o seu rival, Robert Hooke, físico e arquiteto da reconstrução de Londres após o grande incêndio de 1666.

Em 1675, o rei Carlos II o autoriza a não se tornar pastor, como era a tradição do Trinity College, a fim de poder continuar com suas pesquisas científicas. Ao mesmo tempo, Newton dedica uma parte importante de sua energia à procura de mensagens ocultas, segundo ele, na construção do Templo de Salomão e no livro de Ezequiel.

Durante o inverno de 1677, um incêndio destrói uma parte de seus manuscritos e provoca a primeira depressão nervosa. Sua mãe falece em 1679, e ele deve ausenta-se por um longo período para acertar a sucessão.

Em 1685, a subida ao poder de Jaime II leva Newton a se opor ao retorno dos católicos. A queda do rei em 1688 lhe permite acreditar em uma função oficial; junta-se ao Parlamento em 1689, mas sofre uma profunda depressão ao não receber qualquer proposta.

---

96. Ver particularmente Jean Pierre Maury, *Newton et la mécanique céleste*, Découvertes Gallimard, 1990.

Em 1696, torna-se diretor dos Valores Reais; muda-se de Cambridge para Londres, onde reencontra sua sobrinha Catherine Barton, que lhe servirá de governanta; reforma consideravelmente o instituto e é eleito presidente em 1700, voltando ao Parlamento entre 1701 e 1705.

Descobrindo os trabalhos não publicados de Newton, Edmund Halley, astrônomo, convence-o a publicar suas pesquisas mais importantes. Os princípios matemáticos da Filosofia natural são finalmente publicados pela *Royal Society* em 1687, acelerando a revolução científica moderna.

Em 1703, Newton é eleito presidente da *Royal Society,* mantendo o cargo durante quase 25 anos. Em 1704, ele publica 40 anos de pesquisa sobre Ótica e é reconhecido em 1705.

Newton morre em março de 1727 e é enterrado na Abadia de Westminster, junto aos despojos dos reis da Inglaterra.

Mas, além de sua vida oficial, Newton também empreendeu pesquisas "proibidas" que precisam ser situadas no tempo.

Giordano Bruno* é martirizado em fevereiro de 1600, mas suas obras e pesquisas são amplamente difundidas na Europa. Segundo Adrian Gilbert,[97] ele prevê a *Nature Philosophique des Principes Mathématiques* (Natureza Filosófica dos Princípios Matemáticos) de Newton. E, assim, em menos de um século, passamos da Magia para a Ciência, da Alquimia para a Química, da proibição para a experimentação. Esse processo contínuo parece uma evolução natural marcada pela função de Newton como revelador de uma etapa essencial.

O aparecimento na Alemanha, a partir de 1614, de uma série de textos anônimos intitulados *La Fraternité de Fama ou la découverte de la Fraternité du Très Noble Ordre de la Rose-Croix* (A Fraternidade de Fama ou a descoberta da Fraternidade da Mui Nobre Ordem da Rosa-Cruz) cria as condições de um verdadeiro "furor rosacruciano", relegando os conflitos entre católicos e protestantes à nulidade e anunciando a "luz". O presumido autor parece ser Johann Andrae, um pastor luterano de Wurttemberg que, mais tarde, admitiria ter escrito um texto complementar *(Le mariage chimique de Christian Rosencreuz)* (O casamento químico de Christian

* N.E.: Sugerimos a leitura de *Acerca do Infinito, do Universo e dos Mundos*, de Giordano Bruno, Madras Editora.

97. *The New Jerusalem,* obra citada.

Rosencreuz). Mas essa literatura encontraria um considerável sucesso na Europa da época. Dezenas de obras inundariam a Europa, misturando lendas e alquimia. Em 1677, o aparecimento de *Mutus Liber* (O Livro do Silêncio), editado em La Rochelle por Pierre Savouret, marca uma nova etapa da relação complexa entre Protestantismo, Alquimia e Esoterismo.

Em 1570, o prefácio de John Dee, o alquimista da rainha, nas obras de Henry Billingsley traduzindo Euclides, também marca a ligação entre a Alquimia e a Matemática. Presidente do Colégio Real dos Médicos, William Gilbert é um matemático especializado em magnetismo.[98]

Também não é possível ignorar o papel fundamental de *sir* Francis Bacon[99] nessa relação incestuosa entre Ciência e Hermetismo. Ele é suspeito tanto de ser o autor anônimo de uma parte da obra de William Shakespeare quanto dos primeiros manifestos rosacrucianos. Membro do Parlamento desde 1581, conselheiro especial da rainha Elizabeth em 1596, Guarda do Selo Real em 1617, ele foi vítima de uma "depuração política" em 1621.

Suas obras, entre as quais *The Advancement of Learning* (O Avanço do Conhecimento), defendem o direito do saber contra as críticas de heresia. Mas a edição de 1640 consiste de um cenário na capa do livro que lembra a direta organização de um Templo Maçônico.[100] Todas as suas outras publicações, notadamente *Novum Organon,* publicada em 1620, confirmam essa vontade de lutar contra as ortodoxias antigas. Sua obra póstuma, fundamentalmente alquímica, *Sylva Sylvarum,* termina o ciclo de sua demonstração. O livro é editado ao mesmo tempo que *La Nouvelle Atlantide* (A Nova Atlântida). Além das repetidas referências ao Templo de Salomão, Bacon propõe no livro principalmente a criação de uma Ordem de Cientistas encarregados de explicar os mistérios da Natureza, a *Sociedade do Templo de Salomão.*

A influência dos refugiados da Boêmia, a lenta difusão das obras rosacrucianas e as dúvidas teológicas de Newton iriam afetar fortemente as suas preocupações, assim como, no início do

98. *De Magnete,* Londres, 1600.
99. Ver principalmente Jacques Blamont, *Le chiffre et le songe, histoire politique de la découverte,* Odile Jacob, 1993.
100. Ver *'The New Jerusalem',* obra citada.

século XVIII, deu origem ao caso dos *French Prophets* (Profetas Franceses).

Em 1701, Élie Marion, católico fervoroso das Cevenas, é sensibilizado pela perseguição contra os protestantes e, em 1702, junta-se aos *Camisards* (rebeldes protestantes franceses). Refugiado em Genebra, em 1704, dirige-se para Londres em 1706 com um grupo de franceses publicando certas profecias,[101] naturalmente intituladas *Profecias Francesas*. Pacíficos, mas subversivos, eles preocuparam as polícias européias e os poderes estabelecidos. Em dezembro de 1707, os *Camisards* são condenados a uma exposição pública por profanação. Em seguida, eles praticam um ativismo transbordante, mas raramente coroado de êxito do ponto de vista da realização dos acontecimentos anunciados. Os tremores de seus corpos durante suas sessões iluministas fizeram com que fossem apelidados de *shakers*.

Interessado no movimento, mas discreto por causa de sua nova situação, Newton é considerado, sem provas, um dos grandes intelectuais que lhes teria dedicado consideração.[102]

Essa estranha relação entre Newton e o complexo Hermetismo marginal da época foi durante muito tempo ignorada, ou melhor, ocultada. As biografias oficiais, em sua maioria, deixaram de apresentar o outro Newton.

Loup Verlet[103] lembra as condições da descoberta "milagrosa" dos manuscritos inéditos de Newton. Compilados em 1696, quando parte para dirigir os Valores Reais em Londres, eles escapam ao "auto de fé" (Inquisição) de seus documentos pessoais, organizado pouco antes de sua morte. Esses documentos são descobertos somente dois séculos mais tarde e colocados à venda em um leilão em 1936.

John Maynard Keynes, que arremata o lance, descobre não somente o "Primeiro Físico", mas também o "Último Mago". O baú continha numerosas obras alquímicas, dentre as quais algumas dificilmente acessíveis (o essencial em Cambridge, uma ida à Universidade

---

101. Ver principalmente as obras de Jean Pierre Chabrol, professor da IUFM de Marselha.

102. Ver também Jean Delumeau, *Mille ans de bonheur, une histoire du paradis*, Fayard, 1995; Garret, *Spirit Possession and Popular Religion: From the Camisards to the Shakers*, John Hopkins University Press, Baltimore, 1987, e Schwartz Hillel, *The French Prophets*, University of California Press, 1980.

103. *La Malle de Newton*, NRF Gallimard, 1993.

de Jerusalém, outros documentos particulares). Segundo Loup Verlet, a obra conhecida de Newton compreenderia 1,4 milhão de palavras consagradas à Teologia; 550 mil, à Alquimia; 150 mil, à moeda; e 1 milhão, a problemas científicos. Verlet considera Newton, do ponto de vista científico, uma coincidência. Se ele não tivesse existido, a evolução da Ciência seria tão-somente retardada, e a obra encetada por Galileu e Descartes seria inelutavelmente difundida. Mas ao ocultar os seus segredos no baú, Newton, o mago, também fez desaparecer a dimensão alquímica, hermética e esotérica que esclareceria a sua pesquisa. Desse ponto de vista, a Ciência vitoriosa fez desaparecer a sua matriz complexa.

Alexandre Koyré[104] lembra que Newton, insensivelmente, transformara suas obras mais técnicas quanto ao questionamento "dos problemas metodológicos, epistemológicos e metafísicos". Ele ainda afirma, em nota, que os historiadores negligenciam muitas vezes essa evolução que se confunde na natureza das diversas edições, principalmente sobre a *Ótica.*

O bispo de Berkeley compreendeu rapidamente o perigo e atacou vigorosamente os conceitos de Newton desde 1710. Por outro lado, Leibniz acusaria Newton de ocultismo filosófico e Newton reagiria com a publicação de seu *Scholie Général* (Comentário Geral) em uma nova edição de *Principia.* Ele escreveu: "O verdadeiro Deus é um ser vivente, inteligente e poderoso. Durará de eternidade em eternidade; Sua presença vai de infinito em infinito. Ele rege todas as coisas...".[105]

Newton estaria sendo prudente ou francamente herege? Em todos os casos, ele refuta as posições puramente mecanicistas de Descartes ou de Leibniz mantendo-se sempre à margem do que era tolerado em matéria de religião, até mesmo acusando os seus críticos de "impiedade".[106] Leibniz reagiria da mesma forma, escrevendo, em 1715, à princesa do País de Gales,[107] de origem alemã e futura rainha da Inglaterra, que o "sr. Newton e seus adeptos ainda

104. *Du monde clos à l'univers infini,* Tel Gallimard, 1973.
105. Citado em *Newton's Prophecies of Daniel,* Londres, 1733, e novas edições de 1991 e 2000.
106. Em seu *Principia.*
107. Publicada em *A collection of papers which passed between the late learned M. Leibniz and Dr. Clarke in the years 1715 and 1716 remating to the Principles of Natural Philosophy and Religion,* Londres, 1717.

mantêm uma opinião bem agradável da Obra de Deus. Segundo eles, Deus precisa dar corda ao seu relógio de vez em quando, do contrário pararia de funcionar. Ele não teve suficiente visão para criar o movimento perpétuo. Ainda segundo os mesmos, essa Máquina de Deus é até tão imperfeita que Ele é obrigado a limpá-la, vez ou outra, por meio de um recurso extraordinário e até mesmo ajustá-la como um relojoeiro faz com a sua obra...". A controvérsia prossegue longamente, mesclando argumentos teológicos e científicos em uma surpreendente mistura de sutileza e, às vezes, de absoluta perversidade intelectual.

Isabelle Stengers[108] lembra que Newton afirmou: "Eu não forjo hipóteses, atenho-me unicamente aos fenômenos", o que não impedia suas teorias especulativas, assemelhando-o a um Galileu "contemplativo".

Em sua obra sobre a invenção do Zero, Charles Seife[109] destaca a vontade de Newton, assim como a de Leibniz, de utilizar uma "idéia perigosa", o zero, para inventar o cálculo diferencial. Ao aceitar a idéia de um número nulo e infinito, conceito estranho e temeroso nascido antes da vinda de Cristo, banido por todos os gênios do mundo antigo apesar da força dos babilônios, que inventaram esse espaço vazio, ou dos maias, que o colocaram antes do 1, os cientistas do século XVIII usaram o "nada" ao dar-lhe um conteúdo. Uma outra revolução estava a caminho: surgia o *cálculo místico.*

Em 1669, de acordo com Richard Westfall,[110] Newton mergulha na literatura alquimista. Betty Jo Teeter Dobbs[111] afirma que Newton *"examinou toda a literatura da alquimia antiga como nunca fez antes nem depois"*. Numerosos manuscritos procedendo do ambiente de Hartlib seriam recopiados por Newton pessoalmente. O seu amigo Robert Boyle serviu-o como elo com outros círculos rosacrucianos ou alquímicos. Elias Ashmole também o assistiu na redação de seu *Theatrum Chemicum Britannicum,* publicado em 1652.

---

108. Em *Eléments d'histoire des Sciences,* Larousse, 1997.
109. *Zéro, La biographie d'une idée dangereuse,* J.-C. Lattès, 2002.
110. *Newton,* Flammarion, 1994. Ver também *The Influence of Alchemy on Newton* em *Science, Pseudo-Science and Society,* Wilfrid Laurier University Press, 1980.
111. *Les Fondements de l'alchimie de Newton,* Paris, 1981.

Newton até inventara um pseudônimo por anagrama *(Isaacus Neuutonus tornando-se Jeova sanctus unus),* que lhe permitiria trocar manuscritos com seus correspondentes, mantidos anônimos apesar das diversas especulações.

Nos arquivos pessoais de Newton, foram encontrados numerosos manuscritos extensamente anotados (*Secrets Reveal'd* [Segredos Revelados], de Philalethes, em 1669; *Novum Lumen Chymicum,* de Sendivogius; *Arcanum hermeticae philosophiae,* de Espagnet; *Symbola aureae mensae duodecim,* de Maier; *Opera,* de George Ripley, o grande alquimista inglês; *Triumphal Chariot of Antimony* [Carruagem Triunfal de Antimônio], de Basil Valentine, etc.), a maioria conservada na Universidade Yehuda de Jerusalém.

Newton era fascinado pela transmutação dos metais. *"Longe de buscar o ouro, ele procurava entender a natureza",* lembra Jacques Blamont. Na realidade, Newton procurava isolar o Mercúrio, elemento fundamental. Provavelmente foi o que o levou à morte.

Além dessa dimensão, Newton desenvolveria uma reflexão literalmente herética. Fascinado pela Trindade, ele se apaixonara pelo conflito entre os ortodoxos, liderados por Atanásio, no século IV, e os discípulos de Arius. Este considerava que Deus era único e que a Trindade não era possível. Segundo Richard Westfall, Newton[112] aos poucos se convenceu de "que uma grande fraude havia pervertido a herança da primeira Igreja". Newton considerava então que o culto ao Cristo no lugar de Deus era idolatria. Mas, no seio de uma Cambridge totalmente ortodoxa, em que o seu próprio mestre Barrow defendia a Trindade, Newton preferiu não se expressar publicamente.

David Brewster, em sua biografia de 1855,[113] enfatizaria que, "unindo a filosofia e a religião, ele dissolveu a liga que o gênio havia formado com o ceticismo e acrescentado à miríade de testemunhas o nome mais brilhante dos tempos antigos e dos tempos modernos".

Isabelle Stengers, exumando os testemunhos coletados por John Conduitt,[114] marido de uma das sobrinhas de Newton, observa que ele madrugava em seus trabalhos químicos ou alquímicos. Humphrey

---

112. Principalmente em *An Historial Account of Two Notable Corruptions of Scriptures,* cartas enviadas a John Locke, 1690.

113. *Memoirs of the Life, Writings and Discoveries of Sir Isaac Newton,* Edimburgo e Boston, 1855.

114. *Memoirs of Isaac Newton,* 1727. Em *Collections for the History of the Town and Sake of Grantham,* Londres, 1806.

Newton (não aparentado a Isaac) foi seu assistente de laboratório de 1685 a 1690; William Stukeley[115] ou David Brewster lhe fazem eco. Brewster destaca ainda sua incompreensão diante dessa fascinação comum a Newton, Locke ou Boyle.

Por outro lado, Margaret C. Jacob enfatiza o papel de Newton na restauração de uma interpretação social da filosofia e das ciências em uma época em que os Latitudinários tentavam afirmar-se.

Em 1968, Franck Manuel[116] quebra estrondosamente o incômodo silêncio e revela a face oculta do grande homem. Richard Westfall completaria o trabalho afirmando a *"interpenetração"* dos dois Newton, notadamente em seus trabalhos sobre a Luz.

Segundo Isabelle Stengers, trata-se da afirmação mais profunda que coloca à frente o fato de que "a alquimia de Newton não seria um defeito incômodo que precisasse ser oculto, mas uma fonte de inspiração essencial sem a qual a triste ontologia dos mecanicistas estaria em perigo de sufocar-se em analogias mecânicas vazias". A controvérsia prosseguiu desde então. Betty Jo Dobbs[117] confirma com Paoli Rossi:[118]

> "O fato de reconhecer as águas turbulentas das quais as ciências modernas se originam, de dar-se conta de que o nascimento do saber científico não é tão estéril quanto os homens das Luzes e os positivistas supunham ingenuamente, não significa a negação da existência do conhecimento científico nem o recuo ao primitivismo e ao culto da magia. Deveria a desilusão necessariamente coincidir com um desejo de regressão?"

Rupert Hall,[119] em outra biografia que desenvolve teses apresentadas desde 1963 em diversas obras (e que supervisiona a publicação das cartas de Henry Oldenbourg, o secretário da *Royal Society*), admite essa unicidade: "Isaac Newton foi o último sábio universal, o último espírito a acreditar que podia abarcar o conjunto

---

115. *Memoirs of Sir Isaac Newton's Life*, 1752.
116. Ver suas obras: *A portrait of Isaac Newton*, 1968; *The Religion of Isaac Newton*, 1974.
117. *The Foundations of Newton's Alchemy*, Cambridge University Press, 1975.
118. *Hermeticism, Rationality and the Scientific Revolution*, em *Reason, Experiment and Mysticism in the Scientific Revolution*, Science History Publication, New York, 1975.
119. *Isaac Newton, Adventurer in Thought*, Cambridge University Press, 1998.

do conhecimento". I. Bernard Cohen[120] desmente firmemente o fato em duas obras e cria o impasse sobre esse tema.

Betty Jo Teeter Dobbs,[121] realizando a síntese mais positiva das pesquisas em andamento, afirma que Newton teria conseguido, pela liberdade crítica, progredir na busca da verdade. Segundo ela:

> "Newton procurava penetrar os princípios divinos por trás da Natureza, os conhecimentos humanos e a Revelação. Seu objetivo era o conhecimento de Deus e, para conseguir, ele registrava as provas de todas as fontes possíveis: matemática, experimentações, observação, razão, revelação, história, mitos e os restos da Sabedoria antiga."

Newton não era um cético:

> "Ele não somente respeitava a idéia de que a Verdade fosse acessível ao espírito humano, mas pensava que fosse possível colocar em comunhão diversos sistemas de pensamento para ter acesso à Verdade."

Também é preciso lembrar o comentário de Newton[122] a respeito da *Tábua de Esmeraldas,* * de Hermes Trimegisto, escrito entre 1680 e 1684:

> "E assim vocês terão a glória do Mundo por inteiro e de suas ambigüidades, e todas as suas necessidades e todos os seus sofrimentos desaparecerão."

Também não é possível ignorar a relação, observada por Margaret C. Jacob, com os *Livres-pensadores* e os contenciosos que existiram entre esses últimos e os primeiros franco-maçons, a posição de John Tolland nessa controvérsia merece somente ela um longo desenvolvimento.

A influência de Newton nas obras de Adam Smith, economista escocês, não pode ficar no esquecimento dos pesquisadores.

---

120. *The Newtonian Revolution,* Cambridge University Press, 1980, particularmente.
121. *The Janus Face of Genius,* Cambridge University Press, 1991 e 1998.
122. Sotheby, lote 31, e coleção Keynes MS 28. Ver também René Buvet, *Le cas Newton,* em "Bulletin du Grand Collège de Rites", nº 117, 1992.
*N.E.: Sugerimos a leitura de *As Treze Tábuas Esmeraldinas de Thoth*, de Hermes Trismegisto, Madras Editora.

Para Loup Verlet, o fato de Newton ter nascido em 25 de dezembro poderia fazer-lhe acreditar que chegaria a ser um novo Mediador, um outro Cristo. Ele teria até mesmo tentado demonstrar que a data de nascimento do primeiro havia sido falsificada. Pecado de orgulho? É verdade que Newton era fascinado pelo final dos tempos e que o grande cometa de 1680 lhe parecia um sinal. Para tanto, por prudência ou por preocupação, Newton não tentou calcular o momento do Apocalipse. Suas relações sentimentais, o cansaço, os efeitos secundários das experiências, particularmente com o antimônio, foram, de qualquer forma, a conseqüência de suas pesquisas.

Segundo Nicolas Factio de Duillers, Newton explicava: um anagrama de *Isaacus Newtonus* resultava em *icova sanctus unus*, cf. Nicolas Witkowski, *Uma história sentimental das ciências,* Seuil, março de 2003.

Estaria Newton sob alguma influência ou teria ele conseguido extrair o melhor do proibido para construir um espaço de liberdade que pudesse, finalmente, permitir a uma ciência controlada dar à luz o progresso? Seria essa a ligação entre o espaço da espiritualidade e a vitalidade do conhecimento?

Chegava então o momento do aparecimento da Franco-Maçonaria, filha incestuosa da pesquisa, da teologia e das liberdades.

Segundo David Stevenson, uma fonte provável da redação das obrigações seria o aproveitamento de James Anderson dos textos compilados por seu pai, secretário da Loja "Aberdeen" durante muito tempo. Ver o artigo completo: "James Anderson, homem e maçom", Heredom, vol. 10, 2002.

Nascimento da Franco-Maçonaria

Steven L. Kaplan[123] explicou extensamente o colapso das estruturas sociais do antigo regime na França. No século XVIII, existiam centenas de Ofícios e milhares de Corporações. O livro dos Ofícios foi solicitado por São Luis e redigido pelo Preboste de Paris, Étienne Boileau, que estabeleceu os regulamentos de uma centena de Ofícios. Havia cerca de 40 mil "mestres" e uma centena de milhares de companheiros. Entre 1776 e 1791, essa força de resistência social à modernização econômica resistiu a Turgot, curvou-se diante de d'Allarde e cedeu diante de Le Chapelier em nome da Revolução em marcha. Nada foi dito quanto à posição e ao papel da Franco-Maçonaria, pois sua ligação com as Corporações ou o Companheirismo ocorreu unicamente na Inglaterra. Quanto à ligação com a Maçonaria Operativa, a demonstração de David Stevenson é suficiente para solucionar a questão puramente inglesa, não afetando a abertura escocesa apresentada nos primeiros capítulos deste livro.

Em seu capítulo sobriamente intitulado *Maçonaria,*[124] Margaret Jacob volta-se à teoria da transição assinalando, ao mesmo tempo, a criação, em 1710, de um *grupo libertino e maçônico,* em Haia; chamavam-se de Irmãos e tinham um Grão-Mestre e um Secretário;

---

123. *La fin des Corporations,* Fayard, 2001.
124. Em *Le Monde des Lumières,* Fayard, 1999.

o grupo era composto de intelectuais huguenotes de origem francesa. Em suas obras essenciais, ela desenvolve outras teorias sobre a relação entre a criação de uma nova sociedade civil e o papel da Franco-Maçonaria inglesa. Dessa forma, em *Living the Enlightenment* (Vivendo o Iluminismo),[125] em *The Radical Enlightenment* (O Iluminismo Radical)[126] e, principalmente, em *The Newtonian and the English Revolution* (O Newtoniano e a Revolução Inglesa),[127] Margaret Jacob explora as ligações entre a Revolução Inglesa, as idéias herméticas, as oposições políticas, os clubes científicos e o papel da Franco-Maçonaria.

Sem assumir uma posição definitiva, ela verifica a visão política da Franco-Maçonaria Especulativa inglesa e o seu conteúdo ideológico. Em um extenso desenvolvimento sobre *Les lumières Newtoniennes et leurs critiques* (As luzes Newtonianas e suas críticas), ela observa a ligação entre as pesquisas de Newton e sua popularização na França por Voltaire, e o seu retorno para a Inglaterra na versão traduzida.

Jérome Rousse-Lacordaire[128] também insistia na "ambivalência das Luzes" e lembra até que ponto a filosofia da *Royal Society* estava infundida na sociedade científica e erudita.

E, em 1677, Thomas Sprat, o historiador oficial da *Royal Society,* escreve:

> "No que diz respeito aos próprios membros que devem formar a Sociedade, é preciso destacar que eles aceitaram livremente Homens de diferentes Religiões, Países e Profissões de Vida. Eles foram obrigados a fazê-lo senão teriam se afastado rapidamente da amplitude de visão de suas próprias Declarações. Eles professavam abertamente não estabelecer os Fundamentos de uma Filosofia inglesa, escocesa, irlandesa, papista ou protestante, mas uma Filosofia da Humanidade."[129]

Portanto, seria interessante ler e entender de uma melhor maneira "o Anderson de 1723".

---

125. Oxford University Press, 1991.
126. George Allen e Unwin, Londres, 1981.
127. The Harvester Press, 1976.
128. *Les Lumières Maçonniques entre Naturlisme et Illuminisme,* em "Renaissance Traditionnelle", nº 130, 2002.
129. *History of the Royal Society,* 1677, reedição de Routledge e Kegan, 1959.

A experiência científica, a dúvida, a pesquisa, tudo estava na vontade afirmada da *Royal Society,* como também estava no sincretismo clandestinamente exercido por Isaac Newton.

Essencialmente, a Franco-Maçonaria parece bem ser uma criação *sui generis*. E qual foi o papel de Isaac Newton: seu iniciador, seu fundador ou seu cúmplice?

Citando o poema póstumo[130] de Jean-Théophile Desaguliers (1683-1744), discípulo e secretário de Newton, Companheiro da *Royal Society* desde 1714, capelão do príncipe de Gales, Rousse-Lacordaire estabeleceu o elo entre a filosofia de Newton e a política:

> "Ele explicava que as Leis das Nações deviam ser análogas às leis da Natureza estabelecidas nos Céus e que poderiam ser estudadas como fenômeno. Esse estudo lhe permitiu julgar que a forma mais perfeita de Governo é a que mais se aproxima do Governo Natural de nosso Sistema segundo as Leis estabelecidas pelo Mui Sábio e Todo-Poderoso Arquiteto do Universo."

Curador das experimentações da *Royal Society* a partir de sua eleição, Desaguliers aparece como o *deus ex machina* da criação da Franco-Maçonaria Especulativa. Se a Franco-Maçonaria fosse uma religião, Newton seria o Cristo mediador e Desaguliers, o seu Profeta.

Personagem cuja vida testemunha todos os rasgos religiosos, assim como todos os debates intelectuais da Europa do fim do século XVII, Desaguliers expressa, principalmente por suas origens, valores reencontrados naturalmente nas fontes da Maçonaria Especulativa inglesa, em Londres, na década de 1720.

Filho de um pastor de La Rochelle condenado ao exílio pela revogação do Edito de Nantes em 1685, para fugir à Lei de Bronze que obrigava os protestantes exilados a deixarem seus filhos na França, a fim de que fossem criados dentro do Catolicismo, o jovem Jean-Théophile embarcou com seus pais escondido em um barril. Não é de se surpreender ele, mais tarde, ilustre e influente, ter demonstrado uma hostilidade sem precedente à memória de Luís XIV e de seu despotismo. Há memórias de infância que são mais pesadas do que quaisquer argumentos políticos.

---

130. *The Newtonian system of the World, the Best model of Government.*

Notado bem cedo por suas capacidades e seus dons, ele entrou no famoso Colégio da *Christ Church* (Igreja de Cristo) em Oxford, no qual, apesar de o currículo educativo respeitar ainda a tradição clássica, já era oferecida uma posição de escolha para o pensamento de Locke – ele mesmo um ex-aluno da *Christ Church*. No domínio do conhecimento científico, Locke opunha-se notadamente ao inatismo dos neoplatônicos de Cambridge – para quem toda verdade vinha de uma predisposição divina – e, no domínio político e religioso, trabalhava para definir e justificar o conceito da tolerância.

Conhecido por seus talentos de experimentador desde 1710, Desaguliers aproxima-se da *Royal Society* em 1713 e, como já dissemos, é eleito em 1714, apadrinhado por seu presidente, o próprio Newton.

E assim começava para Desaguliers uma brilhante carreira, próximo e na trilha do inacessível grande homem. Para um de seus melhores biógrafos, "é possível que uma vez eleito Companheiro da sábia Sociedade três dias antes da morte da rainha Ana, Desaguliers viu-se conferido com a missão de reafirmar a supremacia newtoniana em matéria de filosofia natural",[131] uma tarefa que ele cumpriria até o fim de seus dias.

Admitido como diácono em 1710 e depois sacerdote em 1717, o reverendo Desaguliers, além das funções honoríficas de capelão de altos aristocratas e alguns benefícios eclesiásticos, deixaria unicamente dois sermões que, certamente, não constituem manifestamente as mais brilhantes de suas produções literárias. Por outro lado, formado em Direito em 1718, ele ficaria profundamente marcado por essa formação jurídica alcançada em seu percurso universitário.

Do trabalho imenso realizado por Desaguliers, em mais de trinta anos de experimentação, de reflexão, de conferências e de publicações, podemos concordar com P. Boutin que:

> "A obra toda de Desaguliers é inserida na extensão do contexto do pensamento filosófico que a Inglaterra do século XVII conheceu. Esse pensamento é marcado particularmente por uma evolução dos princípios e das metodologias em matéria de filosofia natural. O estudo dos fenômenos da natureza é considerado como devendo ser desvinculado da busca pelo

131. P. Boutin, *Jean-Théophile Desaguliers, un Huguenot, philosophe et juriste, en politique*, Paris, 1999, p. 10.

conhecimento de Deus, no sentido de que a realidade física não é suprida pela palavra divina, mas pode ser descoberta no funcionamento de sua obra; tampouco pode ser autenticada pelo testemunho das Escrituras; os resultados da experimentação que a tornam compreensível podem ser apreendidos por meio da leitura das figuras geométricas. O funcionamento físico do Universo torna-se então inteligível ao espírito humano. Além de provocar uma reflexão analítica sobre os fundamentos da fé, esse novo conceito da verdade leva a imaginar novas relações do homem com o governo da Obra."[132]

Nesse contexto, não se sabe o que levou Desaguliers para as Lojas, como também não é conhecido o lugar ou quando foi iniciado.

Entretanto, Grão-Mestre da Grande Loja de Londres (das *modernas*) desde 1719, nas palavras de Roger Dachez, Desaguliers conseguiu *levar adiante* a bem jovem Grande Loja. Por meio de um modesto desconhecido, Anthony Sayer, ele chegou a transmitir, a partir de 1721, a Grande Mestria ao duque de Montaigu, o homem mais rico da Inglaterra e doutor em Medicina. A nobreza hanoveriana e os cientistas da *Royal Society* formavam juntos então a nova aristocracia britânica. Foi quando nasceu verdadeiramente a Primeira Grande Loja, fermento da Franco-Maçonaria de Estado. Uma elite intelectual, política e liberal, trabalhando para a pacificação da Grã-Bretanha e, ao mesmo tempo, criando obras de caridade poderosas, instituindo o primeiro comitê de caridade. O próprio Sayer, esquecido e empobrecido, a ele faria apelo.

Em seu estudo de 1967, J.R.Clarke[133] faz menção a James Anderson que, em seu prefácio às primeiras *Constituições*, lembrava que "numerosos nobres e gentil-homens da melhor classe, membros do clero e eruditos" haviam se associado à Ordem sob a presidência do duque de Montaigu. Em diversas instâncias, os AQC (*Ars Quatuor Coronati* – Registros da Loja Quatuor Coronati) haviam tentado estabelecer uma conexão entre a *Royal Society* e a criação da Grande Loja de Londres, sem muito êxito. Apesar do risco em errar, J.R. Clarke tentou uma verificação das listas dos membros.

---

132. Obra citada.

133. *The Royal Society and Early Grand Lodge Freemasonry,* Ars Quatuor Coronati, nº 80, 1967.

Em 1723, dos 200 membros da *Royal Society*, cerca de 40 eram franco-maçons, ou seja, um quinto do efetivo. Também é preciso considerar que 13 haviam pertencido à *Royal Society* antes da formação da Grande Loja, entre os quais um bom número de Grão-Mestres. Em 1725, 47 *Companheiros* pertenciam à Grande Loja (entre 64 Lojas e cerca de 200 Irmãos.[134])

Alguns também foram membros do *Gresham College*, do *Invisible College* ou da sociedade dos "Antiquários" (como John Machin ou Philipp Carteret Webb).

Ao agregar os outros dirigentes da Grande Loja de Londres, encontramos também 23 grandes supervisores, membros entre 1723 e 1813. Isso também ocorre nas principais Lojas de Londres. Em 1730 havia 97 franco-maçons membros ou futuros membros da *Royal Society* nas Oficinas da Grande Loja de Londres, mas quase nenhum na Grande Loja dos Anciãos, estabelecida em 1751.[135]

Como vimos anteriormente, Moray com Hamilton ou Ashmole com Mainwaring e, do mesmo modo, Henri Prichard ou Edouard Hall[136] foram recebidos entre os maçons antes da Franco-Maçonaria.

Indo mais além na demonstração, Boutin salienta que a estrutura das *Constituições* de 1723 segue o mesmo estilo apresentado por Newton em seu livro *Principia:*

- Definição
- Premissa
- Experimentação
- Proposta

Assim como o artigo sobre Deus e a Religião amplamente desenvolvido por Rousse-Lacordaire:

Definição: O maçom é obrigado, por sua associação, a obedecer à Lei Moral.

134. Pierre Boutin, obra citada, pp. 134-136.
135. Ver especialmente Bernard Jones, *La Grande Loge dite des anciens,* Trabalhos da Loja Nacional de Pesquisas Villard de Honnecourt, nº 8.
136. A.R. Hewitt, *Histoire des Cents premières années de la Grande Loge d'Angleterre,* em brochura de celebração do 250º aniversário da fundação da Grande Loja da Inglaterra, Londres, 1967.

Os Grão-Mestres da Grande Loja de Londres e a *Royal Society*		
Nome	*GM em*	*Membro da RS em*
Jean Théophile Désaguliers	1719	1714
Duque de Montaigu	1721	1718
Duque de Buccleuch	1723	1724
Duque de Richmond	1724	1724
Conde de Abercorn	1725	1715
Lorde Coleraine	1727	1735
Conde de Leicester	1731	1729
Conde de Strathmore	1733	1732
Conde de Crawford	1734	1732
Conde de Loudon	1736	1738
Conde Darnley	1737	1738
Lorde Raymond	1739	1740
Conde de Morton	1741	1733
Conde de Morton	1757	1754
Conde Ferrers	1762	1761
Lorde Petre	1772	1780
Duque de Cumberland	1782	1789
Príncipe de Gales	1790	1820
Lorde Moira (GM delegado)	1790	1787
Duque de Sussex	1813	1828
Grão-Mestres Adjuntos		
John Beale	1721	1721
Martin Folkes	1724	1714
William Graeme	1739	1730
Martin Clare	1741	1735
Edward Hody	1745	1733
Visconde Dillon	1768	1767

Premissa: Caso entenda corretamente a Arte, ele nunca será um ateu estúpido ou um libertino sem religião.

Experimentação: Apesar do fato de que antigamente os pedreiros fossem obrigados a pertencer à religião própria de cada país, independentemente de qual fosse.

Proposta: Atualmente foi julgado mais próprio restringi-los unicamente à religião com a qual todos os homens concordem, deixando a cada um suas próprias convicções, ou seja, homens de bem e leais ou homens de honra e de probidade, qualquer que seja a denominação ou crença que ajude a distingui-los, fazendo com que a Maçonaria se torne o Centro da União e o meio de praticar uma autêntica Amizade entre pessoas que, do contrário, ficariam isoladas perpetuamente.

Como é possível esquecer que esse texto foi redigido por James Anderson, puritano presbiteriano e defensor da ortodoxia trinitária sob a vigilante atenção do reverendo Desaguliers, liberal e muito próximo das teorias teológicas de Newton?

Em suas obras publicadas em 1993[137] à memória de René Buvet, Irmãos do Grande Oriente da França assinalariam a ligação celebrada por Pope: *A Natureza e as suas leis estavam escondidas na noite. Deus disse: Que Newton seja e tudo se aclare.* E destaca a ligação entre Newton e Locke, que em seu *Traité sur le Governement Civil* (Tratado sobre o Governo Civil) de 1690 permitiria a justificativa teológica de uma Monarquia contratual.

Da expansão rosacruciana e científica do final do século XVII, Newton conseguiu o prodígio de uma interpretação da Revelação no limite extremo do que a Igreja podia suportar. Ele tece um elo que permite enriquecer a teologia pela pesquisa das leis naturais sem se opor ao Deus oficial, permitindo, ao mesmo tempo, a liberdade e o progresso.

137. Em *Bulletin du Grand Collège des Rites,* nº 120.

Com esse compromisso, Desaguliers organiza uma força social e política que evita a confrontação e ganha, sempre à margem, novos espaços. Evitando os pregadores extremistas, a nascente Franco-Maçonaria acolhe os dissidentes (*dissenters*) e os huguenotes refugiados.[138] Em 1764, era até possível ouvir, em um célebre sermão, que era preciso acolher com prudência novos Irmãos e, ao mesmo tempo, abrir as portas das Lojas às mulheres!

Existem numerosas controvérsias sobre a existência de uma Franco-Maçonaria Hanoveriana, Jacobita[139] ou quanto às alegações de, em 1738, levar unicamente o Vaticano a proibir a associação à Ordem.*

Entretanto, ainda há muitas hipóteses a serem esclarecidas, confirmadas ou negadas.

De qualquer maneira, procuremos analisar os termos da seguinte demonstração:

A partir de Lojas Maçônicas Escocesas, maçons aceitos e partidários de Carlos I brilharam suficientemente, viajaram e estudaram para criar espaços de pesquisas e debates em um país devastado pelas guerras. Com a ajuda de rosacrucianos, hermetistas e alquimistas, cientistas e políticos, suas criações permitiram reunir a base do que viria a ser a Franco-Maçonaria pouco antes da passagem do século XVIII. Essa mistura conseguiria ter êxito e dar lugar ao texto de 1723, a partir de uma reconciliação política bem-sucedida entre os partidários de Cromwell e os Monarquistas. A Franco-Maçonaria inglesa, nascida de escoceses e de dissidentes, parece selar o compromisso da restauração e do parlamentarismo.

A história é feita de pequenos acontecimentos e de grandes realizações. A história da Franco-Maçonaria ainda está para ser completada, ou melhor, interpretada. Não quisemos demonstrar nada para a eternidade, tampouco criar um novo catequismo. Ninguém pode esquecer, nem mesmo os mais integrados maçons, que não há nenhum sacramento nem clero nas verdadeiras Lojas. Nelas se busca a verdade, não há celebração de um culto.

---

138. Margaret Jacob, *obra citada.*

139. Ler particularmente os números 113, 114 e 117 da Revista *Renaissance Traditionnelle.*

* N.E.: Sugerimos a leitura de *Arquivos Secretos do Vaticano e a Franco-Maçonaria*, de José A. Ferrer Benimeli, Madras Editora.

Philippe Muray, em seu excepcional livro *Le XIXe Siècle à travers les Âges* (O Século XIX Através do Tempo),[140] mostra até que ponto gostamos de acreditar em uma história corrompida, manipulada, exauridas de contradições e paradoxos. O século XIX parece com a busca inexorável das relações curiosas entre Ciência e Alquimia, Magia e Lógica, Ocultismo e Progresso. Vitor Hugo também fazia girar as mesas, Auguste Comte criou uma Religião, Banqui escrevia sobre a eternidade dos astros... A complexidade da pesquisa deve lutar contra o ambiente simplista.

Durante muito tempo acreditamos que a sociedade da informação libertaria. Ela tornou-se a sociedade do espetáculo e das variedades, do vazio televisionado em horário nobre, da busca desenfreada da festa como produto esterilizado de grande consumo. A Franco-Maçonaria foi criada para compreender a complexidade, para admitir as diferenças, para reunir provas para as dúvidas e tentar fornecer, aqui e ali, soluções ou ferramentas úteis para aqueles que quiserem usá-las.

A Franco-Maçonaria de Newton e dos newtonianos permaneceu e continua viva como em seu primeiro dia.

Portanto, três séculos após o nascimento voluntário da Ordem, queríamos uma procriação assistida por um parentesco múltiplo, afirmar a liberdade da pesquisa e a necessidade da dúvida para a nossa história, assim como para a nossa ação contemporânea. Newton não fazia jus à imagem que o mundo científico criou a seu respeito. A partir de suas contradições, de sua oposição ao Cartesianismo, de seus "delírios" teológicos, podemos principalmente compreender que a liberdade do pensamento estava aflorando.

A *Royal Society* precedeu-a, incorporou-a e modificou-a tanto quanto a influenciou. Desaguliers teve seu papel, essencial.

Nada indica termos motivo para acreditar em nossa hipótese, mas, pelo menos, ela é proposta ao leitor como uma ferramenta de sua própria convicção. O Secularismo nunca serviu de desculpa à ignorância. A busca continua.

Uma última olhadela na História... Saint-Germain-en-Laye aparece como o local emblemático das reuniões jacobitas desde 1649. Ali encontramos Robert Moray; em 1688, centenas de

140. Tel Gallimard, 1984 e 1999.

stuartistas ali se refugiaram; em 1737, Bertin du Recheret pôde escrever que "essa antiga sociedade da Inglaterra foi introduzida na França por Jaime II em 1689". Ao homem para o qual fizeram da maçã o símbolo de suas descobertas científicas, a idéia da criação da Grande Loja de Londres, em 1717, ocorreu na sede da própria Loja, na hospedaria chamada *Le Pommier* (A Macieira)...

Epílogo

Ao terminar de ler estas páginas, acredito que os sentimentos do leitor atento possam estar confusos e contraditórios. De um lado, ele terá a impressão de não mais discernir sobre a natureza real da Franco-Maçonaria por meio de uma história tão profundamente revisada e corrigida e, de passagem, ele medirá a extrema complexidade do assunto. Mas, por outro lado, ele poderá perceber que, durante o percurso dos difíceis caminhos da pesquisa, seus desvios e suas curvas imprevistas, conseguimos atravessar uma nova etapa, sem dúvida, decisiva. Praticamente dispomos de quase todos os elementos necessários para desvelar finalmente o mais importante mistério da Franco-Maçonaria: o de suas origens.

Há alguns anos, o assunto ao qual Alain Bauer dedicou seu trabalho podia parecer relativamente simples, precisando apenas de alguns estilos medievais e de algumas páginas publicadas por Anderson. Mas, aos poucos, tudo mudou. Muitas obras, primeiro na Inglaterra e, mais recentemente, na França, começaram a minar as frágeis certezas, as confortáveis hipóteses e as seguras afirmações. Quando uma instituição, qualquer que seja ela, é recolocada em causa quanto aos seus fundamentos históricos e às suas fontes tradicionais, o trabalho importante enfrenta, muitas vezes, enormes resistências. Culpa-se à vontade a traição espiritual e a confusão intelectual, quando não a conspiração!

O próprio vigor dessas reações – posso assegurar que fui testemunha e, mais ou menos, o objeto, há alguns anos – traduz muito bem a criticidade do que está em jogo: a memória de um grupo não é invadida impunemente, principalmente quando a publicação dessa memó-

ria já foi realizada, ou seja, a sua *tradição* – a própria essência de sua vida e a justificativa de sua existência. É preciso, com um pouco de amargura, reconhecê-lo: a recusa manifestada por certos círculos maçônicos, diante das novas informações sobre as origens da Maçonaria, lembra curiosamente a atitude dominante do pensamento católico quando, ao final dos séculos XIX e XX, o questionamento crítico das Escrituras e das origens do Cristianismo, nos passos de Renan e de Loisy, levou à violenta crise do "modernismo". A Maçonaria, em quase três séculos de existência, não escapou totalmente às ciladas de um certo conformismo intelectual...

Não importa! O trabalho de estabelecimento de um novo *corpus* de nossa memória essencial está atualmente adiantado o suficiente para que sínteses prudentes possam finalmente ser propostas. Ferramentas heurísticas, teorias provisórias, permitem que nos conscientizemos das aquisições realizadas e dos problemas ainda não resolvidos. É nesse terreno no qual poucos se arriscaram que Alain Bauer desejou penetrar. Explorando uma literatura abundante, cujas numerosas referências lhe prestam testemunho, este ensaio possui, em minha opinião, um valor de recapitulação e poderá ser usado como um guia no caminho das vias escorregadias que levam ao nascimento da Franco-Maçonaria. Procuremos lembrar as etapas essenciais.

Já é admitido com certeza que os mitos relativos às origens diretamente operativas da Franco-Maçonaria, vendo nos construtores de catedrais os ancestrais autênticos dos maçons especulativos e, nesses últimos, os herdeiros legítimos dos primeiros, devem ser considerados unicamente pelo que eles são: mitos, ou seja, contos consideráveis, mas nunca fatos históricos.

Seria possível, no caso, contestar o emprego da palavra *mito* para designar as obras literárias que colocavam em cena os *oeuvriers* (operários) e os *imagiers* (vendedores de imagens) e preferir a palavra *lenda*. Eu, particularmente, prefiro mito e faço questão de evocar aqui a opinião de Mircea Eliade:

> "Essa história sagrada – a Mitologia – é exemplar: ela conta como as coisas vieram a ser, mas ela também fundamenta todos os comportamentos humanos e todas as instituições sociais e culturais."[141]

141. *Naissances mystiques*, Paris, 1959, p. 11.

E isso também pode ser dito de *Histoire du Métier* (História do Ofício), que formava o essencial dos *Antigos Deveres:* história sagrada – outros diriam *história santa* – realisticamente errônea, mas profunda e rica de sentido. Desde o século XV, o Ofício e depois, em linha direta, a Maçonaria Especulativa que Anderson laboriosamente recapitulou, inserindo os anais em suas *Constituições*, unicamente transmitiu o seu mito. Pois aí está ele, definitivamente liberado de todo equívoco historizante; os maçons podem reapropriar-se dele como objeto de meditação, como um símbolo a ser aprofundado, uma metáfora tradicional.

A ocorrência pode parecer insignificante, mas, ao contrário, ela é determinante. Renunciando à busca das chaves de sua própria compreensão em uma geometria misteriosa e oculta e em uma suposta arquitetura fabulosa herdada das pirâmides, a Maçonaria Especulativa pode focar-se sobre o que, há quase três séculos, a definiu e a estruturou: uma aventura intelectual e moral.

Pois é a partir daí que começa o verdadeiro trabalho de reconstituição que eu estava evocando um pouco antes: desde que o mito fundador seja recolocado em seu justo lugar, sem ser esvaziado, é preciso substituí-lo por um relato de suas origens. A presente obra, sem ser conclusiva, pois as pistas demoram para ser exploradas, define bem aqueles centros a partir dos quais é possível presumir que brotou a faísca inicial da Maçonaria Especulativa; de qualquer maneira, essas pistas devem ser procuradas e pesquisadas na história intelectual, política e religiosa da Europa da Renascença tardia e do século XVII. Mesmo assim, parece que nada e ninguém mais poderá questionar essa nova perspectiva.

Se resumirmos os grandes acontecimentos históricos, várias correntes de pensamento se imporão imediatamente: a teoria arquitetônica da Renascença – que foi, antes de tudo, uma *lição das ruínas* –, cujos grandes tratados italianos do século XV estabelecem os fundamentos, repletos de considerações alegóricas; o movimento Rosa-cruz, que não pode mais ser ignorado depois das obras de Frances Yates, assim como aquelas de Roland Edighoffer, a real natureza, indissociável dos conflitos político-religiosos da Europa do fim do século XVI e que leva em consideração a entrada na história maçônica de Elias Ashmole e de Robert Moray; a mudança radical do paradigma físico com o advento da revolução newtoniana – estendendo e aprofundando, no final do século XVII, a de Copérnico,

ocorrida um século antes, como a estabeleceram os estudos fundamentais de Alexandre Koyré, que resultou na fundação da *Royal Society*, na Inglaterra; e, finalmente, a emergência irresistível, ao final do século XVIII, do conceito da tolerância e do conceito correlativo, de sociabilidade, do qual Locke e Desaguliers viriam a ser seus dois profetas, na Inglaterra, país que Voltaire celebraria, em suas *Cartas Filosóficas*, de 1734, como a terra prometida do liberalismo político e religioso que, finalmente, se expandiria em toda a Europa e fundaria as sociedades modernas.

Todos esses movimentos intelectuais e seus protagonistas estão implicados, como lembra aqui com pertinência Alain Bauer, nas primeiras manifestações da Maçonaria Especulativa da qual eles são, justamente, os criadores. É aqui também que precisa sondar as referências fundamentais da Maçonaria e pesquisar os significados que ela coloca em seus emblemas, como o sentido que pretende dar ao seu movimento.

Ora, a adoção dessas novas referências históricas é revestida, a meu ver, de uma importância considerável, pois essas referências confirmam que o ambiente que viu nascer a Maçonaria Especulativa era o de uma autêntica revolução do espírito. Será que observamos suficientemente o fato de que todos os dados documentários relativos à Maçonaria Especulativa vão se acumulando em um ritmo crescente no último trimestre do século XVII para atingir o seu auge no ato simbólico que constituiu a criação, em 1717, da Grande Loja de Londres? Será que foi devidamente observado que o período referido é exatamente aquele em que, ao final de uma pesquisa perfeitamente independente da história maçônica, Paul Hazard individualizou – segundo ele entre 1680 e 1715 – como local histórico da *crise da consciência européia*? Essa estranha coincidência não mereceria nossa especial atenção?

Concluindo o seu profundo estudo, P. Hazard, para resumir esses *trinta e cinco anos da vida intelectual da Europa*, escreveu a esse propósito:

> "Sabemos que tudo está dentro de tudo, como também sabemos que nada é novo, pois nós mesmos acabamos de definir os parentescos e as filiações. Mas, se chamarmos de novidade (e parece que não existem outras no domínio do espírito) o lento preparo que resulta na recuperação das tendências eternas as

quais, depois de adormecidas na terra, emergem um dia dotadas de uma força e de um brilho que os homens ignorantes e esquecidos parecem desconhecer; se chamarmos de novidade um certo modo de colocar os problemas, um certo acento, uma certa vibração; uma certa vontade de olhar mais para o futuro do que para o passado, de libertar-se do passado e, ao mesmo tempo, aproveitando-se dele; e, finalmente, se chamarmos de novidade a intervenção de idéias-forças que se tornam tão vigorosas e tão seguras de si mesmas a ponto de agir evidentemente na prática cotidiana; uma mudança, cujas conseqüências chegaram até a nossa época atual, ocorreu durante os anos em que gênios, como Spinoza, Bayle, Locke, Newton, Bossuet, Fénelon, para mencionar os mais importantes, procederam a um exame total de consciência a fim de liberar novamente as verdades que dominam a vida. Para expressar isso junto com um deles, com Leibniz, por exemplo, estendendo ao mundo moral o que ele dizia do mundo político: *Finis saeculi novam rerum faciem aperuit* – nos últimos anos do século XVII, uma nova ordem das coisas foi iniciada."[142]

Dessa *nova ordem das coisas,* a Maçonaria Especulativa foi evidentemente um sinal e um ponto de ligação, na falta de ter sido uma das causas, e a clara consciência dessa origem é, certamente, necessária para a compreensão correta do universo maçônico atual muito mais do que esse universo do passado.

Roger Dachez

142. P. Hazard, *La crise de la conscience européenne,* Paris, 1961, p. 420.

Anexos

- História simplificada da Franco-Maçonaria
- Lista dos Grão-Mestres da Inglaterra
- História simplificada do Reino Unido
- História simplificada da França
- Diálogo entre Simão, Maçom da vila, e Felippe, Maçom em trânsito

História Simplificada da Franco-Maçonaria

Versão Mito-romântica (segundo Anderson)

4003 a.C.	Adão, o primeiro franco-maçom
2247 a.C.	Noé salva as tradições e as transmite ao mundo
2188 a.C.	Mistraim, filho de Cham, transmite a Arte Real no Egito
1490 a.C.	Transmissão a Moisés
111 a.C.	Construção do Templo de Salomão
586 a.C.	Destruição do Templo por Nabucodonosor
536 a.C.	Decreto de Ciro autorizando a reconstrução do Templo
515 a.C.	Transmissão da Arte Real na Grécia
352 a.C.	Construção do mausoléu de Haliacarnasso
304 a.C.	Euclides redefine a Geometria
256 a.C.	Construção da Torre de Faros pelo faraó Ptolomeu Filadelfo
Séc. I a.C.	Augusto César, Grão-Mestre da Loja de Roma
Séc. I a.C.	Vitrúvio, arquiteto em Roma
57 a.C.	Destruição do segundo Templo de Jerusalém
448	Os saxões e os escoceses descobrem a Arte Real
741	Carlos Martel envia arquitetos para a Inglaterra
930	Aethelstane, rei da Inglaterra, cria as Lojas no modelo dos pedreiros franceses presentes na Inglaterra. Seu filho Edwin, Mestre Pedreiro, cria a Loja geral em York
1066	Vitória normanda sobre a Inglaterra
1362	Henri Yevele, franco-maçom do Rei sob Eduardo III
1425	Interdição das Assembléias Gerais de maçons por Henrique VI

1707	União dos Reinos. Restabelecimento da Maçonaria por Jaime VI
1717	Criação da Grande Loja de Londres
1723	*Constituições* de Anderson
1725	Criação da Grande Loja de York
1753	Criação da Grande Loja dos Anciãos
1813	Criação da Grande Loja Unida da Inglaterra

Os Grão-Mestres da Grande Loja da Inglaterra (versão mítica)

287	Santo Albano, rei
557	Santo Agostinho, arcebispo de Canterbury
597	Austin, monge
680	Bennet, abade de Wirral
856	Santo Swithin
872	Alfredo, o Grande, rei
900	Ethred, rei da Mércia
	Ethelward, príncipe
924	Aethelstan, rei
925	Edwin, príncipe
957	Santo Dunstan, arcebispo de Canterbury
1041	Eduardo, o Confessor, rei
	Leofric, conde de Coventry
1066	Roger de Montgomery, conde de Arundel
	Gundulph, arcebispo de Rochester
1100	Henrique Primeiro, rei
1135	Gilberto de Clare, marquês de Pembroke
1154	Bernardo de Tremblay, Grão-Mestre Templário
1176	Peter de Colechurch
1212	William Almaine
1216	Peter de Rupibus, arcebispo de Winchester
1234	Geoffrey Fitz Peter

1272	Walter Giffard, arcebispo de York
	Gilberto de Clare, conde de Gloucester
	Ralph, lorde de Mount Hermer
1307	Walter Stapleton, arcebispo de Exeter
1327	Eduardo III, rei
1350	John de Spoulee, Mestre dos Ghiblim (cortadores de pedra)
1357	William de Wikeham, arcebispo de Winchester
1375	Robert de Barnham
	Henry Yevele, denominado franco-maçom do rei
	Simon Langham, abade de Westminster
1377	William de Wikeham (Segundo Mandato)
1399	Thomas Fitz Allen, conde de Surrey
1413	Henry Chicheley, arcebispo de Canterbury
1443	William Waynfleet, arcebispo de Winchester
1471	Richard Beauchamp, arcebispo de Salisbury
1485	Henrique VII, rei
1493	John Islip, abade de Westminster
1502	*Sir* Reginald Bray
1515	Thomas Wolsey, cardeal
1539	Thomas Cromwell, conde de Essex
1540	Lorde John Touchett
1549	Edward Seymour, duque de Somerset
1550	John Poynet, arcebispo de Winchester
1561	*Sir* Thomas Sackville
1567	Francis Russell, conde de Bedford
	Sir Thomas Gresham
1579	Charles Howard, conde de Effingham
1588	George Hastings, conde de Huntington
1603	Jaime I, rei
1607	Inigo Jones, arquiteto
1618	William Herbert, conde de Pembroke
1625	Carlos I, rei
1630	Henry Danvers, conde de Danby

1633	Thomas Howard, conde de Arundel
1634	Francis Russell, conde de Bedford
1635	Inigo Jones (Segundo Mandato)
1660	Carlos II, rei
	Henry Jermyn, conde de Saint Albans
1666	Thomas Savage, conde de Rivers
1674	Georges Villars, duque de Buckingham
1679	Henry Bennett, conde de Arlington
1685	*Sir* Christopher Wren
1695	Charles Lenox, duque de Richmond
1698	*Sir* Christopher Wren (Segundo Mandato)

Versão Histórica

1717	Anthony Sayer, advogado
1718	George Payne, historiador
1719	Jean Théophile Desaguliers, doutor em Teologia, secretário de Newton
1720	George Payne (Segundo Mandato)
1721	John, duque de Montaigu
1722	Philip, duque de Wharton
1723	Francis Scott, conde de Dalkeith
1724	Charles Lenox, duque de Richmond
1725	Lorde James Hamilton
1726	William O'Brien, conde de Inchinquin
1727	Lorde Henry Hare
1728	Lorde James King
1729	Thomas Howard, duque de Norfolk
1731	Lorde Novel
1732	Anthony Brown, visconde Montacute
1733	James Lyon
1734	John Lindsay, conde de Crawford

Os Grão-Mestres da Grande Loja de York

1725	Charles Bathurst
1729	Edward Thompson
1733	John Johnson
1734	John Marsden
	A Grande Loja de York desaparece em 1792

Os Grão-Mestres da Grande Loja dos Anciãos

1753	Robert Turner
1754	Edward Vaughan
1756	O conde de Blessington
	A Grande Loja dos Anciãos funde-se com a Grande Loja em 1813

Os Grão-Mestres da Grande Loja da Escócia

1736	William Saint Clair de Roslin
1737	George, conde de Cromarty
1738	John, conde de Kintore
1739	James, conde de Morton
1740	Thomas, conde de Strathmore e de Kinghorn
1741	Alexandre, conde de Leven e Melville
1742	William, conde de Kilmarnock
1743	James, conde de Wemyss

Versão Científica

1356	Criação da Corporação dos Pedreiros de Londres
1390	Regius
1410	Cooke
1583	Grande Loja
1598	Estatutos Schaw
1641	Recepção de Robert Moray
1647	Recepção de Elias Ashmole
1688	Primeira Loja na França
1717	Criação da Grande Loja de Londres
1723	*Constituições* de Anderson
1725	Fundação da Grande Loja de York
1728	Criação da primeira Grande Loja na França
1730	Aparecimento da Maçonaria por adoção na França
1738	Edição do discurso de Ramsay e edição revisada das *Constituições* de Anderson

1750	Criação na Inglaterra da Ordem Real da Escócia, em Heredom de Kilwinning
1753	Criação da Grande Loja dos Anciãos
1754	Publicação de *Ahiman Rezon* de Laurence Dermott
1765	Etienne Morin difunde em São Domingos (América Central) um rito de aperfeiçoamento em 25 Graus
1773	Organização do Grande Oriente na França
1813	União das Grandes Lojas dos Anciãos e das Modernas
1929	Invenção dos *Landmarks* (princípios maçônicos)

História Simplificada do Reino Unido

1066	Vitória de Guilherme, o Conquistador, na Batalha de Hastings sobre Harold II. A Inglaterra torna-se um reino centralizado anglo-normando
1072	Guilherme obriga o rei da Escócia a lhe render homenagem
1080	Guilherme lembra ao bispo de Roma que o rei da Inglaterra não lhe deve fidelidade
1086	Estabelecimento do cadastro inglês
1087	Morte de Guilherme durante a revolta da Normandia
	Guilherme I rei. Guerra de sucessão entre os filhos de Guilherme I
1100	Henrique I, rei da Inglaterra
1117	Rebelião Normanda
1118	Criação da Ordem do Templo
1122	Rebelião Normanda
1135	Matilde, rainha da Inglaterra
1154	Henrique II, rei da Inglaterra
1164	Constituição de Clarendon restringindo a jurisdição dos tribunais eclesiásticos; oposição do conselheiro real Thomas Beckett

1170	Assassinato de Thomas Beckett, arcebispo de Canterbury
1171	Conquista da Irlanda
1189	Ricardo I, Coração de Leão, rei da Inglaterra
1199	João, rei da Inglaterra
1207	Recusa do rei em aceitar o novo arcebispo de Canterbury. A Inglaterra sofre "interdição" do papa
1209	Excomunhão do rei João pelo papa
1213	Suspensão da interdição e restabelecimento dos vínculos com Roma
1215	Revolta contra João Sem Terra. Magna Carta
1216	Henrique III, rei da Inglaterra
1264	Henrique III vencido por Simão de Montfort
1265	Criação da Câmara das Comunas. Derrota de Montfort
1272	Eduardo I, rei da Inglaterra
1283	Conquista do País de Gales
1290	Expulsão dos judeus
1291	Eduardo I, suserano da Escócia
1295	Restabelecimento do Parlamento
1297	Secessão da Escócia
1298	Reconquista da Escócia
1306	Secessão da Escócia
1307	Eduardo II, rei da Inglaterra
1312	Abolição da Ordem do Templo
1313	Independência da Escócia
1326	Destituição de Eduardo II pelo Parlamento e assassinato do rei
1327	Eduardo III, rei da Inglaterra
1333	Reconquista da Escócia
1337	Início da Guerra de Cem Anos com a França (termina em 1453)
1348	Grande Peste, um terço da população desaparece
1377	Ricardo II, rei da Inglaterra

1381	Revolta dos camponeses
1399	Ricardo II deposto. Henrique IV, rei da Inglaterra
1413	Henrique V, rei da Inglaterra
1422	Henrique VI, rei da Inglaterra. Regência até 1424
1454	Regência por causa de uma doença mental do rei. Restabelecido em 1455
1460	Derrota de Wakefield. Henrique VI capturado
1461	Eduardo IV, rei da Inglaterra
1470	Restauração de Henrique VI
1471	Restabelecimento de Eduardo IV
1483	Ricardo III, rei da Inglaterra
1485	Derrota e morte de Ricardo III
1486	Henrique VII, rei da Inglaterra
1509	Henrique VIII, rei da Inglaterra
1513	Derrota dos escoceses. Morte do rei Jaime IV da Escócia
1521	Henrique VIII proclamado "Defensor da Fé" pelo papa
1529	Início da ruptura com Roma. Thomas Moore, chanceler do Reino
1533	Excomungado
1534	Ato de Supremacia. Rompimento com a Igreja Católica. Criação da Igreja Anglicana
1535	Execução de Thomas Moore
1536	Dissolução dos monastérios na Inglaterra
1539	Declaração de seis artigos confirmando os princípios do dogma católico
1547	Eduardo VI, rei da Inglaterra
1549	Introdução do culto protestante na Inglaterra
1553	Jane Grey, rainha por nove dias. Deposta por Maria Tudor I, rainha
1554	Restabelecimento do Catolicismo. Perseguições contra os protestantes
1558	Elizabeth I, rainha

1559	Ato de Uniformidade restabelecendo a Igreja Anglicana
1567	Maria da Escócia é forçada a abdicar em favor de Jaime VI. Refugia-se na Inglaterra. Aprisionada e executada em 1587
1588	Destruição da Invencível Armada Espanhola
1597	Revolta Irlandesa
1603	Jaime VI da Escócia torna-se rei da Inglaterra com o nome de Jaime I
1605	Conspiração da Pólvora
1618	Início da Guerra de 30 anos
1622	Dissolução do Parlamento
1625	Carlos I, filho de Jaime I, torna-se rei da Inglaterra
1628	Petição dos Direitos
1638	União da oposição sob o nome de *Covenant* (Convenção). Guerras religiosas e civis
1640	Guerra com o Parlamento. Revolta na Irlanda
1642	O rei ordena a detenção dos chefes da oposição, os quais se refugiam na Cidade de Londres, que se recusa a entregá-los. Início da guerra civil denominada "Cabeças Redondas", liderada por Cromwell
1645	Vitória de Cromwell contra as tropas do rei. Carlos I rende-se aos escoceses
1648	Derrota dos escoceses. Tratado de Westfália
1649	Execução de Carlos I
1650	Carlos II, rei da Escócia. Invade a Inglaterra. Derrotado
1653	Cromwell Senhor Protetor. Ditadura
1658	Morte de Cromwell
1659	Restauração dos Stuart. Carlos II, rei da Inglaterra
1662	Ato de Uniformidade
1665	Grande Peste. 75 mil mortes entre os 500 mil habitantes de Londres

1666	Grande incêndio de Londres
1679	*Habeas Corpus* votado pelo Parlamento
1681	Dissolução do Parlamento
1685	Jaime II, rei da Inglaterra e da Escócia
1687	Ato de Tolerância. Liberdade de consciência e de religião
1688	"Gloriosa Revolução" contra os católicos romanos. William III e Maria II, rei e rainha da Inglaterra e da Escócia
1689	Declaração de Direitos concedida por Jaime II sob a pressão do Parlamento Refugia-se em Saint-Germain-en-laye após sua derrota militar
1694	Morte da rainha Maria
1701	Início da guerra de sucessão da Espanha
1702	Ana, rainha da Inglaterra
1707	Ato de União entre Inglaterra e Escócia
1713	Tratado de Utrecht, fim da guerra de sucessão da Espanha
1714	Jorge I, rei da Inglaterra
1715	Rebelião Jacobita na Escócia
1717	Criação da Grande Loja de Londres
1725	Criação da Grande Loja de York
1727	Jorge II, rei da Inglaterra
1740	Guerra de sucessão da Áustria
1745	Rebelião Jacobita na Escócia
1753	Criação da Grande Loja de York
1756	Início da Guerra de sete Anos
1760	Jorge III, rei da Inglaterra
1763	A Paz de Paris. Fim da Guerra de sete Anos
1774	*Boston Tea Party* (Protesto dos americanos contra os ingleses)
1775	Início da Guerra pela Independência da América
1813	Criação da Grande Loja Unida da Inglaterra

História Simplicada da França

987	Hugo Capeto, rei da França
996	Roberto II, rei da França
997	Excomungado por bigamia
1031	Henrique I, rei da França
1031	Guerras civis contra os grandes feudais até 1039
1060	Felipe I, rei da França
1096	Primeira Cruzada
1100	Excomungado por bigamia
1108	Luís VI, rei da França
1137	Luís VII, rei da França
1147	Segunda Cruzada
1159	Início da primeira Guerra de Cem Anos com os Plantagenetas de Anjou, reis da Inglaterra e os Capetos. Luís VII, rei da França
1180	Felipe Augusto, rei da França
1189	Terceira Cruzada
1199	Sofre interdição por causa de casamento irregular
1202	Quarta Cruzada
1208	Guerra contra os Cátaros
1212	Cruzada "das Crianças"
1214	Batalha de Bouvines
1217	Quinta Cruzada
1223	Luís VIII, rei da França
1226	Luís IX ou São Luís, rei da França. Regência 1226-1239
1228	Sexta Cruzada
1230	Cruzada dos Barões
1248	Sétima Cruzada
1251	Cruzada dos *Pastouraux* (gente do povo). Perseguições anti-judaicas na França
1270	Oitava Cruzada. Felipe III, rei da França
1285	Felipe IV, o Belo, rei da França
1298	Fim da Primeira Guerra de Cem Anos
1300	Levante dos Cátaros

1302	Primeiros Estados Gerais. Afirmação do Poder Real contra o papa
1306	Confisco dos bens dos judeus e dos lombardos
1314	Luís X, rei da França
1315	Liberdade para os servos nos domínios do rei
1316	João I, rei da França
1322	Carlos IV, rei da França
1328	Felipe VI de Valois, rei da França
1347	Epidemia da peste, em que 50% da população francesa perece
1350	João II, rei da França
1355	Estados gerais em Paris. O Grande Decreto limitando os poderes dos reis
1356	João II é capturado pelos ingleses e mantido durante quatro anos
1358	Estados Gerais abortados, revolta camponesa de Bonhomme
1360	Decreto de Compiègne criando o franco
1364	Carlos V, rei da França
1378	Grande Discórdia. Dois papas são eleitos
1380	Carlos VI, rei da França. Regência de Luís I d'Anjou
1382	Revoltas contra os impostos
1393	Regência por causa das crises de loucura do rei
1394	Expulsão dos judeus
1399	Epidemia da peste
1422	Carlos VII, rei da França. A França é ocupada pelos ingleses. Tratado de Troyes
1431	Henrique VI da Inglaterra é coroado rei da França em Paris
1436	Libertação de Paris por Carlos VII
1437	"Pragmática Sanção de Bourges". Estabelecimento de um exército real permanente. Revolta da nobreza

1461	Luís XI, rei da França
1465	Revolta dos Nobres
1467	Revolta dos Nobres
1468	Estados Gerais
1472	Revolta dos Nobres
1483	Carlos VIII, rei da França
1598	Edito de Nantes
1685	Revogação do Edito de Nantes
1688	Primeira Loja na França
1728	Criação da primeira Grande Loja na França. Felipe, duque de Wharton, primeiro Grão-Mestre
1773	Unificação do Grande Oriente da França Formação das outras Obediências Grande Loja Central Conselho Supremo Grande Loja Simbólica Escocesa
1501	Suspensão das confrarias dos Pedreiros e dos Carpinteiros
1538	A guarda pessoal do rei da França é escocesa
1539	Francisco I dissolve, pelo Edito de Villers-Cotterêts, as corporações que reivindicavam antigos direitos e tenta demolir todas as Guildas e Corporações
1562	Início das guerras de religiões na França
1572	Massacre de São Bartolomeu
1574	Formação da União calvinista na França
1598	O Edito de Nantes reconhece aos protestantes a liberdade de consciência, o que pode ser considerado um dos primeiros atos históricos de secularismo
1614	Últimos Estados gerais na França antes da Revolução
1616	Entrada de Richelieu no Conselho do rei
1628	Richelieu é vitorioso no assédio de La Rochelle
1629	A paz de Alès põe um fim ao poderio político dos protestantes na França

1641	Recepção de Robert Moray na Capela de Santa Maria
1645	O clero suspeita das reuniões do Companheirismo e proíbe seus membros de participar das assembléias de Companheiros sob pena de exclusão
1659	Paz dos Pireneus
1685	Luís XIV revoga o Edito de Nantes. Exílio de 300 mil franceses, entre os quais a família de Desaguliers
1687	Newton publica sua obra sobre os princípios da gravidade universal
1721	Fundação contestada da primeira Loja inglesa na França, em Dunquerque: a *Amizade e a Fraternidade* da Grande Loja da Inglaterra
1725	Realiza-se o recenseamento de quatro Lojas na França (em uma circular de 4 de setembro de 1788 do GODF): *Louis d'Argent, de Bussy et d'Aumont, da Perfeita União, de Benouville*
1726	Fundação em Paris da Loja Coustos Villeroy por John Meyer Coustos, lapidador inglês
1728	Criação da primeira Grande Loja da França. Philip, duque de Wharton, é o seu primeiro Grão-Mestre Criação do sistema de Ramsay englobando sete Graus
1730	Aparecimento de uma Maçonaria feminina na França que, na realidade, é uma Maçonaria de adoção baseada em Lojas masculinas
1735	Tradução para o francês das *Constituições* de Anderson pelo abade irlandês Moore. Existem seis Lojas Maçônicas em Paris

1736	Fundação em Avignon da Loja São João da Escócia da Virtude Perseguida, Loja Mãe Escocesa de Avignon
1737	Surgimento presumido da palavra "franco-maçom"
1738	O duque de Antin é o segundo Grão-Mestre francês
	Surgimento da *Ordem mista paramaçônica dos Mopses* (Maçonaria feminina)
1742	Há 22 Lojas em Paris e mais de 200 nas províncias (segundo Thory)
1760	Willermoz pede à *Grande Loja da França* para constituir a Grande Loja dos Mestres de Lojas regulares que se formou em Lyon
	Desenvolvimento do Rito de Adoção
1762	Banimento dos jesuítas da França
	Etienne Morin sai definitivamente da França
1764	Luís XV interdita a existência legal da Companhia de Jesus
1765	Nascimento de Grasse-Tilly
1766	Luís XV dissolve todas as Lojas Maçônicas
	A *Ordem da Estrela Brilhante* é criada pelo barão de Tschoudy
	A Lorena é agregada à França
	Em Bordeaux, abertura da Loja *A Inglesa,* que recebe uma patente da Primeira Grande Loja
1769	Em Paris, o primeiro Capítulo Rosa-cruz
1771	O duque de Chartres, Louis-Philippe d'Orléans (futuro Philippe Égalité), é eleito Grão-Mestre e Protetor de todas as Lojas da França
1773	24 de maio. **Constituição do *Grande Oriente da França* pela Grande Loja da França e todos os Veneráveis Mestres das Lojas independentes, entre as quais as Lojas de Adoção**

1782	Criação oficial da Câmara dos Graus pelo GODF (Grande Oriente da França) e codificação do Rito Francês por Roettiers de Montaleau por meio do *Régulateur du Maçon*
1804	Napoleão Bonaparte é sagrado imperador dos franceses com o nome de Napoleão Primeiro
	Grasse Tilly cria o Supremo Conselho provisório da França do Rito Escocês Antigo e Aceito (REAA)
	Codificação do REAA (Rito Escocês Antigo e Aceito) pela publicação do *Guia dos Maçons Escoceses*
	Inspiração das *Três batidas distintas*
1809	O *Grande Oriente da França* autoriza as Lojas a praticar vários ritos
1840	A Franco-Maçonaria adota nas Lojas a aclamação *Liberdade, Igualdade, Fraternidade*
1849	Votação no Convento do GODF da Primeira Constituição da Ordem maçônica na França (antes dessa data havia somente Estatutos)
1853	O *Grande Oriente da França* instala-se no atual estabelecimento: Rue Cadet, nº 16
1864	Última reunião da Loja de Adoção, a *Jérusalem des Vallées Égyptiennes* (Jerusalém dos Vales Egípcios). (A partir dessa data não haverá a Franco-Maçonaria feminina de Adoção até 1901)
1877	Impulsionado pelo pastor Frédéric Desmons, o Convento do GODF vota a supressão da obrigação da crença em Deus e na imortalidade da alma
1880	Criação da *Grande Loja Simbólica Escocesa,* que resulta de 12 Lojas do *Supremo Conselho da França*

1882	Iniciação da mulher de letras Maria Deraisme na Loja *Les Libres Penseurs* (Os Livres-pensadores) do Pecq da *Grande Loja Simbólica Escocesa*
1887	Secularização oficial dos rituais do Rito Francês
1893	Maria Deraisme inicia 16 mulheres e cria com Georges Martin uma obediência mista, o *Direito Humano,* que pratica o Rito Escocês Antigo e Aceito
1894	O Supremo Conselho cria a *Grande Loja da França*
1896	A *Grande Loja Simbólica Escocesa* é assimilada por uma fusão completa com a *Grande Loja da França*
1901	Reinício das Lojas femininas de adoção sob a tutela da *Grande Loja da França* com a Loja *Libre Examen* subordinada à Loja masculina do mesmo nome
1905	Separação da Igreja e do Estado
1913	Fundação da *Grande Loja Independente e Regular para a França e as Colônias Francesas* por Edouard de Ribaucourt. Assumirá o nome da *Grande Loja Nacional Francesa* em 1948
1945	A Maçonaria feminina de adoção é abandonada pela *Grande Loja da França* (sempre na esperança de um reconhecimento maçônico da Grande Loja Unida da Inglaterra). Graças à energia de um pequeno grupo de Irmãs, uma Maçonaria feminina específica é estabelecida sob o nome de *União Maçônica Feminina da França*
1946	Início da Quarta República
1952	A *União Maçônica Feminina da França* modifica o seu nome para tornar-se a *Grande Loja Feminina da França*

1958	Início da Quinta República Criação da *Grande Loja Nacional Francesa-Opéra,* que assumirá então o nome de *Grande Loja Tradicional e Simbólica-Opéra*
1959	A *Grande Loja Feminina da França* abandona completamente o Rito de Adoção para praticar o Rito Escocês Antigo e Aceito
1968	Criação da *Loja Nacional Francesa* por René Guilly
1973	Criação da *Grande Loja Mista Universal,* cujos membros são oriundos do *Direito Humano*
1981	Criação da *Grande Loja Feminina de Memphis Misraïm*
1985	Criação da *Grande Loja Mista da França*

Diálogo entre Simão, Maçom da Vila, e Philippe, Maçom em Trânsito[143]

Este texto manuscrito é uma espécie de catecismo que resume o essencial dos usos e modos de reconhecimento dos maçons de Londres, por volta de 1730. O interesse reside principalmente na evocação e, particularmente, nos desenhos enigmáticos que o acompanham, Regulamentos do Dr. Desaguliers, *que, provavelmente, se referem a certas decisões tomadas em agosto de 1730 pela Grande Loja para se precaver contra os falsos maçons.*

De qualquer forma, ele mostra que certos maçons estabeleciam uma diferença entre a Maçonaria antes e depois de Desaguliers.

Essa fonte, que mereceria um estudo mais aprofundado, permite destacar até que ponto a entrada de Desaguliers na Maçonaria

143. Tradução de R. Dachez. Respeitamos aqui a disposição geral do texto e o uso original das letras maiúsculas.

pôde constituir uma mudança radical, chegando provavelmente a modificar sensivelmente sua natureza original.

Nota: "S" para Simão e "P" para Philippe

– **S.** Senhor, acabei de receber em um envelope um documento desta forma. Poderia me dizer o que isso significa?

– **P.** Sou um estrangeiro desejando companhia e, como fiquei sabendo que você é um Irmão Maçom, convoquei-o em confiança.

– **S.** E você é maçom?

– **P.** Assim sou considerado por todos os Irmãos e Companheiros.

– **S.** E como posso saber se você é Maçom?

– **P.** Pelas Palavras, Sinais, Toques e Pontos de minha Entrada.

– **S.** E quais são as Palavras do Maçom?

– **P.** A palavra é "Direita".

– **S.** Se for "Direita", faça isso da maneira correta.

– **P.** Se quiser, posso soletrá-la junto com você.

– **S.** Diga a primeira letra, que eu direi a segunda.

– **P.** B.

– **S.** O.

– **P.** A.

– **S.** Z.

– **P.** Portanto, a palavra é Boaz, mas você é um Estranho para mim, como o sou para você e, segundo o bom Costume, não devemos responder às Três perguntas precedentes, arriscando sermos confundidos com um dissimulador; então eu lhe pergunto: Quais são os sinais?

– **S.** Todos os Esquadros, Ângulos e Perpendiculares são sinais.

– **P.** E quais são os toques?

– **S.** Todos os apertos de mãos Fraternais pelos quais os Irmãos podem reconhecer uns aos outros.

– **P.** E quais são os pontos de sua Entrada?

– **S.** Guardar e ocultar os Segredos de um Maçom.

– **P.** E como você foi recebido como Maçom?

– **S.** Três batidas na Porta, o último após um intervalo de tempo duas vezes mais longo e mais forte.

– **P.** Qual foi a primeira pergunta que o Mestre lhe colocou ao ser admitido?

– **S.** Se me tornar Maçom era de minha livre e própria vontade. Eu respondi que Sim.

– **P.** O que você fez antes de ser recebido como Maçom?

– **S.** Nada que eu pudesse compreender.

– **P.** O que você viu em seguida?

– **S.** Três grandes Luzes.

– **P.** Como você as chamaria?

– **S.** O Sol, A Lua e o Mestre.

– **P.** Onde estava posicionado o seu Mestre?

– **S.** A Leste.

– **P.** Por que a Leste?

– **S.** Para esperar o nascer do Sol, a fim de colocar os Homens à Obra.

– **P.** Onde estavam posicionados os Supervisores?

– **S.** A Oeste.

– **P.** Por que a Oeste?

– **S.** Para esperar o Pôr-do-Sol e liberar os Homens de seu Trabalho.

– **P.** Onde estavam posicionados os Companheiros de Arte?

– **S.** Ao Sul.

– **P.** Por que ao Sul?

– **S.** Para receber e Instruir os Irmãos estrangeiros.

– **P.** Onde estavam posicionados os Aprendizes entrados?

– **S.** Ao Norte, para Guardar e Ocultar e obedecer o Mestre.

– **P.** Você disse ter visto três grandes Luzes; você viu uma outra Luz?

– **S.** Sim. Uma que superava o Sol e a Lua.

– **P.** E o que era?

– **S.** A Luz do Evangelho.

– **P.** Por que você foi recebido como maçom?

– **S.** Para pesquisar a letra G.

– **P.** O que ela significa?

– **S.** GEOMETRIA.

– **P.** Por que GEOMETRIA?

– **S.** Porque é a Raiz e o fundamento de todas as Artes e de todas as Ciências.

– **P.** Pode me dizer quanto dinheiro você tinha no bolso quando foi feito Maçom?

– **S.** Nenhum.

– **P.** Como você estava quando foi feito Maçom?

– **S.** Nem Nu nem Vestido, nem Em Pé nem Deitado, nem Ajoelhado nem Em Pé, nem Descalço nem Calçado, mas em devida forma.

– **P.** Qual é essa forma?

– **S.** Apoiado sobre meu joelho nu e um Compasso aberto em esquadro sobre meu peito. Então prestei o Juramento solene e sagrado do Maçom.

– **P.** Repita suas Obrigações.

– **S.** Eu Juro Solenemente e Declaro diante de DEUS e dessa Respeitável Companhia que Guardarei, Ocultarei e nunca Revelarei os Segredos do Maçom ou da Maçonaria que me são ou serão revelados aqui ou em qualquer outro lugar, a Homem algum, Mulher alguma e Criança alguma, tampouco os imprimirei, escreverei ou Gravarei, nem farei com que sejam impressos ou Gravados em qualquer coisa que seja Móvel ou Imóvel, nem por qualquer outro meio pelos quais os Segredos do Maçom ou da Maçonaria poderiam ser descobertos. Sob pena de meu Coração ser arrancado do meu Lado esquerdo, minha língua arrancada do palato, minha Garganta cortada, meu corpo desmembrado por Cavalos Selvagens, a fim de ser enterrado na Areia do Mar, onde a Maré sobe em 24 Horas, e depois reduzido a Cinzas e Espalhado ao sopro dos quatro ventos para que ninguém conserve a minha Lembrança. QUE DEUS ME AJUDE. Então o Primeiro SUPERVISOR me colocou um Avental branco e disse estas palavras: "Eu o invisto com a Insígnia de um Maçom, mais Antiga e Honorável que a dos Cavaleiros da Jarreteira".

– **P.** Depois da repetição de seu juramento, reconheço você como Maçom. Se assim desejar, você pode me perguntar o que julgar conveniente.

– **S.** Eu lhe pergunto onde se localizava a sua Loja?

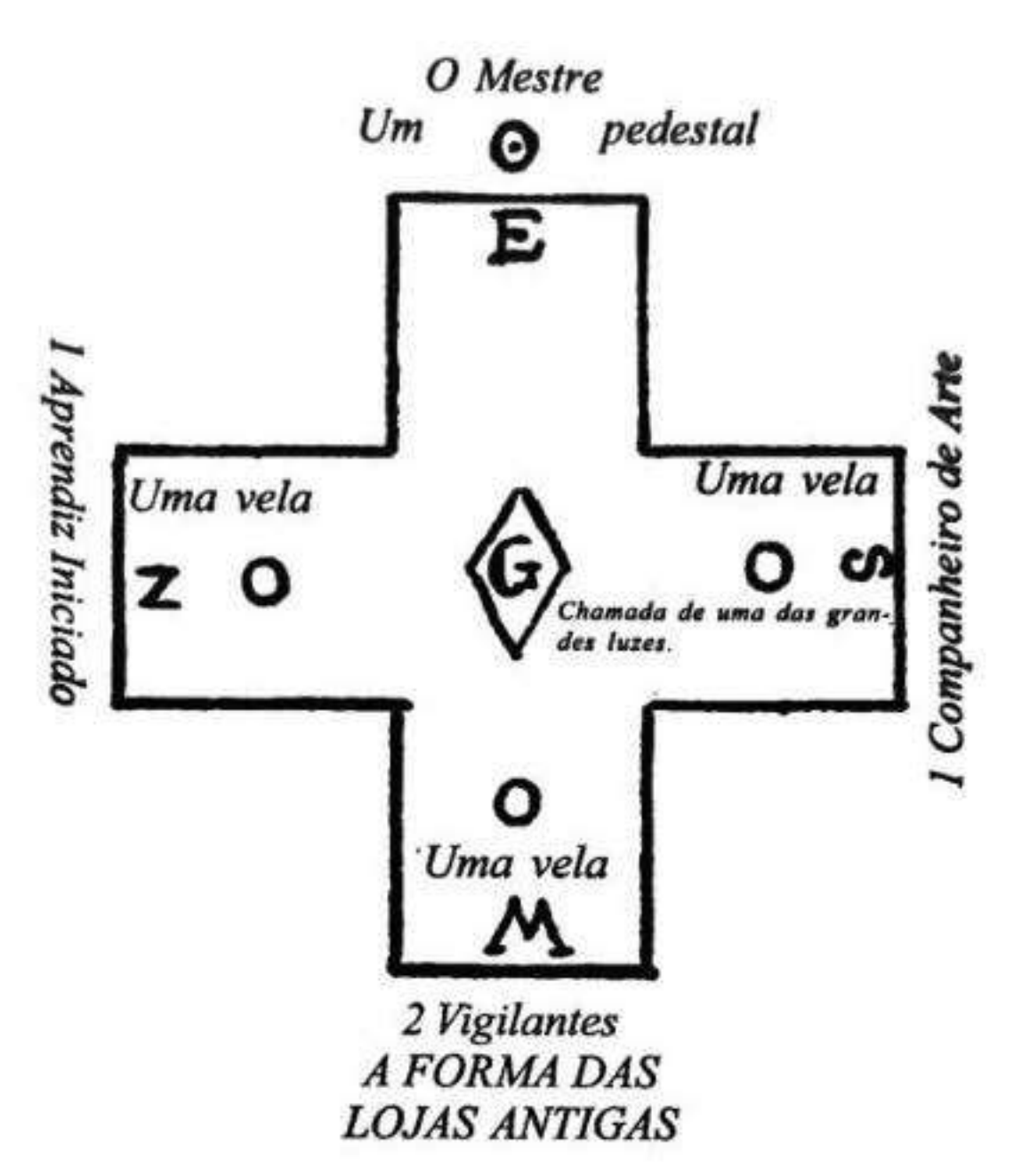
– **P.** No Vale de Josafá, longe do Cacarejar da Galinha, do Canto do Galo, do latido do Cão.

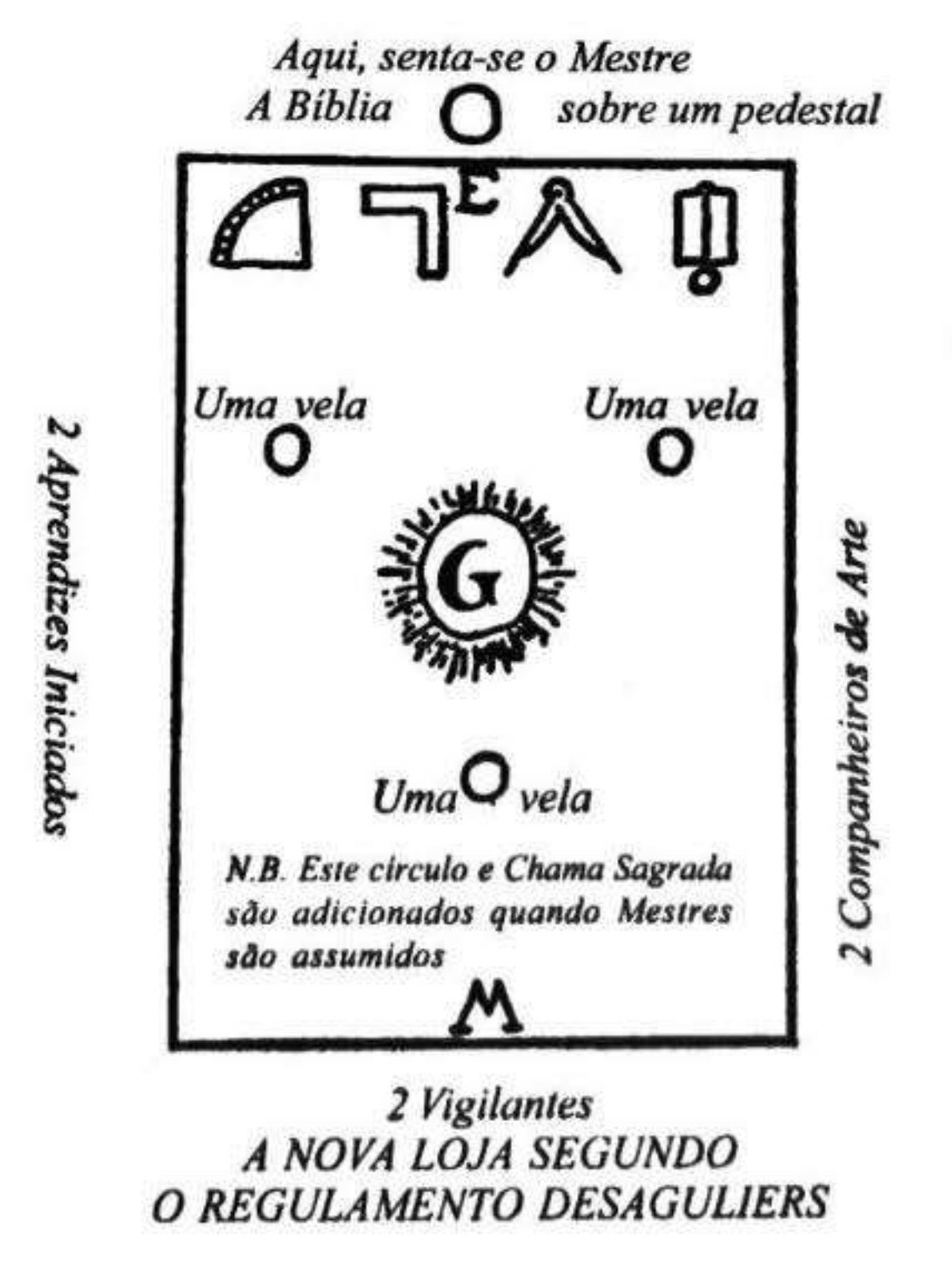
– **S.** Qual é a altura de sua Loja?

– **P.** Tão alta quanto os Céus e tão baixa quanto a Terra.

– **S.** Quantas Colunas há em sua Loja?

– **P.** Três.
– **S.** Como você as chamaria?
– **P.** Beleza, Força e Sabedoria.
– **S.** O que elas representam?
– **P.** A Beleza para Ornar, a Força para Sustentar e a Sabedoria para Conceber.
– **S.** A que Loja você pertence?
– **P.** À Mui Respeitável Loja de São João.
– **S.** Quantos Sinais o franco-maçom possui?
– **P.** Pedestre-Manual-Peitoral-Gutural-Oral.


O Mestre
Um pedestal
E
1 Aprendiz Iniciado
Uma vela
Z O
Uma vela
G
O S
Chamada de uma das grandes luzes.
1 Companheiro de Arte
O
Uma vela
M
2 Vigilantes
A FORMA DAS
LOJAS ANTIGAS


Aqui, senta-se o Mestre
A Bíblia sobre um pedestal
E
2 Aprendizes Iniciados
Uma vela
Uma vela
G
Uma vela
N.B. Este circulo e Chama Sagrada são adicionados quando Mestres são assumidos
M
2 Companheiros de Arte
2 Vigilantes
A NOVA LOJA SEGUNDO
O REGULAMENTO DESAGULIERS

Bibliografia[144]

ALLAN, Tony. *Isaac Newton,* Heinemann Library, Chicago, 2001.

ATKINSON, Dwight. *Scientific Discourse in Sociohistorical Context. The philosophical Transactions of the Royal Society of London 1675-1975,* Lawrence Erlbaum Publishers, 1999.

BAUER, Alain. *De la régularité maçonnique,* Edimaf, 1999.

———. *Grand O,* Denoël, 2001 e Gallimard "Folio", 2002

——— e Boeglin Édouard, *Le Grand Orient de France,* Que sais-je?, PUF, 2002.

BESUCHET, Jean-Claude. *Précis historique de l'Ordre de la franc-maçonnerie depuis son introduction en France jusqu'en 1829,* seguido de uma biografia dos membros mais célebres da Ordem, Paris, Rapelly, 1829, 2 tomos.

BLAMONT, Jacques. *Le chiffre et le songe, une histoire politique de la découverte,* Odile Jacob, 1993.

BORD, Gustave. *La Franc-maçonnerie en France des origines à 1815: les ouvriers de l'idée révolutionnaire* (1688-1771), Slatkine, 1985.

BOUTIN, Pierre. *Jean-Théophile Desaguliers:* Huguenot, philosophe et Juriste, Honoré Champion, 1999.

144. Bibliografia estabelecida por Irene Mainguy, bibliotecária-documentalista do Grande Oriente da França, e Alain Bauer.

BOYDELL E BREWER. *The Diary of John Evelyn*, Woodbridge, 1995.

———. *Particular Friends. The Correspondence of Samuel Pepys and John Evelyn*, Woodbridge, 1997.

BREWSTER, David. *Memoirs of the Life, Writings and Discoveries of Sir Isaac Newton*, Thomas Constable and Co., Edimburgo, 1855.

BRODSKY, Michel L. *La Grande Loge Unie d'Angleterre*, Edimaf, 1999.

CAHIERS DE L'HERNE. *Les textes fondateurs de la franc-maçonnerie*, 1992.

CHEVALLIER, Pierre. *Histoire de la franc-maçonnerie française*, Fayard, 1984.

———. *Les ducs sous l'acacia ou les premiers pas de la franc-maçonnerie française 1725-1743*, Slatkine, 1994.

———. *Histoire de la franc-maçonnerie française*, Fayard, 1974.

———. *La première profanation du Temple maçonnique ou Luis XV et la fraternité*, Librairie Philosophique, 1968.

———. *Le Sceptre, la Crosse et l'Équerre*, Honoré Champion, 1996.

CHRISTIANSON GALE. *Isaac Newton and the Scientific Revolution*, Oxford University Press, 1996.

COHEN, Bernard. *The Newtonian Revolution*, Cambridge University Press, 1980.

COLERIDGE, Samuel Taylor. *Les Sermons Laïques*, NRF Gallimard, 2002.

Coletivo (sob a direção d'E. Saunier), *Encyclopédie de la Franc-Maçonnerie*, Livro de Bolso, 2000.

Coletivo, *Protestantisme et FM* (colóquio do IDERM 1998), Edimaf, 2000.

Coletivo, *Freemasonry on Both Sides of the Atlantic*, Columbia University Press, 2002.

Coletivo, *Le parfait maçon*, Université de Saint-Étienne, 1994.

Coletivo, *La mort de Newton*, Maisonneuve et Larose, 1996.

Coletivo, *Éléments d'histoire des sciences,* Larousse, 1997.

COMBES, André. *Les trois siècles de la Franc-maçonnerie française,* Edimaf, 1998.

———. *Le Grand Orient de France au XIX siècle* (2 tomos), Éditions du Rocher, 1998 e 1999.

CONDUITT, John. *Memoirs of Sir Isaac Newton,* em *Collections for the History of the Town and Soke of Grantham,* W. Bulmer and Co., Cleveland Row, 1806.

CORNELOUP, Joannis. *Universalisme et franc-maçonnerie. Hier et aujourd'hui,* Vitiano, 1963.

COUTURA, Joël. *Essai pour um état administratif du G.O. au 1er janvier 1789,* em Bulletin intérieur de la commission d'histoire du GODF, No. 8, Dezembro de 1973.

DACHEZ, Roger. *Des Maçons opératifs aux Francs-Maçons spéculatifs,* Edimaf, 2001.

DARUTY, Jean-Émile. *Recherches sur le Rite Écossais Ancien Accepté,* Telètes, 2002.

DE LUSSY, Florence. *Un peu de lumière sur les origines anglaises de la Franc-Maçonnerie,* Revista da Biblioteca Nacional, No. 12, Verão 1994.

DESAGULIERS, René. *Les pierres de la Franc-Maçonnerie,* Dervy, 1995.

DOBBS, Betty. Jo Teeter. *The Janus faces of a genius,* Cambridge University Press, 1991 e *The Foundations of Newton's Alchemy,* Cambridge University Press, 1975.

DORÉ, André. *Vérités et légendes de l'histoire maçonnique,* Edimaf, 1991.

ÉTIENNE, Bruno. *Une Voie pour l'Occident, la franc-maçonnerie à venir,* Dervy, 2000.

FAVRE, François. *Documents maçonniques,* Livraria Maçônica A. Teissier, 1866.

FERRONE, Vincenzo e ROCHE DANIEL. *Le Monde des Lumières,* Fayard, 1999.

FEUILLETTE, Romulus. *Précis de l'histoire du Grand Orient de France,* Gloton, 1928.

GILBERT, Adrian. *The New Jerusalem,* Bantam Press London, 2002.

GOULD, Robert-Freke. *Histoire abrégée de la franc-maçonnerie,* Guy Trédaniel, 1989.

———. *History and Antiquities of Freemasonry,* 3ª edição revisada em 4 volumes, Londres, Caxton, 1951.

GROUSSIER, Arthur. *Constitution du Grand Orient de France par la Grande Loge Nationale,* Gloton, 1938.

———. *Histoire abrégée de la franc-maçonnerie,* Guy Trédaniel, 1989.

HALL, Rupert. *Isaac Newton, Adventurer in Thought,* Cambridge University Press, 1998.

HAMILL, John. *The Craft: a History of English Freemasonry,* Leighton Buzzard, Crucible, 1986.

HAWKING, Stephen. *Commencement du Temps e fin de la physique,* Flammarion, 1992.

HOALL, Marie. *Promoting Experimental Learning, Experiment and The Royal Society 1660-1727,* Cambridge University Press, 1991.

JACOB, Margaret. C., *The Radical Enlightenment,* George Allen & Urwin, Londres, 1981.

———. *Living the enlightenment,* Oxford University Press, 1991.

———. *The Newtonians and the English Revolution,* The Harvester Press, 1976.

JOUAUST, A.G. *Histoire du Grand-Orient de France,* Télètes, 1989.

KAPLAN, Steven. *La fin des Corporations,* Fayard, 2001.

KERVELLA, André. *La Maçonnerie Écossaise dans la France de l'Ancien Régime,* Rocher, 1999.

———. *La Passion Écossaise,* Dervy, 2002.

KNOOP DOUGLAS, Jones G. P. e HAMER DOUGLAS. *The Early Masonic Catechisms,* Manchester, 1943 e reedições, 1963 e 1975.

———. *The Medieval Mason,* Manchester, 1967.

KOYRÉ ALEXANDRE. *Études Newtoniennes,* NRF Gallimard, 1968.

———. *Du monde clos à l'univers infini,* John Hopkins Press, 1957, PUF, 1962 e Tel Gallimard, 1973.

LAMARQUE, Pierre. *Grand Orient de France et Grande Loge de Clermont au XVIII siècle,* em "La Commission d'Histoire du GODF", nº. 9, março de 1974.

LANTOINE, Albert. *Histoire de la Franc-maçonnerie française: la franc-maçonnerie chez elle,* Nourry, 1925 (3 volumes).

LA TIERCE. *Les Constitutions d'Anderson,* 1742, Paris e reedição Romillat, 1993 e 2002.

LE BIHAN, Alain. *Francs-maçons et ateliers parisiens de la Grande Loge de France au XVIII siècle (1760-1795),* Biblioteca Nacional, 1973.

———. *Francs-maçons parisiens du Grand Orient de France (fin du XVIII siècle),* Biblioteca Nacional, 1966.

———. *Loges et Chapitres de la Grande Loge e du Grand Orient de France (deuxième moitié du XVIII siècle),* Biblioteca Nacional, 1967.

LEPAGE, Marius. *L'Ordre et les Obédiences,* Dervy, 1956, reedição, 1993.

LIGOU, Daniel. *Histoire des Francs-maçons en France,* Privat, 1981.

———. *L'opposition du Grand Orient de France à l'introduction du Rite écossais Rectifié, 1775-1789,* em Renaissance Traditionnelle, nº. 11, julho de 1972.

———. *Notules sur l'histoire de la Franc-maçonnerie du Grand Orient de France, de 1789 à 1848,* em Humanisme nº. 97-98, julho-outubro de 1973.

———. *Pages d'histoire,* em Humanisme nº. 99, janeiro de 1974.

LOMAS, Robert. *The Invisible College,* Headline Book, Londres, 2002.

LUQUET, Georges. *Grande Loge d'Angleterre et Grand Orient de France* em "Grand Collège des Rites", suplemento ao "Bulletin des Ateliers Supérieurs", nº. 37 (1952).

LYONS, H. *The Royal Society 1660-1940,* Cambridge University Press, 1944.

MACKENZIE, Kenneth. *The Royal Masonic Cyclopaedia,* Aquarian Press 1877, reedição, 1987.

MAINGUY, Irène. *La symbolique maçonnique du troisième millénaire,* Dervy, 2001 (3ª edição, 2003).

MANUEL, Franck. *A Portrait of Isaac Newton,* Bleknapp Press, 1968, e *The Religion of Isaac Newton,* Clarendon Press, 1974.

MARCOS, Ludovic. *Histoire du rite français au XVIII siècle,* Edimaf, 2000.

MARCY, Henri-Félix. *Essai sur l'origine de la franc-maçonnerie et l'histoire du Grand Orient de France,* Edimaf, 1986.

MARTIN, Gaston. *Manuel d'histoire de la franc-maçonnerie française 1721-1929,* Paris, PUF, 1934.

MAURY, Jean-Pierre. *Newton et la mécanique céleste,* Découvertes Gallimard, 1990.

MILES, Roger. *Science, Religion and Belief, The Clerical Virtuosity of the Royal Society of London 1663-1687,* Petezr Lang, New York, 1992.

MOURGES, Jean. *La Franc-Maçonnerie, société initiatique des temps modernes,* Dervy, 2002.

———. *La pensée maçonnique, une sagesse pour l'Occident,* PUF, 1988 (5ª edição, 1999).

MURAY, Philippe. *Le XIX siècle à travers les âges,* Denoël, 1984 e Tel Gallimard, 1999.

NAUDON, Paul. *Les Origines religieuses et corporatives de la Franc-Maçonnerie,* Dervy, 1984.

NEWTON, Isaac. *Observations upon the Prophecies of Daniel and the Apocalypse of Saint John,* Darby e Brown, 1783, reedição Oregon Institute for Science and Medicine, 1991 e 2000 e suas obras completas.

PORSET, Charles. *Les premiers pas de la franc-maçonnerie en France au XVIII siècle,* Edimaf, 2000.

POUILLE, Armand. *Des Maçons médiévaux aux compagnons d'aujourd'hui,* Grancher, 2002.

PURVER, Margery. *The Royal Society,* Routledge Londres, 1967.

Quilliet, Bernard. *La tradition humaniste,* Fayard, 2002.

RAGON, Jean-Marie. *Orthodoxie Maçonnique, suivie de la Maçonnerie occulte et de l'initiation hermétique,* Dentu, agosto de 1853.

RAMSAY, Andrew M. *Principes philosophiques de la religion naturelle et révélée,* 1748 em Glasgow, reeditado por Honoré Champion, 2002.

———. *Les voyages de Cyrus,* publicado em 1727 em Paris, reeditado por Honoré Champion, 2002.

REBOLD, Emmanuel. *Histoire des trois grandes loges de Francs-maçons: Le Grand Orient, le Suprême Conseil, la Grande Loge nationale,* Collignon, 1864.

REVAUGER, Cécile. *La querelle des anciens et des modernes: le premier siècle de la franc-maçonnerie anglaise,* Edimaf, 1999.

ROSSI, Paoli. *Hermeticism, Rationality and the Scientific Revolution* em *Reason, Experiment and Mysticism in the Scientific Revolution,* Science History Publications, 1975.

RUPPERT, Hall A., *Henry Moone and the scientific revolution,* Cambridge University, 1990.

SCHWARTZ, Hillel. *The French Prophets,* University of California Press, 1980.

SEIFE, Charles. *Zéro,* J.-C. Lattès, 2002.

SPRAT, Thomas. *History of the Royal Society,* 1677, reedição de Routledge e Kegan, 1959.

STEVENSON, David. *Les premiers francs-maçons,* Ivoire Clair, 2000 para a edição francesa.

———. *Les origines de la franc-maçonnerie, le siècle écossais,* Télètes, 1993.

TEDER. *L'irrégularité du G.O.D.F.* (origens reais da Franco-Maçonaria), Beaudelot, 1909.

THORY, Claude Antoine. *Histoire de la fondation du Grand Orient de France,* Jeanne Laffitte, 1981.

VAN KLEY, Dale. *Les origines religieuses de la Révolution Française,* Yale University Press, 1996 e Seuil, 2002.

VERLER, Loup. *La Malle de Newton,* NRF Gallimard, 1993.

VIDAL-FEZANDIE. *Essai historique sur la Franche-maçonnerie depuis son origine jusqu'à nos jours,* Bordeaux, Lawalle-Neveu, 1830.

WESTFALL, Richard. *Newton,* edição inglesa Cambridge University Press, 1980 e 1993, e francesa Flammarion, 1994.

WHITE, Michael. *Isaac Newton, The Last Sorcerer,* Perseus Books, 1997.

YARKER, John. *The Arcane School,* Belfast, William Tait, 1909.

YATES, Frances. *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition,* Routledge Londres, 1961, versão francesa na Dervy, 1988.

———. *The Rosicrucian Enlightenment,* Routledge, 1972.

———. *The Occult Philosophy in the Elyzabethan Age,* Routledge, 1979 e Classics, 2001.

———. *The Art of Memory,* Routledge, 1966.

L'Histoire, número especial, *Les francs-maçons,* julho-agosto de 2001.

Na busca pelos fatos históricos das origens da Franco-Maçonaria, Bauer concluiu que a história da Maçonaria é recheada de manipulações e, por isso, dedicou-se para encontrar o elo que explicasse o passado, a chave que desbloqueasse a trava da verdadeira tradição, a ferramenta que liberasse a memória. Ele conclui: "A *Royal Society* e Robert Moray constituem, provavelmente, os elementos de construção dessa outra história da Franco-Maçonaria, que nos liga progressivamente a Isaac Newton".

O resultado dessa pesquisa do autor pode ser apreciado agora nesta obra, que a Madras Editora tem a satisfação de trazer ao público de língua portuguesa, como mais um instrumento para os estudos maçônicos.

O NASCIMENTO DA FRANCO-MAÇONARIA

ISAAC NEWTON E OS NEWTONIANOS

Censurando um grande número de autores da Franco-Maçonaria por copiar e recopiar os erros de seus antecessores sem verificá-los, Alain Bauer, Grão-Mestre do Grande Oriente da França, voltando-se às origens da Franco-Maçonaria, apresenta o contexto histórico, social e religioso que se transformou na Maçonaria Especulativa moderna.
Ao contrário das hipóteses que consideram a Maçonaria Especulativa como a herdeira direta da Franco-Maçonaria profissional, chamada Operativa, o autor expressa a possibilidade estabelecida por diversos documentos inéditos ou redescobertos de que a Franco-Maçonaria Especulativa foi, de fato, uma "invenção" dos amigos de Isaac Newton, célebre cientista, mas alquimista desconhecido.
Longe de ser uma afirmação dogmática da verdade, este livro, obra de um pesquisador e historiador, abre pistas ainda não exploradas sobre a história da Franco-Maçonaria européia.

ISBN 978-85-370-0357-2
9 788537 003572